

**UNIVERSIDADE PAULISTA - UNIP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

FERNANDO ANTÔNIO RODRIGUES NEVES

***FOLHA DE S. PAULO NA COBERTURA DA GUERRA DA RÚSSIA VERSUS
UCRÂNIA (2022-2024):
DILUIÇÃO DO REAL E PÓS-VERDADE***

SÃO PAULO

2025

FERNANDO ANTÔNIO RODRIGUES NEVES

**FOLHA DE S. PAULO NA COBERTURA DA GUERRA DA RÚSSIA VERSUS
UCRÂNIA (2022-2024):
DILUIÇÃO DO REAL E PÓS-VERDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista – UNIP, como requisito para obtenção do título de mestre em Comunicação.

Orientadora: Profa. Dra. Barbara Heller

SÃO PAULO

2025

Neves, Fernando Antônio Rodrigues.

Folha de S. Paulo na cobertura da guerra da Rússia versus Ucrânia (2022-2024): diluição do real e pós-verdade / Fernando Antônio Rodrigues Neves. - 2025.

133 f. : il.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista, São Paulo, 2025.

Área de concentração: Jornalismo e Memória.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Barbara Heller.

1. Jornalismo. 2. Memória. 3. Pós-verdade. I. Heller, Barbara (orientadora). II. Título.

Ficha elaborada pelo Bibliotecário Rodney Eloy CRB8-6450

FERNANDO ANTÔNIO RODRIGUES NEVES

**FOLHA DE S. PAULO NA COBERTURA DA GUERRA DA RÚSSIA VERSUS
UCRÂNIA (2022-2024):
DILUIÇÃO DO REAL E PÓS-VERDADE**

:

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista – UNIP, como requisito para obtenção do título de mestre em Comunicação.

Aprovado(a) em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Barbara Heller
Universidade Paulista - UNIP

Profa. Dra. Carla Montuori
Universidade Paulista - UNIP

Profa. Dra. Marli dos Santos
Faculdade Cásper Líbero

Agradeço

À minha **mãe** Gilda Helena, jornalista e publicitária, porque sim.

Ao meu **pai**, José Antônio, por ser um excelente professor.

Aos meus **irmãos**, Antônio e Luis Antônio, por serem meus irmãos.

Aos meus **amigos**, que não são muitos mas que me recebem no afeto deles, por estarem presentes mesmo na ausência.

À minha **escola eterna**, o Colégio Pedro II, pela honra de ter estudado no melhor colégio do Brasil.

A Robert Stephenson-Smith Baden-Powell pela **ideia genial** de criar o Escotismo.

E às minhas **filhas gêmeas**, Clara e Estela, que entendem meus muitos erros mas que, com perseverança, cavam sempre em mim alguma qualidade que me torna todo dia a melhor versão de mim mesmo.

Agradeço ao programa CAPES/PROSUP pela bolsa recebida

“Aqui é o Oeste, senhor. Quando a lenda é maior que o fato, publique-se a lenda”

(O homem que matou o facínora, 1962)

RESUMO

Discursos revelam diferentes posições dos sujeitos que os enunciam, com interpretações variadas e, como explica Eni Orlandi, podem prestar-se à “diluição do real” (2021 p.5), quando “fatos e eventos se exaurem em versões” (2021, p.5). Isso leva a uma versão particular de verdade que se sustenta mais nas emoções e opiniões que nos acontecimentos, a chamada “pós-verdade”. O termo indica a pouca influência dos acontecimentos para formar reflexões e, como explicado por Juliana Rivera, “muito do que se afirma hoje como verdadeiro já não tem nenhuma base na realidade” (2017, p. 52). Estudiosos como Michel Pollack (1992) e Beatriz Sarlo (2003) desassocia verdade e memória, uma vez que nos lembramos de eventos de forma flexível, dependendo do contexto e dos traumas. Marianne Hirsch (2008) formula o conceito da pós-memória “como uma estrutura de transmissão inter e transgeracional de conhecimento e experiência traumática” (p.106) para entender a formação de lembranças a partir de fatos não vivenciados em primeira pessoa. O trauma tem papel relevante porque, para Hirsch (2008), ele tem influência no desenvolvimento da memória. Jornalistas passam pelas mesmas influências e, não raro, contaminam seus textos com suas crenças. A imprensa torna-se plataforma de reprodução de ideologias hegemônicas, repetindo imagens pré-concebidas em detrimento da análise crítica e exposição dos contraditórios, que permite ao leitor fazer seu julgamento. Para entender o fenômeno a dissertação analisa 75 matérias publicadas na *Folha de S. Paulo* entre 24 de fevereiro de 2022 e 24 de fevereiro de 2024, selecionadas pelo Google Trends com índice 100 de popularidade, sobre os dois primeiros anos da guerra entre Ucrânia e Rússia. A pesquisa analisa esse corpus à luz da Análise do Discurso de linha francesa, somada à análise interpretativa; e aos conceitos dos estudos sobre memória e teoria do jornalismo. O trabalho mostra que o jornal atua como reprodutor da ideologia hegemônica da Guerra Fria, fornecida pelas agências ocidentais de notícias, mesmo ela tendo se encerrando em 1991, sem apresentar os contraditórios para a formação de conclusões críticas.

Palavras-chave: Guerra Ucrânia contra Rússia. *Folha de S. Paulo*. Jornalismo. Pós-verdade. Pós-memória.

ABSTRACT

Discourses reveal different positions of the subjects who enunciate them, with varied interpretations and, as explained Eni Orlandi, can lend themselves to the “dilution of reality” (2021 p.5), when “facts and events are exhausted in versions” (2021, p.5). This leads to a particular version of truth that is based more on emotions and opinions than on events, the so called “post-truth”. The term indicates the little influence of events in forming reflections and, as explained by Juliana Rivera, “much of what is claimed as true today no longer has any basis in reality” (2017, p. 52). Memory formation is affected if memories are formed based on particular truths. Scholars such as Michel Pollack (1992) and Beatriz Sarlo (2003) dissociate truth and memory, since we remember events flexibly, depending on the context and traumas. Marianne Hirsch (2008) formulates the concept of post-memory “as a structure of inter- and transgenerational transmission of traumatic knowledge and experience” (p.106) to understand the formation of memories from facts not experienced in the first person. Trauma plays a relevant role because, for Hirsch (2008), it has an influence on the development of memory. Journalists are subject to the same influences and, not infrequently, contaminate their texts with their beliefs. The press becomes a platform for the reproduction of hegemonic ideologies, repeating preconceived images to the detriment of critical analysis and exposure of contradictions, which allows the reader to make their own judgment. To understand the phenomenon, the dissertation analyzes 75 articles published in *Folha de S. Paulo* between February 24, 2022 and February 24, 2024, selected by Google Trends with a popularity index of 100, about the first two years of the war between Ukraine and Russia. The research analyzes this corpus in light of French Discourse Analysis, combined with interpretative analysis; and concepts from studies on memory and journalism theory. The work shows that the newspaper acts as a reproducer of the hegemonic ideology of the Cold War, provided by Western news agencies, even though it ended in 1991, without presenting the contradictions for the formation of critical conclusions.

Keywords: Ukraine vs. Russia War. *Folha de S. Paulo*. Journalism. Post-truth. Post-memory.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 – Pesquisa utilizando as palavras-chave “Guerra da Ucrânia versus Rússia” (Mestrado e Doutorado)	13
Figura 2 – <i>Folha de S. Paulo</i>, edição impressa, 16 de outubro de 1962	29
Figura 3 – Google Trends	55

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	CAPÍTULO 1 - Memória, verdade, pós-memória e pós-verdade	18
3	CAPÍTULO 2 - O que é notícia?	39
4	CAPÍTULO 3 - O primeiro ano: guerra europeia no século XXI	55
5	CAPÍTULO 4 - Segundo ano: cai o interesse do leitor	84
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
	REFERÊNCIAS	108

1. INTRODUÇÃO

Vivemos um tempo de acesso abundante à informação graças à tecnologia que conecta o mundo em um clique. Nada mais está distante e nunca o termo aldeia global, apresentado ao mundo em 1964 pelo filósofo canadense Marshall McLuhan¹, foi tão definidor. Pessoas estão mais próximas, países mais conectados e a troca de informações acontece em tempo real. O reflexo no jornalismo é ambíguo.

Por um lado, abriu aos repórteres acesso imediato a um volume elevado de informações do mundo inteiro. Dados podem ser cruzados, referências são buscadas e, se estiver online, a depender das plataformas em que estiverem acomodados, o conteúdo é acessado. Tudo ao alcance dos dedos que pressionam as teclas do computador.

Por outro, criou uma situação em que os profissionais ficaram distantes do local do acontecimento. Ou seja, deixaram de ser as testemunhas oculares da história, como o dito em um dos slogans do *Repórter Esso*² a respeito do trabalho jornalístico. Um fato³ ocorrido em qualquer parte do planeta pode ser noticiado sem que o repórter levante de sua cadeira à frente do computador para apurá-lo. Para Agnez (2015):

O jornalismo internacional, que desde o século XVII se apresenta como alternativa para se obter informações de outras partes do mundo, contou com a evolução tecnológica para acelerar, facilitar e modificar as formas de circulação das notícias do exterior. (2015, p. 315)

Essa situação contraria a prática cotidiana da profissão, segundo a qual o repórter, a ponta na linha de produção, vai em busca da notícia fora da redação. Atualmente a pesquisa por informações sobre um acontecimento ocorrido no exterior pode ser realizada pelo cruzamento de fontes contraditórias, não raro, a partir do que

¹ O filósofo canadense Marshall McLuhan cunhou o termo "aldeia global" em 1964 quando apresentou a ideia no livro "Understanding Media: The Extensions of Man". Nele teorizou que a tecnologia aplicada aos meios de comunicação reduziria as distâncias entre as pessoas tornando o mundo uma aldeia. Disponível em: <https://encurtador.com.br/sljhT>. Acesso em 11 mar. 2025

² O *Repórter Esso* foi um programa de rádio que estreou em 28 de agosto de 1941 e era patrocinado pela Standart Oil Company of Brazil, empresa de petróleo estadunidense. O conteúdo era supervisionado pela agência de publicidade McCann-Erickson e produzido pela agência de notícias United Press Associations (UPA), tornando-se uma das principais fontes do noticiário hegemônico ocidental para o Brasil. O slogan foi citado como ilustração de que um dia ser testemunha ocular da história era o procedimento natural da imprensa, sem intenção de validar a presença da mídia hegemônica. Disponível em: <https://encurtador.com.br/TwBHC>. Acesso em: 11 mar. 2025

³ Fato: dizer que o jornalismo trabalha com fatos significa afirmar que ele trabalha com um recorte da realidade, (p.62). Acontecimento: situado no tempo e no espaço (p.61). SPONHOLZ, Liriam. O que é mesmo um fato? Conceitos e suas consequências para o jornalismo. Revista Galáxia, n. 18, p. 56-69, dez. São Paulo. 2009. Disponível em: <https://shre.ink/bTr9>. Acesso em: 18 fev. 2025

foi noticiado na região onde o fato se deu⁴. Embora o ideal seja a apuração em campo, onde a notícia acontece, nem sempre isso é possível por várias razões, como falta de recurso do veículo de imprensa, falta de tempo para enviar alguém para apurar, falta de pessoal qualificado para a tarefa, por ser zona de guerra etc.

A redação final do material, caso não seja utilizado na íntegra, cabe a um jornalista do veículo, que está fisicamente distante de onde o fato ocorreu. Na execução de seu trabalho, ele sempre introduzirá sua opinião, porque, segundo Genro (2005), “mesmo para apreender os fatos ‘tais como são’ entra em jogo uma complexa elaboração mental e uma perspectiva (...) feita consciente ou inconscientemente” (2005, p. 177). Portanto, não se pode conceber o texto jornalístico, da apuração à redação, sem que ele traga em si alguma parte de quem o escreve. Genro (2005) aponta que o ponto de vista do profissional, mesmo que ele não tenha a intenção manifesta de introduzi-lo no texto, surge naturalmente:

Colocar a questão da possibilidade do jornalista evitar a opinião na captação e transmissão da realidade, como se a opinião fosse alguma coisa estranha a esse processo, é falsificá-la antes de qualquer tentativa de solução. Tal tipo de “objetividade” exigiria não só critérios extra-sociais, mas também homens extra-critérios – deuses –, que tivessem referenciais absolutos. (2005, p.175)

Segundo Eni Orlandi (2021), essa situação abre a possibilidade de ser introduzida no texto jornalístico a ideia pré-concebida. Ela orienta os redatores na interpretação dos acontecimentos em curso, de forma a criar a argumentação que a sustenta. No jargão jornalístico trata-se de uma “matéria com lead pronto”, ou seja, não se realiza a apuração mas a busca por declarações que confirmem a verdade cristalizada anteriormente. Isso significa que, não raro, os textos trazem alguma imagem definida a respeito de algo, alguém ou, no caso desse trabalho, de um país, a Rússia desde que invadiu a Ucrânia, em 24 de fevereiro de 2022, e deu início à guerra que persiste até o presente momento (março de 2025).

Nesse caso a imprensa torna-se mera plataforma de reprodução de linhas ideológicas hegemônicas. Os veículos de comunicação convertem-se em agentes de

⁴ As formas de apurar uma informação no exterior são: correspondentes internacionais, enviados especiais, freelancers (colaboradores não contratados e remunerados por cobertura), agências internacionais, Jornalistas independentes, contratação de “nativos” em outros países, compra de produções jornalísticas locais, assinatura de veículos internacionais e jornalismo cidadão, ou seja, a produção de conteúdo por amadores (AGNEZ, 2015, p.315 e 316)

repetição e reafirmação de imagens pré-concebidas em detrimento da análise crítica do fato ou, de outra forma, pela exposição dos contraditórios, permitindo ao leitor conhecer os vários lados da questão e fazer seu julgamento.

Jornais muitas vezes têm sido pesquisados como fontes históricas, por conta de sua natureza de registrar os fatos em tempo real, ainda que sofram influência da subjetividade dos autores das matérias, da linha editorial da empresa jornalística, dos seus meios de produção e de circulação. É importante deixar claro que as publicações periódicas contribuem para os historiadores investigarem o passado, mas não são documentos totalmente confiáveis, uma vez que reproduzem as formações discursivas dos jornalistas, conforme suas crenças e demais atravessamentos, haja visto não haver linguagem neutra.

Entender a dinâmica da imprensa na produção do noticiário é importante para compreender o resultado, ou seja, as notícias. Vemos em Traquina (2005) critérios de noticiabilidade que nos ajudam a entender como um assunto vira notícia, enquanto outro é esquecido e “questiona o conceito das notícias como espelho da realidade” (2005, p.19). Outra referência bibliográfica dessa dissertação, José D’Assunção Barros, também apresenta sua visão crítica dos veículos de comunicação como fontes históricas, segundo o qual “podemos entender os jornais, já de saída, como poderosos instrumentos que são utilizados por forças diversas para agir sobre a história” (2023, p.12).

Assim, esta pesquisa debruça-se sobre o papel da imprensa, no caso o jornal *Folha de S. Paulo*, na cobertura de um tema atual, ainda em andamento, carregado da visão estabelecida nos anos da Guerra Fria. O trabalho coloca em questão como o jornal, que tem uma declaração pública de princípios jornalísticos chamada Projeto Editorial, cede à influência da mídia hegemônica. Mostra também os jornalistas que cobrem o tema produzindo textos impregnados de “verdades” a respeito da Rússia que, à luz da discussão feita nesta dissertação, são exemplos de manifestações de pós-verdade e pós memória.

Durante a pesquisa detectamos a presença da ideologia hegemônica ocidental, analisamos o noticiário da guerra Ucrânia contra Rússia, produzido nos dois primeiros anos do conflito. Toda a cobertura foi realizada remotamente sem a presença dos jornalistas no teatro de operações e, por isso, apoiada no noticiário produzido por agências noticiosas ocidentais, porque a *Folha de S. Paulo* não assina serviços de

informação jornalística da Rússia ou de qualquer outro país do Leste europeu.

O tema, a Guerra Ucrânia versus Rússia, é inédito como mostra pesquisa realizada no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes em 11 de março de 2025, utilizando as palavras-chave “Guerra da Ucrânia versus Rússia”.

Fig. 1. Pesquisa utilizando as palavras-chave “Guerra da Ucrânia versus Rússia” (Mestrado e Doutorado)



Fonte: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>

Outro aspecto relevante é por ser um acontecimento em curso, inacabado, com os elementos da ideologia hegemônica presentes no noticiário, mais de 30 anos depois do fim da Guerra Fria, situação de quase beligerância entre os EUA e seus aliados contra a URSS e seus aliados, que foi de 1945 a 1991. Trata-se de um período da história do século XX que tem seus reflexos na contemporaneidade na medida em que ainda faz enxergar os EUA como o lado dono da razão em qualquer situação, diplomática ou belicosa, contra qualquer outro país. A Rússia, um dos países surgidos com o fim da URSS em 1991, herdou a imagem de adversário dos EUA e, com isso, é posta costumeiramente em situação desfavorável no noticiário internacional.

O jornal *Folha de S. Paulo* foi escolhido como corpus dessa pesquisa por conta de sua posição de destaque no cenário da imprensa nacional. Segundo o IVC –

Instituto de Verificação de Circulação –, em 2023 o jornal registrou 755.547 leitores pagos na versão digital e 796.088 na versão impressa. Outro aspecto importante é a credibilidade do material veiculado pelo jornal. De acordo com o levantamento de 2024, do Reuters Institute Digital News Report, as matérias publicadas pela *Folha de S. Paulo* apresentam 54% de credibilidade⁵.

A seleção dos dias para coleta do material da versão on-line deu-se por meio da ferramenta de pesquisa *Google Trends*⁶ que analisa uma amostra de pesquisas do *Google*, na Web, que determina a popularidade do assunto pesquisado durante um período de tempo. Não é um número absoluto pois a plataforma, por regras próprias, não informa o número real de acessos na modalidade gratuita do *Google Trends*, utilizada para esse trabalho. Para essa dissertação, fizemos a busca a partir de “Guerra da Ucrânia” e consideramos toda matéria a respeito do tema com índice igual a 100 que é o pico de popularidade que o termo teve naquele dia entre as pesquisas feitas pelos usuários do *Google*.

O arco temporal de pesquisa compreendeu o noticiário publicado entre 24 de fevereiro de 2022 e 24 de fevereiro de 2024, correspondente aos dois primeiros anos da guerra. Nesse espaço de tempo selecionamos 75 matérias, sendo 51 no primeiro ano e 24 no segundo, cujos títulos e textos analisamos integralmente. A escolha foi feita dessa maneira porque o conflito ainda está em andamento.

Separamos o primeiro ano de textos do segundo ano em capítulos distintos, dado que, de um período para o outro, houve uma queda significativa de interesse dos leitores. A situação é resultado do levantamento feito com a ferramenta *Google Trends* e está apresentada no Capítulo 4.

O estudo segue a metodologia da Análise do Discurso de linha francesa, contemplando os 75 textos e títulos das matérias selecionadas na *Folha de S. Paulo* (2022-2024) sobre a guerra Ucrânia versus Rússia redigidas e assinadas por repórteres do veículo. O noticiário é composto por matérias escritas por seus jornalistas que usam material recebido das agências estrangeiras, haja visto que o jornal não enviou, nos dois primeiros anos da guerra, seu pessoal para cobrir diretamente o conflito. O trabalho lança mão também de análise interpretativa, a partir dos conhecimentos prévios do autor, e dos conceitos do campo dos estudos sobre

⁵ Disponível em: <https://shre.ink/bc8O>. Acesso em: 28 dez. 2024

⁶ Disponível em: <https://shre.ink/bcrm>. Acesso em: 19 fev. 2025

memória e teoria do jornalismo, bem como das referências teóricas selecionadas a partir dos conceitos básicos de diluição do real, pós-verdade, pós-memória, noticiabilidade, mídia hegemônica, Guerra Fria e guerra por procuração, a fim de verificar sua presença no noticiário.

A dissertação está dividida em quatro capítulos, sendo os dois primeiros dedicados à discussão teórica e os dos seguintes à análise do corpus.

O Capítulo 1 discute o que é memória e verdade bem como os conceitos desenvolvidos na contemporaneidade sobre pós-memória e pós-verdade, fenômenos que sempre existiram na história muito antes de serem teoricamente formulados entre o final do século XX e o início do XXI. A formação de lembranças é um processo complexo porque a vivência e a maneira de enxergar o mundo determinam o grau de detalhes que a memória terá, assim como sua acuidade.

Mostramos como a estratégia de formação de consenso insere-se na criação de pós-memória e pós-verdade, como instrumento de dominação da sociedade pelo Estado, trazendo à discussão o exemplo histórico apresentado por Chomsky (2013), sobre a criação da Comissão Creel, que corrobora o raciocínio.

Apresentamos ainda o caso da pior crise vivida por EUA e URSS, em que a versão em vigor ainda nos dias de hoje é a chamada “crise dos mísseis em Cuba”, de 1962. A situação de quase guerra entre duas superpotências, no entanto, começou um ano antes com uma ação beligerante dos Estados Unidos, como está descrito na dissertação. Um exemplo que mostra a força da mídia hegemônica influenciando a formação da memória de gerações que, a despeito dos fatos históricos, opta por armazenar uma lembrança alinhada ao conceito de pós-memória, onde a verdade deixa de ser prioridade no processo de reflexão para entender os acontecimentos. Para desenvolver esse capítulo apoiamo-nos em Orlandi, Hirsch, Halbwachs, Pollack, Rivera e Seixas.

O Capítulo 2 discute o que é notícia e o conceito de noticiabilidade, dois aspectos fundamentais da atividade jornalística. Mostramos todos os aspectos considerados na produção de noticiário desde a seleção do acontecimento com potencial de ser transformado em notícia até estratégias de tratamento do material apurado, de maneira a conquistar a atenção do leitor.

Mostramos também as origens do texto jornalístico, que remontam a um tempo anterior à formulação do termo, quando ainda era conhecido como relato dos fatos.

Também apresentamos o Projeto Editorial da *Folha de S. Paulo*, a referência para apuração e redação de matérias de seus profissionais. O capítulo é desenvolvido a partir dos raciocínios de Traquina, Peucer, Sousa, Silva, Bosi e Araujo.

O Capítulo 3 analisa as 51 matérias publicadas no primeiro ano da guerra e que estão em acordo com o critério de seleção que determinamos ao usar a ferramenta *Google Trends*, ou seja, os textos publicados que atingiram índice 100 de popularidade.

A análise se apoia nas referências bibliográficas apresentadas e mostra um panorama dos acontecimentos de 24 de fevereiro de 2022 a 24 de fevereiro de 2023, permitindo visualizar o desenvolvimento da guerra, criticando a cobertura feita pela *Folha de S. Paulo*, a partir da leitura de todos os títulos e textos das 51 matérias. Observa-se uma onda de interesse maior nos primeiros meses após a invasão e que vai perdendo força até o final do período.

O Capítulo 4 analisa as 24 matérias veiculadas no segundo ano da guerra, quando o interesse pela pauta caiu. O volume de matérias analisadas no período equivale a menos da metade do estudado no primeiro ano de guerra. Entendemos que houve queda de interesse no assunto por parte do leitor, detectado pelo indicador escolhido, a ferramenta *Google Trends*, e a razão poderia ser o aumento de tensão em Israel e Gaza, a partir da invasão do grupo Hamas em território israelense em 7 de outubro de 2023 e as reações devastadoras do exército sobre esse território. Ou seja, guerras simultâneas nem sempre ganham o mesmo destaque, pelo menos na *Folha de S. Paulo*, mas não faz parte do escopo do trabalho analisar por que algumas ganham mais destaque que outras.

2. CAPÍTULO 1 - Memória, verdade, pós-memória e pós-verdade

“Aqui é o Oeste, senhor. Quando a lenda é maior que o fato, publique-se a lenda” (O homem que matou o facínora, 1962)

A epígrafe que abre esse capítulo foi pronunciada pelo ator Joseph Hoover no filme *“O homem que matou o facínora” (The Man Who Shot Liberty Valance, 1962)*, dirigido por John Ford, clássico do gênero western do cinema estadunidense. Essa frase emblemática revela uma faceta curiosa da imprensa que persiste até hoje: o lugar-comum (“lenda”) pode sobrepor-se à notícia (“fato”).

No caso do filme o fato é a verdadeira autoria da morte de um notório criminoso que assolava os territórios do Oeste dos Estados Unidos em expansão no século XIX. Na obra, o crédito é dado a um homem que, apesar de ter participado da ação contra o criminoso, na verdade, errou o tiro sem que ninguém ficasse sabendo disso. A atribuição falsa projetou-o politicamente.

A citação dessa passagem de uma obra cinematográfica exemplifica como a arte pode representar um aspecto da vida contemporânea, mesmo tendo sido produzida há mais de 60 anos: a diluição do real pela força do imaginário. Os contextos em que essa situação acontece têm se repetido inúmeras vezes e em diversos países.

Um exemplo clássico é a atribuição de autoria da frase “Rouba, mas faz” a Adhemar Pereira de Barros (1901-1969), governador de São Paulo em três períodos⁷, quando, na verdade, foi de seu adversário político, Paulo Alfeu Junqueira Duarte. Conforme observa Luiza Cotta, mestra em História pela Universidade de São Paulo, nem ele concordava com o sentido atribuído a tal enunciado:

Ele defendia que Adhemar nunca construiu coisa alguma. A essa peta⁸ foi dado foro de verdade para o 'slogan' incrível de 'rouba, mas faz', escreveu. "A verdadeira fórmula ademarista, entretanto, deveria ser:

⁷ Governador de São Paulo pela primeira vez de 27 de abril de 1938 a 4 de junho de 1941, pela segunda de 14 de março de 1947 a 31 de janeiro de 1951 e pela última de 31 de janeiro de 1963 a 6 de junho de 1966. Também foi prefeito da capital de 8 de abril de 1957 a 7 de abril de 1961. Disponível em: <https://l1nk.dev/5MMXE>. Acesso em: 10 jun. 2024.

⁸ Ausência de verdade; mentira, fraude, logro. *Dicionário Online de Português*. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/peta>. Acesso em: 16 jan. 2025

'rouba e nada fez'.(2008, p.96)

A circulação da mensagem “rouba, mas faz” reforça uma versão dos acontecimentos considerada inverídica, como ocorre no filme de John Ford. Com o passar dos anos ela foi sendo atribuída a outros personagens da política brasileira, inclusive, a personalidades situadas em campos opostos do espectro partidário, como Paulo Salim Maluf, da então Aliança Renovadora Nacional (Arena), em sua atuação como governador (1979-1982); e Luis Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores (PT), em sua primeira passagem pela Presidência da República (2003-2006).

A consolidação desse bordão, um dos mais conhecidos da política brasileira, resultou da confluência da memória individual e coletiva, como formula Halbwachs ([1945]):

Se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias (1990, p.25)

Não à toa, estudiosos como Pollack (1992) e Sarlo (2003), entre outros, desassocia verdade e memória, uma vez que nos lembramos de eventos de forma flexível, dependendo do contexto e dos traumas. Para Sarlo “se já não é possível sustentar a verdade, florescem em troca umas verdades subjetivas cujo argumento é a rememoração do vivido” ([2003], 2021, p.22)⁹.

Para entender como se dá a diluição da verdade, ponto de partida dessa dissertação, é importante primeiro conhecer o que é a memória categorizada por Pollak (1992) como individual e coletiva:

Em primeiro lugar (memória individual), são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar (memória coletiva), são os acontecimentos que eu chamaria de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer (1992, p.2)

⁹ No original em espanhol: *Si ya no es posible sostener una verdad, florecen en cambio unas verdades subjetivas cuyo argumento es la rememoración de lo vivido.* (2021, p.22)

O registro na memória de uma pessoa é naturalmente sempre diferente de outra por ser fruto da observação de cada um. Nenhum par de olhos ou ouvidos capta da mesma forma o acontecimento e muito menos interpreta, entende e armazena dados e informações da mesma forma. As múltiplas versões do mesmo fato formam lembranças que, não raro, são memórias imprecisas a respeito dos acontecimentos. Tanto os conhecimentos, vivências, opiniões anteriores, quanto o estado emocional, influenciam a maneira como são observados os fatos novos. Segundo Pollak (1992):

A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória (1992, p.4)

Portanto a precisão das lembranças varia conforme o assunto tratado, o grau de interesse nele, o volume de informações a que se tem acesso, a capacidade de interpretá-las e o estado de espírito. A vivência e a maneira de enxergar o mundo podem determinar o grau de detalhamento da memória que vamos armazenar. Em alguns casos, a lembrança pode nem ser efetivamente guardada por todos e ser descartada por alguns. Em outros, serão recordações muito vívidas e detalhadas, fruto do interesse de quem as armazenou, seja por interesse consciente, seja por ser tema com afinidade a outras lembranças anteriores. Afinal, nem tudo o que acontece efetivamente interessa a todos ao mesmo tempo.

Um caso emblemático estudado por Pollak foi a lembrança entre os moradores de cidades do interior da França a respeito da data de celebração do fim da Segunda Guerra Mundial na Europa, em 8 de maio de 1945, um acontecimento de interesse para toda a população europeia. Para alguns a data de fim do conflito era 25 de agosto de 1944. Porém, esse é o dia em que Paris foi libertada pelos exércitos aliados estadunidenses e franceses. Para outros, curiosamente, celebrar o fim da guerra era festejar o dia 11 de novembro, data que marca o final do conflito anterior, a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Pollak explica assim essa diferença: “Sabe-se que a França foi libertada por etapas. Em consequência, a data da vivência da Libertação e do fim da guerra não é a mesma para todos” (POLLAK, 1992, p.4).

Dessa forma vemos que a acuidade das informações armazenadas pode, eventualmente, ficar comprometida quando espaços relativos à memória individual são preenchidos pela memória coletiva. No entanto essas memórias coletivas não são

criações ficcionais mas elaborações baseadas em fatos semelhantes, armazenados nas lembranças e ativados conforme o contexto e os gatilhos pessoais.

O fato de todas as pessoas ouvidas por Pollak saberem que a Segunda Guerra Mundial tinha uma data certa de término, mas não conseguirem concordar qual seria, mostra a relativa acuidade de suas memórias. Seriam então respostas mentirosas? Não. Apesar de imprecisas, em comparação com a documentação hegemônica da história, são apenas fruto da visão de cada um e de sua conexão com as emoções quando passaram pelo acontecimento.

Em trabalho publicado no Brasil em 1990, Jacques Le Goff identificou a influência de nosso estado de espírito como uma variável importante na formação das lembranças:

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (1990, p. 366)

Esse processo, em que acontecem inclusões de novos elementos e exclusão de lembranças acaba gerando novas versões do ocorrido, levando à perda da essência do acontecimento original. Um fato pode ser relatado em múltiplas versões, conforme o ponto de vista de quem o narra e sua capacidade de interpretar o que presenciou. A transmissão desse conteúdo tem limites como observa por Marianne Hirsch, ao tratar sobre a transferência de memórias: “é claro que não temos memórias literais das experiências de outros” (2008, p.109)¹⁰.

Marcio Seligmann-Silva completa esse raciocínio ao formular que “testemunhar, assim como atestar, tem a ver com ‘ter visto’ e não podemos ver pelo outro” (2010, p.10). Logo cada testemunha tem uma visão dos acontecimentos, conforme as próprias ferramentas de interpretação, baseadas em suas experiências, aprendizados e crenças. O evento ganha naturalmente múltiplas visões que ocasionalmente entram em conflito, seja em partes seja no todo.

Observadas individualmente, essas versões da verdade criam lembranças únicas e igualmente particulares. Por isso acessar fontes de informação que

¹⁰ No original em inglês: *Of course we do not have literal “memories” of others’ experiences* (2008, p.119)

disponham de narrativas diferentes das já conhecidas, convida a abraçar e refletir sobre os contraditórios, abrindo espaço para a dúvida. Essa reflexão é feita pela com a comparação entre as novas informações e as já armazenadas na memória.

A opção por conhecer as novas interpretações, antes desconhecidas, é arbitrada por cada pessoa. O norte de orientação para essa reflexão reúne nossas crenças e experiências pessoais e ao término desse processo aceita-se totalmente, ou em parte, ou até rejeita-se por completo, a nova narrativa apresentada. Trata-se, enfim, de uma decisão arbitrária já que, afinal, “a memória, como tal, é forçosamente uma seleção: alguns rasgos de sucesso serão conservados, outros imediata ou progressivamente marginalizados e logo esquecidos” (TODOROV, 2000, p.16)¹¹.

Hirsch (2008) formulou o conceito da pós-memória “como uma estrutura de transmissão inter e transgeracional de conhecimento e experiência traumática” (2008, p.106)¹² para entender a formação de lembranças a partir de fatos não vivenciados em primeira pessoa. Nesse processo o trauma tem papel relevante porque, para Hirsch (2008), mesmo não sendo uma lembrança própria mas emprestada de outra (s) pessoa (s) o trauma exerce influência sobre o desenvolvimento da memória:

Crescer com memórias herdadas tão avassaladoras, ser dominado por narrativas que precederam o nascimento ou a consciência de alguém, é arriscar ter suas próprias histórias e experiências deslocadas, até mesmo evacuadas, por aquelas de uma geração anterior. (2008, p. 107)¹³

O conceito formulado por Hirsch (2008) tem como base o estudo das memórias geradas pelo trauma do Holocausto (1933-1945) nos descendentes dos que foram perseguidos pelo regime nazista e passaram pelos campos de concentração e de extermínio localizados na Europa. Ribeiro (2022) verifica o peso emocional dessa herança de lembranças:

De facto, era visível nesses testemunhos o assumir de uma experiência que, não tendo sido diretamente vivida, se impunha de um modo que não se limitava

¹¹ No original em espanhol: *La memoria, como tal, es forzosamente una selección: algunos rasgos del suceso serán conservados, otros imediata o progresivamente marginados, y lueho olvidados* (2000, p.16)

¹² No original em inglês: *As a structure of inter and transgenerational transmission of traumatic knowledge and experience* (2008, p.106)

¹³ No original em inglês: *To grow up with such overwhelming inherited memories, to be dominated by narratives that preceded one's birth or one's consciousness, is to risk having one's own stories and experiences displaced, even evacuated, by those of a previous generation* (2008, p.107)

a traduzir uma relação fortemente comprometida com o passado, mas exprimia, por igual, um envolvimento no plano dos afetos e das emoções que, no limite, se confundia tendencialmente com um processo de memória no sentido próprio, muitas vezes com uma dimensão claramente traumática. (p.13 e 14)

Conforme aponta Orlandi (2021), ao invés do cotejamento entre as múltiplas versões dos acontecimentos levar a um leque plural de uma lembrança específica, tornando-a mais conectada com a realidade, em nossas mentes, ocorre o efeito contrário, ou seja, “fatos ou eventos se exaurem em versões” (2021, p.5). A pesquisadora mostra que “na tensão entre estes processos, os movimentos podem ser contrários, contraditórios, divergentes, produzindo o que chamo ‘sentidos em fuga’ (2021, p.13).

O acontecimento, tal como ocorreu, fragmenta-se nos pontos de vista gerados pela forma como quem os observa formula o que testemunhou. O choque entre as observações pessoais, as vivências por tabela e o conhecimento de novas versões tem o potencial de reduzir a densidade do acontecimento tornando-o uma lembrança diluída.

O mesmo acontece também nos textos impressos. Conforme Orlandi “todo texto é espaço de produção de diferentes versões” (2021, p.7). Portanto, não encerra uma verdade única, pois parte dos conhecimentos e experiências do escriba que, por sua vez, também serão percebidas pelos leitores que tomam por base seus próprios pontos de vista. A pesquisadora, a partir da situação vivida pela sociedade com a pandemia do Covid 19 e toda a disseminação de informações (verdadeiras e falsas), expõe interpretações dos fatos que se apoiam em metáforas da realidade:

As versões exploram múltiplas direções de sentidos. O que as rege são as condições de produção e as formações discursivas em que os sujeitos se inscrevem, significando(se). (ORLANDI, 2021, p.7)

Segundo Orlandi, os argumentos que sustentam o discurso funcionam como mecanismo de organização e seleção das interpretações. Nesse processo acontece a distinção entre o que é realidade e o que é real para arquivamento em nossa memória. Orlandi explica que “da perspectiva da ideologia é o imaginário que produz a ilusão subjetiva, que constitui o sujeito, e que se presentifica na realidade” (2021,

p.11)¹⁴.

Dessa forma, entendemos que essa lembrança é uma realidade que, apesar de construída baseada nos acontecimentos, acaba sendo uma memória desenhada com uma perspectiva que tenha mais aderência com nossas crenças. O norte de orientação que determina as escolhas desde o ponto de vista de análise dos fatos até sua elaboração discursiva segue a ideologia presente em cada um de nós. Todorov, em sua obra *Los abusos de la memoria* (2000), traz um complemento importante:

Como a memória é uma seleção, tem sido preciso escolher entre todas as informações recebidas, em nome de certos critérios; e esses critérios, não são conscientes e servem também, com toda probabilidade, para orientar a utilização que teremos do passado. (2000, p.17)¹⁵

Portanto, o passado que escolhemos manter vivo em na lembrança é formado por memórias reais ou criadas a partir da realidade orientada pelo conjunto de crenças particulares que formam a ideologia pessoal. Esse conjunto de lembranças orientam o modo como enxergamos e interpretamos os acontecimentos do presente. Na pandemia, assim como na guerra entre Ucrânia e Rússia (iniciada em 2022), cuja cobertura jornalística brasileira é objeto dessa dissertação, a questão repete-se porque os fatos são interpretados à luz das convicções de quem os presencia direta ou indiretamente.

Construção de consenso

As interpretações produzem um conjunto de informações que se consolidam em uma versão particular orientada a partir do que as pessoas sentem e não dos fatos acontecidos como explica Seixas (2019):

Se todo fato social tem o potencial de gerar distintas interpretações, no mais das vezes tais interpretações se chocam e são mesmo antagônicas entre si. Ademais, o problema das versões que se constroem sobre um fato se intensifica por estas serem, em todo momento, reconstruídas à medida que aparecem fatos novos, em boa parte fake news, e que colocam o estatuto de

¹⁴ Em razão do termo imaginário não ser objeto de reflexão dessa dissertação seguiremos o olhar analítico de Orlandi, sem nos aprofundarmos no tema.

¹⁵ Na versão original em espanhol: *Como la memoria es una seleccion, ha sido preciso escoger entre todas las informaciones recibidas, en nombre de ciertos criterios; y esos criterios, hayan sido o no conscientes, servirán también, con toda probabilidad, para orientar la utilización que haremos del pasado* (2000, p.17)

Nos dias atuais o volume de informações e fontes acessíveis, deixa-nos frente a fragmentos de dados que causam mais confusão do que certezas. A prudência sugere que o melhor caminho para formular as conclusões é o cotejamento de fontes, o cruzamento de informações e a busca por plataformas de checagem dessas informações. Essa prática leva a uma base sólida capaz de sustentar um raciocínio capaz de expressar com mais fidedignidade a maneira como os fatos se deram, segundo as versões que chegaram até nossas mãos¹⁶.

Porém, na vida real, as coisas não se dão assim, pois cada um aplica seu próprio ponto vista em sua interpretação do mundo, de forma pragmática, como expõe Seixas (2019):

O interesse que cada sujeito tem em determinada opinião ou crença supostamente verdadeiras por fazerem parte de seu conjunto de pressupostos ideológicos de existência no mundo e de leitura da realidade. (2019, p.128)

Sendo assim, muitos criam uma verdade particular, alinhada com o que acreditam ser o mundo. Porém, essa verdade particular, que se sustenta mais em emoções e opiniões, do que nos acontecimentos, transforma-se em “pós-verdade”. Esse termo, utilizado pela primeira vez, segundo Rivera (2017), pelo dramaturgo Steve Tesich em um artigo de 1992 publicado na revista estadunidense *The Nation*, é um neologismo. Indica a pouca influência dos acontecimentos na formação das reflexões, a despeito deles serem conhecidos e não corroborarem as conclusões formuladas.

Rivera (2017), que traz o escrito por Tesich, projeta essa questão no cenário histórico-político ao posicionar a pós-verdade como um instrumento de dominação:

Antes os ditadores deviam trabalhar duro para suprimir a verdade. Porém nós, com nossas ações, os estamos dizendo que isso não é mais necessário. Como seres livres, decidimos livremente que queremos viver no mundo da pós-

¹⁶ Hanna Arendt explica que a “verdade de facto (...) é sempre relativa a várias pessoas: ela diz respeito a acontecimentos e circunstâncias nos quais muitos estiveram implicados; é estabelecida por testemunhas e repousa em testemunhos; existe apenas na medida em que se fala dela, mesmo que se passe em privado” (1995, p.11)

verdade (RIVERA, 2017, p.48)¹⁷

Nos anos seguintes, esse neologismo, ganhou força e aceitação na sociedade, como mostrou a Oxford University Press, em 2016, quando elegeu “pós-verdade” como a palavra do ano, uma vez que “denota circunstâncias em que os fatos objetivos têm menos influência na formação da opinião pública do que os apelos à emoção e à crença pessoal” (RIVERA, 2017, p.49)¹⁸.

O prefixo pós refere-se a uma situação já superada, porém não necessariamente descartada. A pós-verdade não significa que a verdade sumiu ou foi desconsiderada mas que deixou de ser prioritária para trazer significado aos acontecimentos. Apesar de frequentemente aproximar-se dela, a pós-verdade não é sinônimo de mentira, mas uma opção de ver o mundo pela lente da crença pessoal e da emoção em detrimento dos acontecimentos. Assim, não se trata de uma formulação mentirosa, mas imprecisa.

Rivera (2017) aponta o que torna a pós-verdade atraente e aceitável como modo de interpretação do mundo, a partir de um extrato do artigo de Tesich sobre o efeito da notícias desagradáveis publicadas pela imprensa estadunidense:

O texto descrevia o que o autor chamou então “Síndrome Watergate”, pelo qual os escândalos e revelações sobre a presidência de Nixon¹⁹, a administração Reagan²⁰ ou a Guerra do Golfo²¹ não geraram indignação mas, ao contrário, uma espécie de desprezo pelas verdades incômodas (RIVERA, 2017, p.48)²²

¹⁷ No original: *Antes, los dictadores debían trabajar duro para suprimir la verdad. Pero nosotros, con nuestras acciones, les estamos diciendo que eso ya no es necesario. Como seres libres, hemos decidido libremente que queremos vivir en el mundo de la posverdad* (2017, p.48)

¹⁸ No original: *Denotar circunstancias en que los hechos objetivos influyen menos en la formación de la opinión pública que los llamamientos a la emoción y a la creencia personal* (2017, p.49)

¹⁹ Richard M. Nixon foi presidente dos Estados Unidos, filiado ao partido Republicano e governou em um primeiro mandato de 1969 a 1972. Reeleito para um segundo mandato não completou, renunciando em 1974 por conta das denúncias no caso Watergate que envolveram sua administração. Disponível em: <https://acesse.one/47Bef> . Acesso em: 1º ago. 2024

²⁰ Ronald W. Reagan foi presidente dos Estados Unidos, filiado ao partido Republicano, por dois mandatos consecutivos: de 1981 a 1984 e de 1985 a 1989. Disponível em: <https://acesse.one/3Lz0b>. Acesso em: 1º ago. 2024

²¹ A Guerra do Golfo (de 2 de agosto de 1990 a 28 de fevereiro de 1991) foi um conflito militar travado entre o Iraque e forças da Coalizão internacional, liderada pelos Estados Unidos, patrocinada pela Organização das Nações Unidas e que teve a participação também da Arábia Saudita, Reino Unido, Canadá e França. O conflito teve respaldo da Resolução 678, do Conselho de Segurança da ONU, que autorizou o uso da força militar para expulsar o exército do iraquiano do Kuwait, ocupado e anexado pelo governo Saddam Hussein, do Iraque, em 1990. Disponível em: <https://l1nk.dev/cMmlz>. Acesso em: 1º ago. 2024

²² No original em espanhol: *El texto describía lo que el autor llamó entonces “Síndrome Watergate”, por el cual los escándalos y las revelaciones sobre la presidencia de Nixon, la administración Reagan o la guerra del Golfo no generaban indignación en los norteamericanos sino, por el contrario, una especie de desprecio por las verdades incómodas* (2017, p.49)

Para alguns conhecer fatos que dizem ser sustentados em verdades seria um aborrecimento e, por isso, eles merecem ser desconsiderados. Formular uma conclusão baseada em pós-verdade torna-se atraente, pois exige menos raciocínio intelectual e permite desenvolver conclusões a partir de percepções pessoais, reduzindo, durante esse processo, a influência dos acontecimentos sobre as reflexões tecidas.

Memória sobre Nixon: exemplo de pós-verdade

A citação de Rivera (2017) sobre Richard Milhous Nixon e o caso Watergate é um exemplo de pós-verdade porque a lembrança mais forte a respeito dessa administração é justamente esse caso. Em 1972 cinco homens invadiram a sede do Partido Democrata em Washington DC, rival do partido do então presidente, o Republicano, para instalar escutas telefônicas. Depois de dois anos de denúncias e investigações comprovou-se que pessoas próximas ao presidente dos Estados Unidos da América conduziam uma operação de instalação de escutas ilegais dentro da sede do Partido Democrata. Ao longo de todo trabalho policial, também foi provado que Nixon não só tinha conhecimento da ação clandestina, como atuava para atrapalhar as investigações. As denúncias levaram o presidente a perder apoio no Congresso e a renunciar, quando o pedido de impeachment começou a ser discutido.²³

No entanto sua administração não se resumiu a esse fato. Em seis anos de governo ao menos três ações destacaram-se no cenário internacional favoráveis à administração Nixon. Em 1972, visitou a China para reduzir as tensões entre os dois países e abrir oportunidades comerciais e assinou o Tratado sobre Mísseis Antibalísticos com a URSS-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, que limitava o uso dessas armas.²⁴ Em 1973, ele iniciou o fim do envolvimento estadunidense na Guerra do Vietnã (finalizado em 1975)²⁵, no mesmo ano negociou a volta dos militares dos EUA prisioneiros de guerra dos vietnamitas.

Em outras palavras, Nixon encerrou a participação das forças armadas dos EUA no maior trauma militar estadunidense do século XX e ainda reduziu as tensões

²³ Disponível em: <https://acesse.one/uZqtC>. Acesso em: 1º ago. 2024

²⁴ Disponível em: <https://l1nk.dev/ZQEtT>. Acesso em: 1º ago. 2024

²⁵ Disponível em: <https://encurtador.com.br/JHSyt>. Acesso em: 22 mar. 2025

com seus principais rivais de então, as superpotências nucleares URSS e China. A intenção ao citar esses aspectos da administração Nixon não é fazer propaganda favorável nem justificar o desempenho de seu governo mas apontar que essas ações, sem dúvida, contribuíram para um novo cenário mundial, menos belicoso no início dos anos 1970.

O caso Watergate emerge como lembrança mais forte sempre que Nixon é mencionado por ter sido um acontecimento indubitavelmente desabonador para sua administração. Se todo o aparato de escuta tivesse sido instalado a conspiração, que estava sendo orquestrada pelas pessoas a serviço e com a anuência de Nixon, poderia ter tido sucesso e colocaria em risco um dos valores mais enraizados na cultura estadunidense, a democracia, a despeito de ela não ser abrangente para todos os segmentos da população.

Em um país que nunca, desde sua independência, passou pelo trauma de ser governado por ditadores a mera hipótese de uma ação organizada e validada pela Casa Branca que representaria, em termos práticos, uma agressão à Constituição, naturalmente impactou negativamente os cidadãos estadunidenses. Nixon foi o único presidente daquele país que renunciou ao seu mandato e esteve próximo de sofrer um julgamento criminal.

Na mão oposta, ou seja, beneficiado pelas conclusões baseadas nas emoções e não nos fatos está um ex-adversário político de Nixon, que o venceu em sua primeira tentativa de chegar à Casa Branca em 1960, John Fitzgerald Kennedy. Nos dois pontos citados anteriormente de política internacional, como favoráveis à administração Nixon, a postura Kennedy foi oposta. Em 1961, seu governo ampliou a presença militar estadunidense no então Vietnã do Sul²⁶ e quase provocou a Terceira Guerra Mundial ao instalar mísseis na Itália e na Turquia direcionados ao território da URSS²⁷, com capacidade para transportar ogivas nucleares. O posicionamento das armas na Europa foi feito em segredo mas os soviéticos descobriram. Ante essa ação beligerante, a URSS aproveitou para atender a um pedido do governo de Cuba no sentido de melhorar sua segurança territorial, ameaçada pelos Estados Unidos.

Ainda em 1961, cubanos exilados e contrários ao regime de Fidel Alejandro Castro Ruz receberam treinamento e suporte material e financeiro do governo dos

²⁶ Disponível em: <https://encurtador.com.br/W3qPr>. Acesso em: 22 mar. 2025

²⁷ Disponível em <https://fpabramo.org.br/2023/10/17/memoria-crise-dos-misseis-colocou-o-mundo-em-suspense-em-1962/>. Acesso em: 22 mar. 2025

EUA para invadir o território de seu país e derrubar o governo de esquerda ali instalado. A ação culminou no ataque à baía dos Porcos²⁸, localizada no sudoeste da ilha, repellido pelas forças cubanas. Isso motivou Havana a pedir proteção a Moscou.

Como único país com governo de esquerda no continente americano, Cuba era estratégica para a presença da URSS no hemisfério ocidental²⁹ e por isso o pedido foi aceito pelo secretário-Geral do Partido Comunista da URSS e pelo presidente do Conselho de Ministros, Nikita Serguêievitch Khrushchov, que na ocasião ocupava os dois cargos mais elevados na hierarquia do governo soviético. Assim, em 1962 o governo de Moscou instalou mísseis³⁰ em Cuba, apontados para os EUA, armados com ogivas nucleares, além de transferir aviões bombardeiros capazes de transportar armas semelhantes.

O governo Kennedy, tendo ao seu lado toda a força da mídia ocidental, desenvolveu a narrativa de que a ação soviética era um ato beligerante, quando na verdade era uma reação à instalação das armas nucleares estadunidenses na Europa. A situação durou treze dias. As forças armadas dos Estados Unidos e da URSS quase entraram em combate no mar ao redor de Cuba e, ao final, as lideranças em Washington e em Moscou optaram pela melhor solução, a diplomática.

A URSS retirou, publicamente, seu armamento nuclear de Cuba; os EUA, secretamente, removeram seus mísseis da Itália e da Turquia; e o governo Kennedy comprometeu-se a não fazer novas tentativas de invadir o território cubano, assegurando a tão almejada tranquilidade que o governo em Havana desejava. Para a história oficial o momento ficou conhecido como a “Crise dos mísseis em Cuba”, iniciada em 16 de outubro de 1962 e encerrada em 26 de outubro de 1962, apesar de ela, de fato, ter se iniciado em 1961, na Europa³¹. Esse episódio é um dos mais emblemáticos do período denominado Guerra Fria, o confronto tenso entre Estados Unidos e URSS que perdurou do final da Segunda Guerra Mundial, em 1945, à dissolução da União Soviética, em 1991.

Fig. 2. Folha de S. Paulo, edição impressa, 16 de outubro de 1962

²⁸ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/resources/idx-b3e123dd-b5ae-4c62-8d43-9fd15bfef127>. Acesso em: 22 mar. 2025

²⁹ Disponível em: <https://www.flch.usp.br/132362>. Acesso em: 22 mar. 2025

³⁰ Disponível em: <https://www.flch.usp.br/132362>. Acesso em: 22 mar. 2025

³¹ Portal *Toda Matéria*. Disponível em: <https://shre.ink/bcqz>. Acesso em: 17 jan. 2025



Fonte: <https://acervo.folha.com.br/index.do>

O acontecimento é emblemático porque revela que a estratégia que orientou as narrativas desenvolvidas naquele período (fig.2) segue presente na forma como a imprensa ocidental – e, como objeto de estudo dessa dissertação, um dos representantes da mídia brasileira - enxerga os conflitos internacionais envolvendo os EUA. Verificaremos a aplicação prática do conceito de pós-verdade, em que reconhecemos o triunfo da narrativa carregada de elementos emocionais sobre a análise dos fatos e suas conexões dentro do quadro da geopolítica.

O Estado manipula o cidadão: do isolacionismo ao grito de guerra

Seixas (2019) identifica três traços comuns presentes na grande maioria dos discursos que promovem a linha de pensamento que conduz à pós-verdade. O primeiro deles, a *aceleração*, que vem a ser o “número exacerbado de informações e instrumentos que acabam por dificultar a apreensão cautelosa dos fatos” (2019, p.132). O segundo é a *retórica icônica*, isto é, a quantidade exacerbada de informação que costuma vir em blocos, exigindo uma leitura como um ‘todo de uma vez’, o que ocasiona, com a mesma velocidade, picos de informação e o seu total esquecimento” (2019, p.132). E por fim o terceiro traço mostra que “a pós-verdade está muito ligada a certos esquemas de ação e protocolos de funcionamento [...], porquanto revela a pré-programação de determinados estados de pensamento e seus consequentes

esquemas de ação” (2019, p. 132).

Assim, no lugar dos fatos como fatores objetivos para a construção da verdade, entram as emoções e as crenças pessoais. Portanto, algo que aparenta ser verdade torna-se mais importante do que a própria verdade. Rivera (2017) discorre a respeito da questão e avança ainda mais na reflexão ao afirmar:

O triunfo da pós-verdade levou muitos analistas a falar de uma troca de paradigma. O certo é que o embuste informativo sempre existiu porém preocupam-se com o fato que a verdade parece ter deixado de ser relevante. Muito do que se afirma hoje como verdadeiro já não tem nenhuma base na realidade e abundam os supostos especialistas dispostos a demonstrar qualquer afirmação por dinheiro, proximidade com o poder ou possibilidade de influência enquanto o resto espalha essas farsas por ignorância (2017, p.51 e 52)³²

Dessa forma, segundo Rivera, ao invés de termos uma onda de pensamento crítico a partir do volume de informações disponíveis, ficamos diante de um ambiente no qual o debate é orientado não pela lógica dos argumentos mas pela força das emoções e das crenças pessoais, sem qualquer aderência aos fatos. Assim surgem as estratégias de promoção da desinformação, como a produção de conteúdos falsos, a distorção de acontecimentos noticiados por veículos jornalísticos e a difusão de boatos em conversas presenciais ou pelos serviços de comunicação. Cumpre lembrar que essa dissertação não se aprofundará no conceito de desinformação, empregando o termo dentro do contexto como ferramenta utilizada em ações de espionagem entre governos, como veremos a seguir.

A título de ilustração um dos departamentos governamentais que se entrega cotidianamente à prática de disseminar desinformação é o de espionagem. CIA (EUA), MI5 (Reino Unido), Mossad (Israel), MSS (China), FSB (Rússia) entre tantos outros são alguns dos serviços que desenvolvem suas próprias estratégias e ferramentas para atingir seus respectivos objetivos nacionais. Bittman, (1985) autor de “A KGB e a

³² No original em espanhol: *El triunfo de la posverdad ha llevado a muchos analistas a hablar de un cambio de paradigma. Es cierto que el embuste informativo ha existido siempre –como recordaba un periodista hace poco, los sofistas griegos ya eran maestros en manejar el lenguaje para demostrar que el veloz Aquiles nunca podría alcanzar a la tortuga–, pero sí preocupa el hecho de que la verdad parece haber dejado de ser relevante. Mucho de lo que hoy se afirma como verdadero ya no tiene ninguna base en la realidad y abundan los supuestos expertos dispuestos a demostrar cualquier afirmación por dinero, cercanía con el poder o posibilidad de influencia, mientras el resto difunde esos bulos por ignorancia* (2017, p. 51 e 52)

desinformação soviética” revela como operava a máquina de desinformação do serviço de espionagem da então URSS e corrobora a visão de Rivera (2017) por intermédio de um questionamento retórico:

O que faz a mensagem de desinformação crível e aceitável, mesmo se a fonte for anônima ou pouco confiável? Muita desinformação serve claramente às necessidades do receptor, jogando com seus preconceitos e vieses ([1985], 2019, p.95)

Em outras palavras, a mensagem da desinformação ativa os gatilhos emotivos em quem as recebem. Esse ambiente da pós-verdade possui diferentes atores sociais que incluem políticos, institutos de pesquisas, agências de relações públicas, organizações da sociedade civil, jornalistas e o cidadão comum. As consequências podem ser as mais variadas e, não raro, nefastas.

Na política seria fazer a população apoiar guerras sem motivo, na saúde estimular comportamento antivacina, na educação pressionar professores a darem ensinamentos baseados em ideologias político-religiosas ao invés de fatos cientificamente comprovados, no meio-ambiente deslegitimar o impacto da ação humana no aquecimento global, entre outros exemplos.

Em comum, essas estratégias, têm por objetivo, criar e manipular a opinião. Seixas assinala que “toda opinião é um ato subjetivo (e relativo) de interpretação da realidade, no qual incidem os valores responsáveis pela interpretação dos fatos e das verdades de um modo e de outro” (2019, p.130). Nessa perspectiva, a condução das opiniões das pessoas sobre algo desembocaria na formação de um consenso de ideias.

O processo de construção desse consenso segue uma cartilha de manipulação da opinião pública criada há mais de cem anos. Seu autor é o jornalista estadunidense Walter Lipmann e a obra chama-se *Opinião Pública*. Publicada em 1922, reuniu seus ensaios e o aprendizado que teve ao participar da comissão Creel. Resumidamente, Chomsky (2013), explica que a Comissão Creel foi criada pelo governo dos Estados Unidos em 1916, na administração de Thomas Woodrow Wilson, para desenvolver uma operação de propaganda governamental, a primeira de que se tem notícia naquele país segundo o pesquisador. De acordo com ele, o objetivo era mudar a opinião da população estadunidense que, naquela época, a década de 1910 do século

passado, era pacifista e isolacionista. Portanto não via motivos para que o país se engajasse em um conflito europeu (a Primeira Guerra Mundial).

A função da campanha era conduzir a massa para a posição de apoiadora da entrada dos EUA na guerra. O governo Wilson e a iniciativa privada mantinham laços comerciais com a Inglaterra e a França. A derrota dessas potências levaria a prejuízos econômicos domésticos entre os estadunidenses, porque eram fornecedores de alimentos, munições, equipamentos militares entre outros itens importantes para o suporte ao conflito. Chomsky relata que:

A Comissão Creel conseguiu, em seis meses, transformar uma população pacifista em uma população histórica e belicosa que queria destruir tudo o que fosse alemão, partir os alemães em pedaços, entrar na guerra e salvar o mundo. (2013, p7)

O sucesso da empreitada, de acordo com Chomsky (2013), levou o governo dos EUA a realizar uma nova campanha de manipulação da opinião pública, com o objetivo de construir o consenso de seus cidadãos em torno de outra questão: a rejeição das ideias comunistas em sua sociedade. Chomsky lembra que “após a guerra, foram utilizadas essas mesmas técnicas para insuflar um histórico Pânico Vermelho, como ficou conhecido, que obteve êxito considerável na destruição de sindicatos” (2013, p.7).

A campanha de formação da aversão ao comunismo como consenso na mente da população obteve “grande apoio por parte da mídia e dos líderes empresariais, os quais, de fato, organizaram e investiram muito nessa iniciativa” (CHOMSKY, 2013, p.7). Nas duas situações, o trabalho de manipulação da opinião pública levou à construção do consenso em torno de propostas do governo dos Estados Unidos, em detrimento da opinião original do povo estadunidense.

Um ponto remete-nos ao raciocínio apresentado anteriormente por Orlandi (2021): somos expostos para à elaboração da verdade, em um processo que acaba por diluir o acontecimento em si. O trabalho de construção de consenso é uma elaboração estruturada da diluição de acontecimentos e ideias e serve como orientação formal para a formulação de uma verdade, que será armazenada na memória.

Assim as crenças que as pessoas tinham, antes da ação empreendida, no

exemplo da já citada campanha realizada pelo governo dos Estados Unidos, são invalidadas pela apresentação de novos pontos de vista, cuidadosa e estrategicamente bem elaborados. Essa diluição leva a sua substituição pela verdade criada e disseminada pelos autores da campanha de construção de consenso. Orlandi é precisa ao propor:

Do ponto de vista da análise de discurso, e tomando a questão da volatilidade das interpretações [...] o que observamos de imediato é o funcionamento “imaginário” da discursividade atual, desencadeando gestos de interpretação que “metaforizam” acontecimentos reais (como a pandemia). Como se trata do tema da conspiração, o que temos é uma “argumentação” que vai em direção à suspeita, isto é, uma proposta de interpretação que sustenta a “suspeição”. (2021, p.8)

Portanto, ao sustentar a linha interpretativa que promove a suspeição em lugar do fato cria-se o ambiente favorável à metamorfose da verdade. Assim ela se transforma em uma lembrança diluída e incerta, abrindo espaço para a fixação, na memória, da pós-verdade, que passa a ser a referência para a interpretação de novos acontecimentos. Orlandi explica o funcionamento desse mecanismo:

Enquanto mecanismo de administrar as interpretações, a argumentação é ideologicamente estruturada, ou seja, é a ideologia que fundamenta a argumentação. O que aí conta é o imaginário, que, para o analista de discurso, não é ficção nem fantasia. É uma prática. A “fantasia”, em nossa análise, é um “efeito de sentido” mobilizado na argumentação, que é base para a produção dos sentidos de “conspiração”. (2021,p.11)

A administração da forma como interpretamos as informações a que temos acesso é o filtro natural que todos possuímos internamente. Ao optarmos por enxergar os fatos pelas lentes das crenças pessoais e das emoções, que nos impedem de desenvolver um pensamento crítico que coloque em dúvida nossas certezas e preconceitos, tornamo-nos agentes promotores da ficção. Seixas discorre sobre o funcionamento desse mecanismo de raciocínio:

Os discursos de pós-verdade estruturam-se, cognitivamente, por meio de certos esquemas de pensamento que orientam, de maneira mais ou menos

semelhante para todos os “crentes” o modo padrão de funcionamento dos discursos (e, conseqüentemente, das ações). Há, destarte, uma relação de validade para cada discurso de pós-verdade que não obedece ao critério de factualidade ou de veracidade epistêmica, mas sim a critérios de outros tipos de racionalidade, próprios do regime das convicções, (2019, p.132 e 133)

Dessa maneira, o discurso de matizes conspiratórias e sem sustentação ganha substância, deixando de ser um encadeamento de suposições e ilações e consolidando-se como verdade, para quem o segue, e como verdade aparente, para quem discorda dele. Em outras palavras estamos diante de uma construção narrativa apoiada em ilusões desenvolvidas pelas próprias pessoas.

A peça-chave para esse encaminhamento são as certezas nascidas de nossas ideologias. Orlandi aponta o caminho para entendermos isso quando explica que nossas certezas “nos iludem, pois é a ideologia que produz as “evidências” tanto dos sentidos como dos sujeitos” (2021, p.12). Esse ambiente é terreno fértil para transformar, sem embasamento dos fatos, suposições em certezas e opiniões mal formadas em verdades basilares.

A psicanálise chama esse fenômeno de viés de confirmação³³ que ocorre quando as pessoas querem que certas ideias sejam verdadeiras e, para tanto, focam seus esforços em provar isso. Nesse processo, os indivíduos escolhem informações, ou partes dela, que conduzam à confirmação de seus conceitos prévios, não raro apoiados em suposições construídas por eles mesmos e por suas crenças pessoais. Seixas aprofunda o raciocínio ao formular que:

O que ocorre, com efeito, é uma superação do desejo de verdade por parte dos sujeitos, ao menos da verdade divergente da sua. Por assim dizer, haveria certo desinteresse dos sujeitos em estabelecer um movimento heurístico de verificação dos fatos e das verdades, porquanto mais vale a manutenção das convicções e das identidades do que um verificacionismo a todo custo. Não há, logo, preocupação em checar os fundamentos e fontes de uma verdade, já que há sempre uma leitura pré-programada dos sujeitos, enviesada, por certo, dos eventos sociais. (2019, p. 125)

³³ Oxford Brazil EBM Alliance. Disponível em: <https://shre.ink/bcqV>. Acesso em: 24 jul. 2024.

Portanto, nessas circunstâncias, os contraditórios não são considerados na formulação do raciocínio, porque contam somente as evidências que confirmam os próprios pontos de vista. Isso significa que, mesmo em face de um número maior de evidências contrárias às suas concepções iniciais, as pessoas ignoram ou desconsideram-nas, preservando sua linha de raciocínio, em busca da confirmação de ideias que não afetam seu sistema de crenças. Isso acarreta em conclusões equivocadas e concebidas sem aderência à razão ou ao conhecimento real.

Bolhas de filtro: a crença na versão alimentada entre os crentes

Lucia Santaella trata da pós-verdade em uma obra de 2018 na qual cita “bolhas de filtro”, também conhecidas como caixas de eco, que reverberam ideias hegemônicas de um grupo entre seus membros alimentando suas convicções sem espaço para os contraditórios. Ou seja, a discussão dentro da bolha de filtro não é real porque não há embate de ideias mas sim um corroborar contínuo de crenças validadas pelo próprio grupo. Santaella mostra que nossos sistemas internos de seleção de informações, à semelhança dos algoritmos operados pelas plataformas da internet, sempre buscam referências conectadas com nossas preferências:

Diante disso, é plausível a hipótese de que, mesmo que os algoritmos fossem eliminados (o que é impossível), as pessoas ainda tenderiam a criar suas próprias bolhas de filtro como garantia de aproximação de pessoas que funcionam como espelhos de suas crenças, o que só fortalece as crenças na medida em que o espelho cumpre a função de devolver as mesmas crenças de modo redobrado, e assim progressivamente. (2018, p.13)

Assim, a pós-verdade, como a expressão da verdade sem sustentação dos acontecimentos reais, segue fortalecendo-se na crença daqueles que buscam a confirmação de suas ideias, sem espaço para o nascimento da dúvida. O processo de retroalimentação é contínuo porque se dá em um sistema fechado. Seixas segue a mesma linha de raciocínio de Santaella (2018):

Os sujeitos parecem interagir, na era da pós-verdade, pelo critério da familiaridade. Apenas o que é familiar, leia-se, o que possui identidade aos meus valores e, conseqüentemente, o que incita paixões comuns entre os iguais, será passível de ser acreditado. (2019, p.136)

Como vimos, nem sempre esses conceitos originam-se de seus próprios processos de amadurecimento intelectual. Podem ser criados dentro de estratégias bem montadas de manipulação que identificam na comunidade os indivíduos mais preparados para absorver essas crenças e, ao mesmo tempo, com capacidade de replicação. O objetivo final dessa estratégia é colocar a sociedade, por intermédio da formação de consenso, posicionada de maneira a favorecer interesses – de governos, corporações e de quem mais tiver poder real. O trabalho, é bom salientar, busca convencer individualmente as pessoas pois, segundo Seixas, “ao falar de opinião pública como uma opinião coletiva, esquece-se que ela é formada pelas subjetividades das opiniões pessoais” (2019, p.130).

Dessa forma a estratégia de formação de consenso busca colocar na mesma sintonia a opinião dos indivíduos que, como explica Santaella (2018), tendem a buscar-se em um movimento de constituição de bolhas de filtro, nas quais crenças encontram o conforto do eco da validação entre si. Seixas acrescenta:

Há no sujeito o desejo por determinada verdade, não pela verificação da relação de facticidade de uma determinada informação ou fato, mas antes por dizer respeito às mesmas crenças e, portanto, comungar dos mesmos valores (2019, p.137).

Em outras palavras, a informação conhecida e aceita pelo grupo circula dentro desse ambiente, atraindo quem está fora dele mas tem a mesma sintonia. Ao mesmo tempo que repele as opiniões contrárias porque o ambiente não é amigável para o debate com o contraditório afirma aquilo que dentro dessa bolha de filtro convencionou-se como verdade.

Como visto anteriormente, a Comissão Creel, na segunda década do século XX, logrou êxito em desenvolver, na consciência dos cidadãos estadunidenses, opiniões favoráveis à entrada de seu país em uma guerra que não lhes dizia respeito diretamente. Ações como essa, empreendidas pelo governo dos EUA, levam Chomsky a advertir:

A propaganda política patrocinada pelo Estado, quando apoiada pelas classes instruídas e quando não existe espaço para contestá-la, pode ter consequências importantes. Foi uma lição aprendida por Hitler e por muitos

outros e que tem sido adotada até os dias de hoje. (2013, p.7)

Orlandi explica que, da perspectiva da ideologia, é o imaginário que produz a ilusão subjetiva, que constitui o sujeito, e que “quanto ao real, ele pressupõe ruptura com o imaginário, atravessamento” (2021, p.11). Portanto, para a manutenção da ficção criada e alimentada dentro do sistema onde impera o viés de confirmação, nada é mais nocivo do que os fatos que provam que o real é diferente do idealizado. Manter distância de outros discursos, por intermédio da consolidação de um consenso em torno da pós-verdade aceita, impede que outras narrativas contaminem sua certeza.

Nesse ambiente o jornalismo deve manter seu papel essencial que é, por intermédio da apuração dos fatos, cruzamento de informações e checagem de fontes, colaborar para que a sociedade tenha à sua disposição o máximo de pontos de vistas a respeito dos acontecimentos. Soares reforça esse papel:

Ao longo do século XX, os meios de comunicação ganharam enorme importância como produtores e disseminadores de representações e definições de realidade para amplas audiências. As sociedades humanas tornaram-se largamente dependentes desses meios para construir sua imagem do mundo, para se posicionarem perante questões, para se orientarem. (2009, p.264)

Dessa maneira, municiadas pelo noticiário, as pessoas podem fundamentar suas opiniões individuais desenvolver suas reflexões particulares; e públicas, a fim de que coletivamente surja um senso comum.

3. CAPÍTULO 2 - O que é notícia?

Isso é notícia? Essa pergunta é feita diariamente pelos profissionais de imprensa em seu trabalho rotineiro quando diante de algum fato. A resposta a essa indagação determina o destino do acontecimento, que será deixado de lado ou entrará no processo de produção do noticiário e consumido pela sociedade como informação relevante.

Refletir sobre o que é notícia é pensar o próprio jornalismo. Traquina mostra que o ponto de vista dos profissionais a respeito da questão “é simultaneamente simplista e minimalista” (2005, p. 61). Ele aponta que para os profissionais da área, e à luz do viés de entendimento simplista, “o jornalista relata, capta, reproduz ou retransmite o acontecimento” (2005, p.61 e 62). Logo, temos a concretização da metáfora na qual o jornalista é o espelho que reflete a realidade. Na percepção minimalista “o papel do jornalista como mediador é um papel reduzido” (TRAQUINA, 2005. p. 62).

Essa preocupação em entender o que é notícia e, como se percebe, o próprio jornalismo, é antiga. No ocidente o primeiro registro de um trabalho que analisou notícia e jornalismo foi a tese de doutorado apresentada pelo alemão Tobias Peucer³⁴, em 1690, na Universidade de Leipzig, então ducado da Saxônia, na Alemanha. Nesse trabalho, Peucer reflete a respeito do que é notícia, quais são os critérios de noticiabilidade e até o papel do mercado na configuração do noticiário, temas essenciais para compreensão da atividade jornalística.

Não à toa, Peucer é considerado o pai da Teoria do Jornalismo, título corroborado por pesquisadores como Jorge Pedro Sousa, doutor pela Universidade de Santiago de Compostela, na Espanha, que estudou seu trabalho.

A tese de doutorado de Peucer, um texto com 29 parágrafos, curto para os padrões atuais, foi traduzida no Brasil por Paulo da Rocha Dias (2000), doutor em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo. O interesse de Peucer em

³⁴ Tobias Peucer era médico, natural de Görlitz, na Saxônia, leste da Alemanha. Detalhes de sua biografia ainda são desconhecidos do mundo acadêmico, como mostra o artigo publicado em janeiro de 2000 na revista sul-africana *Ecquid Novi: African Journalism Studies*: “Peucer's birth or death are not known”. Os autores do artigo, Arnold de Beer, Louis F. van Ryneveld e Wadim N. Schreiner, indicam que em consulta feita por eles à Lista de Dissertações da Universidade de Leipzig, encontraram somente mais um trabalho de Peucer: um artigo médico intitulado *A gonorreia* (no original em alemão *De genorrhoea*). Disponível em: <https://encurtador.com.br/NYOAL>. Acesso: 27 out. 2024.

teorizar o jornalismo pode ser fruto do contexto histórico das grandes transformações sociais e políticas que aconteciam no Ocidente no século XVII e que foram vivenciadas por ele.

A reforma protestante, iniciada no século anterior, trouxe, entre outros reflexos, a alfabetização geral nos estados alemães porque a Bíblia passou a circular em alemão. Dessa forma, ampliou-se o interesse pela leitura e, conseqüentemente, a difusão de ideias. Em paralelo, o inglês John Locke (1632-1704) apresenta suas reflexões a respeito das relações políticas vigentes, lançando as bases de transformações nas sociedades da época e posteriores, como resume Sousa:

A ideia de que governantes e governados devem estabelecer um contrato em que os segundos consentem livremente em ser governados pelos primeiros, em favor do bem comum, que deve ser perseguido pelos governantes. A sociedade ocidental dava os primeiros passos em direção ao liberalismo político. (2004, p.32)

É o século em que atua a Companhia das Índias Ocidentais, de origem holandesa, que representou a força e a expansão do capital privado, desafiando estados e ampliando o comércio. Portanto, mesmo sem nos aprofundarmos em mais exemplos, por não serem objetos de estudo desse trabalho, podemos perceber que a Europa próxima e a região conhecida hoje como Alemanha, onde vivia Peucer, estavam sofrendo mudanças e que essa instabilidade criou um clima no qual, como diz Sousa, “as pessoas necessitam da comunicação social para satisfazerem necessidades informativas, compreenderem o mundo e compreenderem-se a elas mesmas e obterem orientação” (2004, p.32).

Em meio a esse ambiente a imprensa floresce nos estados alemães, assim como em outras partes da Europa, tendo a seu favor uma série de fatores que deram suporte ao seu surgimento e assim enumerados por Sousa:

O desenvolvimento da tipografia gutenberguiana, surgida no século XVI, por volta de 1540; a expansão da indústria do papel, que satisfaz a procura crescente de um suporte mais fiável do que o pergaminho ou o papiro para a indústria tipográfica; a vontade de alguns negociantes, muitos deles proprietários de tipografias, que começaram a ver nas notícias uma mercadoria capaz de gerar lucro; a necessidade de informações econômicas que alimentassem os negócios numa sociedade capitalista em expansão; e o

aumento dos fluxos de informação, a nível nacional e internacional, que retroalimenta o processo (as publicações aceleram os fluxos de informação e estes, por sua vez, estimulam o aparecimento de novas publicações). (2004, p.32 e 33)

A questão empresarial, ou seja, o entendimento de que produzir jornais e distribuir informação era (e é) uma atividade lucrativa foi percebida por Peucer que observa no capítulo VIII de sua tese:

Assim então, as causas da aparição dos periódicos impressos com tempestiva frequência hoje em dia, são em parte a curiosidade humana e em parte a busca de lucro, tanto da parte dos que confeccionam os periódicos, como da parte daqueles que os comerciam ([1690], 2000, p.17)

Dessa maneira, que o pioneiro em Teoria do Jornalismo já assinalava que informar e ser fonte de lucro eram (e são) aspectos entrelaçados da atividade da empresa jornalística.

Essa imprensa que nasce era herdeira das folhas volantes, segundo Sousa (2008)³⁵. Mesmo sem periodicidade definida, as publicações do século XVII já traziam, em si, a gênese do jornalismo moderno. Sousa (2004) mostra que havia dois tipos, um voltado para a informação comercial e outro para o noticiário geral. Peucer aponta três características das notícias: 1) “relatos periodísticos (*Relationes novellae*) que contêm a notificação de coisas diversas acontecidas recentemente em qualquer lugar que seja”. ([1690], 2000, p.16); 2) “coisas essas que são novas” ([1690], 2000, p. 23) e 3) “conhecimento de coisas novas acompanhadas de um certa utilidade e atualidade”. ([1690], 2000, p.26).

Em sua tese Peucer busca, em autores clássicos, como o romano Marco Túlio Cícero (106 – 43 a.C.), a estruturação dos relatos noticiosos para explicar como deve proceder o narrador, ao contar os acontecimentos: “se quer agradar, precisa seguir antes o fato como ele sucedeu. Veja Cicero, livro II, De oratore” ([1690], 2000, p.24 e 25). O resultado, apontado por Sousa, é a organização da “fórmula dos *elementa narrationis* para contar novidades (circunstâncias de sujeito, objeto, lugar, tempo,

³⁵ As folhas volantes (também designadas, entre outros nomes, como folhas ocasionais ou folhas noticiosas ou relações, no sentido de serem um relato de um acontecimento) são um dos principais dispositivos pré-jornalísticos do Renascimento, que, com maiores ou menores transformações, perduraram até ao século XIX. (SOUSA, 2008, p.58)

causa e maneira, ou seja, quem?, o quê?, onde?, quando?, porquê? e como?)” (2004, p.35).

Em outras palavras, no século XVII, inspirado em clássicos como Cícero, do século I a.C., Peucer antecipou a criação do conhecido lead³⁶, estrutura narrativa apresentada à imprensa brasileira pelas agências de notícias dos EUA nos anos 1950.

Noticiabilidade: virar notícia ou cair no esquecimento

A noticiabilidade pode ser entendida por aquilo que faz um fato ganhar importância aos olhos dos jornalistas tornando-se notícia. Traquina explica o conceito de noticiabilidade como:

O conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é suscetível de se tornar notícia, isto é, de ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável e por isso, possuindo "valor-notícia" (2005, p.63)

Portanto, trata-se de um acontecimento com chances de ocupar espaço editorial nos veículos de comunicação independente da mídia em que seja veiculado. Por isso, Sousa define a noticiabilidade como “uma das áreas centrais da teoria do jornalismo, pois, em última instância, permite a resposta à questão ‘por que é que temos determinadas notícias e outras não?’” (2004, p.40).

O jornalismo em geral, e o internacional, em particular, beneficia-se da tecnologia de conectividade que permite estabelecer contato imediato com qualquer pessoa em qualquer parte do globo. Agnez (2005) observa que “no cenário contemporâneo, de aceleração nas trocas de informações em escala global, os meios de comunicação vêm exercendo grande influência nas diversas maneiras pelas quais podemos ‘ver’ e imaginar o mundo” (2015, p. 315). Dessa forma, mesmo acontecimentos ocorridos em lugares distantes da sede do jornal ganham chances de serem escolhidos para compor o noticiário.

Segundo entende, Traquina (2005) no processo de selecionar o que é noticiável os valores-notícia dividem-se em dois subgrupos fundamentais:

³⁶ O lead é o primeiro parágrafo da notícia e nele o leitor deverá encontrar resposta a seis questões fundamentais: o quê, quem, quando, onde, porquê e como - podem as mais das vezes omitir-se do lead, guardando-se para o parágrafo subsequente. A razão é que, antes de mais nada, os leads têm duas funções a cumprir: informar imediatamente o leitor das características mais importantes do facto que se noticia; e serem atraentes apelando à leitura do resto do texto. (GRADIM, 2000, p. 57)

substantivos e contextuais. O primeiro diz “respeito à avaliação direta dos acontecimentos em termos da sua importância ou interesse como notícia” (2005, p.78). O segundo engloba o contexto da produção da notícia em si, no qual Traquina amplia a definição do termo “valores-notícia” para “de construção” e indica onde são encontradas:

As qualidades da sua construção como notícia e funcionam como linhas-guia para a apresentação do material, sugerindo o que deve ser realçado, o que deve ser omitido, o que deve ser prioritário na construção do acontecimento como notícia (2005, p.78)

Os critérios que norteiam o raciocínio que leva ao reconhecimento de um acontecimento como algo relevante para o noticiário tem sido objeto de estudo de inúmeros pesquisadores, como Gislene da Silva, da Universidade Federal de Santa Catarina. Para compreender se o acontecido é noticiável, ela enumera três aspectos principais a serem observados.

O primeiro está na origem dos acontecimentos. Passa pelo entendimento do que são valores-notícia, que ela descreve “como atributos que orientam principalmente a seleção primária dos fatos” (SILVA, 2021, p.51) e são reconhecíveis pelos jornalistas. Silva completa a definição da seguinte maneira:

Os valores-notícia devem ser definidos como as qualidades dos eventos e não da sua construção jornalística. Eles participam ativamente da construção noticiosa, mas a produção da notícia e sua qualidade são resultado de muitos outros critérios ou fatores de noticiabilidade. (2021, p.55)

A repercussão de um acontecimento é um valor-notícia considerável. O jornalismo precisa ser absorvido e, a partir daí, comentado. Notícia ignorada indica que o assunto não é interessante.

O segundo aspecto apontado por Silva é o tratamento dos fatos, sua seleção hierárquica e os fatores inseridos dentro na organização: formato do produto, qualidade do material jornalístico apurado e obediência ao prazo de fechamento, que nos veículos impressos precisa seguir o organograma que permita a distribuição física do jornal ou revista em tempo hábil para chegar às mãos dos leitores. Essa questão não é mais relevante nas versões digitais dos veículos de comunicação nem órgãos

noticiosos que atuam exclusivamente em plataformas digitais.

O terceiro aspecto é o ponto de vista do profissional de imprensa. Sousa (2004) recorda que para Peucer, “o jornalista é responsável pela inclusão ou exclusão de alguns acontecimentos na história, ([1690], 2004, p.37). Portanto, temos um profissional que no exercício cotidiano de sua atividade carrega a responsabilidade de legar às gerações futuras os fatos ocorridos em seu tempo.

O comportamento e a condução do trabalho jornalístico são preocupações do jornal *Folha de S. Paulo*, corpus dessa dissertação, que expressa suas ideias a respeito em seu Projeto Editorial, documento publicado pelo jornal pela primeira vez em 1997. Trata-se de uma declaração pública de suas intenções como empresa jornalística e referência de conduta para os seus profissionais. Um trecho da última atualização, em 12 de março de 2019, diz:

Procurando manter-se equidistante das diferentes forças em atuação num dado cenário e disposto a ouvi-las e expressá-las, o jornalista profissional confirma a veracidade dos fatos, aponta conexões entre eles e estabelece uma hierarquia noticiosa (1997, s.p.)³⁷.

Silva aprofunda a questão ao deixar claro que a visão do jornalista diante dos acontecimentos deve compreender “conceitos de verdade, objetividade, interesse público e imparcialidade” (2021, p.50). No entanto, Genro (2005) rebate essa busca pela visão imparcial ao afirmar que “a isenção total é impossível devido ao envolvimento do jornalista que, para a nossa tranquilidade, também é um ser humano” (2005, p. 175).

O Projeto Editorial da *Folha de S. Paulo* postula que “embora a objetividade descritiva seja inalcançável como valor absoluto, procedimentos consagrados de apuração e redação ampliam o distanciamento crítico e tornam as descrições dos eventos tão exatas quanto possível” (1997).³⁸ Dessa maneira, o jornal externa sua preocupação em produzir material orientado pelo ideal da objetividade, informando aos leitores que existem procedimentos profissionais para alcançar esse objetivo.

A ideia da objetividade centrada nos fatos para produzir noticiário tem em Genro (2005) um de seus críticos. Ele não acredita em publicação de notícias a partir

³⁷ Disponível em: <https://shre.ink/bc50>. Acesso em: 20 set. 2024

³⁸ Disponível em: <https://shre.ink/bc50l>. Acesso em: 20 set. 2024

desse enfoque e formula a seguinte questão: “como se a apreensão dos fatos e a formulação abstrata deles na cabeça do homem, por si só, já não fosse um processo subjetivo” (2005, p.176). Prosseguindo em sua crítica, afirma que “o conceito de ‘informação objetiva’ pressupõe um emissor alienado, produto do sistema ao qual deverá servir sem reflexões críticas” (2005, p.177).

Refletir sobre o que apura e o que vai escrever está previsto no artigo quinto do Projeto Editorial que menciona ser dever dos jornalistas da empresa “abordar os assuntos com disposição crítica”. Dessa forma, temos uma situação de conflito, pois o mesmo jornal prega a objetividade possível mas defende o exercício da crítica.

A seleção do material que ingressará no noticiário, bem como os critérios que orientam essa tarefa, não são tratados no Projeto Editorial do jornal. Trata-se de um elemento importante dentro da cadeia de produção, que deve ser compreendido, por ser um aspecto fundamental no cotidiano do trabalho nas redações. Sua existência atende a razão lógica de que não é possível noticiar todos os acontecimentos diários. Por isso, é importante entender seu funcionamento, conforme observa Silva:

Estudar a seleção implica, inclusive, rastrear os julgamentos próprios de cada seletor, as influências organizacionais, sociais e culturais que este sofre ao fazer suas escolhas, os diversos agentes dessas escolhas postados em diferentes cargos na redação (2021, p.53)

Portanto, como se viu anteriormente temos, nos valores-notícia, o critério primário de orientação do que ingressará no noticiário e em qual posição. Silva observa ainda que “frente a volume tão grande de matéria-prima, é preciso estratificar para escolher qual acontecimento é mais merecedor de adquirir existência pública como notícia” (2021, p.51). Nesse ambiente, onde os fatos, de certa forma, “competem” entre si, para ganhar a atenção dos jornalistas, Traquina aponta “a notoriedade do ator principal do acontecimento” (2005, p.79) como “outro valor-notícia fundamental para os membros da comunidade jornalística” (2005, p.79).

Existem ainda outros aspectos cotidianamente pesados no trabalho jornalístico, que podem influenciar a percepção dos jornalistas se o acontecimento será notícia ou não ganhará a notoriedade pública conferida pelo noticiário. A experiência do autor dessa dissertação como editor da editoria de Geral do *Jornal da Tarde*, em 2000, permite apontar a existência de mais fatores importantes no processo de escolha do

que noticiar ou não. A seleção e a hierarquização do material noticioso que ingressaria diariamente nas páginas daquele veículo de imprensa, incluía outros três aspectos importantes: linha editorial, público-alvo e repercussão.

Venâncio explica a linha editorial como o “valor notícia da formação de realização da pauta (ou seja, um valor notícia de construção)” (2009, p.7), isto é, o tema será trabalhado pelo jornalista à luz da orientação recebida de seus superiores, que estão alinhados com a linha editorial do veículo. O público-alvo³⁹, ou seja, a quem se destina o noticiário, são as pessoas que consumirão a notícia, e que baliza o enfoque e a linguagem usadas pelo jornalista em sua produção. A repercussão é a capacidade que um assunto tem, dada sua relevância para a sociedade, de ser comentado em maior ou menor grau.

Os três aspectos que atuam na seleção da notícia estão presentes tanto em sua elaboração como objeto de consumo (intelectual); quanto no processo de produção, portanto desde a seleção da notícia até a publicação. Sua inserção no noticiário é uma decisão que segue o ponto de vista de quem a seleciona desde que não conflite com a orientação institucional do veículo de comunicação onde a notícia será publicada. Rechdan (2003) aponta para uma questão presente nesse processo:

Ela (a notícia) será selecionada se for vista sob certo enfoque de representação; portanto, a seleção envolve um ato de interpretação ideológica. O jornal precisa ser vivo, mas, ao mesmo tempo, precisa disfarçar o fato de que é na realidade um discurso institucional. (2003 p.5)

Uma vez selecionado o que vai virar notícia, inicia a etapa de construção do texto em si. Traquina usa a expressão valores-notícia de construção e explica que eles “os critérios de seleção dos elementos dentro do acontecimento dignos de serem incluídos na elaboração da notícia” (2005, p.91). Trata-se, portanto, da lapidação do fato ocorrido em busca das partes mais atraentes para sustentar o texto como notícia.

Para Traquina, quatro aspectos influenciam o processo de análise do acontecimento. O primeiro é a simplificação:

Quanto mais o acontecimento é desprovido de ambiguidade e de complexidade, mais possibilidades tem a notícia de ser notada e compreendida. Uma notícia

³⁹ Público-alvo é um conceito que se refere a perspectiva social, econômica e demográfica sobre as pessoas com propensão a consumir o seu produto. Disponível em: <https://encurtador.com.br/edHCM>. Acesso em: 29 out. 2024

facilmente compreensível é preferível a uma outra cheia de ambiguidade. Os clichês, os estereótipos e as ideias feitas são muitas vezes necessários. Os jornalistas têm obrigação de escrever de uma forma fácil de compreender; por simplificação, portanto, entendemos tornar a notícia menos ambígua, reduzir a natureza polissêmica do acontecimento. (2005, p.91)

Simplificar é refletir sobre os acontecimentos retirando deles qualquer nuance que induza ao controverso. Para Bosi, “a simplificação seria uma etapa no conhecimento do ambiente; etapa que eliminaria os pormenores” (1992, p.114), tarefa essa cumprida pelo jornalista, na fase de redação do texto, quando decide qual tratamento dará aos fatos.

Outro aspecto importante para identificar no acontecimento, o que há de mais potencial para tornar a notícia interessante é seu poder de amplificação. Segundo Traquina, “quanto mais amplificado é o acontecimento mais possibilidade tem a notícia de ser notada, quer seja pela amplificação do ato, do interveniente ou das supostas consequências do ato”, (2005, p.91)

Traquina aponta a relevância como o terceiro valor-notícia, por indicar a capacidade de influência do fato na sociedade. Dessa forma, “a noticiabilidade tem a ver com a capacidade do acontecimento incidir ou ter impacto sobre as pessoas, sobre o país, sobre a nação” (2005, p. 80).

O quarto aspecto é a dramatização que nada mais é do que identificar a faceta do acontecimento capaz de despertar emoção nas pessoas:

Quanto mais personalizado é o acontecimento mais possibilidades tem a notícia de ser notada, pois facilita a identificação do acontecimento em termos 'negativo' e 'positivo'. Por personalizar entendemos valorizar as pessoas envolvidas no acontecimento: acentuar o fator pessoa (TRAQUINA, 2005, p.92)

Portanto, trata-se de humanizar o noticiário de forma que a sociedade consiga enxergar-se entre os atores da situação mostrada. Nesse processo, os fatos são tratados à luz do padrão jornalístico descrito por Daniel Hallin em seu livro *The Uncensored war: the media and Vietnam* (1986) e citado por Traquina (2005). O pesquisador brasileiro mostra que, para Hallin (1986), o mundo do jornalista é dividido em três partes que compõem o padrão jornalístico aplicado em seu cotidiano de produção de notícias.

A primeira é formada pelos valores consensuais da sociedade “como a Pátria, a maternidade e a liberdade (...) que não são vistos pelos jornalistas e pela maioria da sociedade como controversos” (TRAQUINA, 2005, p.87). Isso significa que nessa esfera os profissionais de imprensa não entendem ser necessário apresentar qualquer ponto de vista oposto ao consenso social:

Sentem frequentemente como sua responsabilidade agir como advogados ou protetores cerimoniais de valores de consenso. Dentro desta esfera, os media noticiosos têm um papel essencialmente conservador e legitimizador (TRAQUINA, 2005, p.87).

Em sentido oposto está o que Hallin (1986) chama de a controvérsia legítima, quando os jornalistas praticam a objetividade em sua forma de ver os fatos e de produzir material noticioso. A neutralidade orienta a reflexão e o equilíbrio na apuração se impõe, como explicado por Traquina: “Os jornalistas apresentam os dois lados da questão sem tomar partido, seguindo os procedimentos que estão identificados com a objetividade (2005, p.87).

A terceira parte, segundo Hallin (1986), é orientada para a sustentação do status quo da sociedade, rejeitando quem desafia o consenso. Aqui temos os jornalistas servindo aos interesses das classes dominantes avessas a mudanças sociais. Nas palavras de Traquina:

Media noticiosos tornam-se mecanismo de manutenção de fronteiras: desempenham o papel de expor, condenar ou excluir da agenda pública os que violam ou desafiam os valores de consenso e apóiam a distinção consensual entre atividade política legítima e ilegítima (2005, p.87 e 88).

A soma dessas três partes definidas por Hallin (1986) e analisadas por Traquina (2005) é que influenciam a produção final do material noticioso. A seleção quanto à sua importância no noticiário, a hierarquização de sua distribuição e até, quando o caso apresenta-se, o cancelamento de sua presença, cabe a uma classe de profissionais dentro dos veículos de comunicação, os editores. São eles os responsáveis por definir o que efetivamente será consumido pelo público como notícia, porque são eles quem detêm o poder real de inclusão ou não no noticiário.

A primeira denominação desse profissional foi *gatekeeper*. O termo surgiu em

1950, com o sociólogo David White, a partir do estudo desenvolvido por ele para analisar o fluxo de notícias dentro de uma redação e que resultou no livro *Gatekeeper: uma análise de caso na seleção de notícias* no qual ele concluiu que a forma de escolher as notícias eram ao mesmo tempo subjetivas e arbitrarias. Algumas eram rejeitadas por falta de espaço, outras, por serem repetidas e outras ainda por terem sido entregues fora do tempo necessário para a produção física do veículo. O selecionador final ganhou o nome de *gatekeeper* por ser quem exerce o poder de decisão do que entrará no noticiário ou não.

Porém, com o tempo e a observação dos fatos o *gatekeeper* acabou moldando-se à realidade, quando não raro os próprios fatos se impunham. Subjetividade e arbitrariedade ganharam a companhia da objetividade, que muitas vezes, passou a ter mais peso na seleção do noticiário em nome do interesse do leitor de ser informado. Assim, o todo-poderoso *gatekeeper* deu lugar ao editor, que seleciona os fatos, atuando em duas fases. Na primeira fase decide o que será incluído ou não, levando em consideração a força de cada assunto dentro da ideia do que é notícia, mostrada antes. Na segunda age na distribuição espacial da notícia dentro do noticiário, que não será analisada nessa dissertação.

Todavia a seleção dos assuntos que vão compor o noticiário não fica isenta das forças que incidem sobre produção das notícias. Como já exposto por Hallin (1986) e Traquina (2005), é natural concluir que os editores seguirão um padrão jornalístico. Porém, dada sua natureza humana os selecionadores não estão isentos de, ao escolherem o que vai compor o noticiário, expressarem sua opinião a respeito dos fatos, opinião essa que, eventualmente, estará contagiada por ideias estereotipadas.

É importante entender que nem sempre opinar significa expressar ideias com a autoridade do conhecimento. Eventualmente pode ser somente apresentar uma posição aparentemente válida, mas que não passou pelo escrutínio da verificação, não foi checada por quem a pronunciou. A causa dessa não apuração atende às mais variadas razões: da falta de interesse e tempo em se aprofundar, até a convicção que aquele pensamento é a expressão da certeza. Bosi cita Theodor Adorno, em *Dialética do Esclarecimento*, escrita em 1947, ao dizer que “a opinião é a posição de uma consciência subjetiva, tida como válida, mas sem a universalidade da verdade. O conhecimento é a opinião verificada” ([1947], 1992, p.115).

A falta de embasamento para sustentar a opinião abre espaço para que, ao

invés de ocuparem lugar no raciocínio os fatos surjam de estereótipos, como explica Bosi: “no processo de estereotipia, os padrões correntes interceptam as informações no trajeto rumo à consciência” (1992, p.113). Todavia, no trabalho cotidiano da imprensa essa conduta é inaceitável como mostra o Projeto Editorial da *Folha de S. Paulo* onde está escrito “o jornalista profissional confirma a veracidade dos fatos” (1997).

No mundo real, os prazos de fechamento de matéria foram substituídos pela urgência de “subir” o texto para o portal do jornal e, com tempo mais curto para entrega do material, fica mais difícil verificar tudo com o máximo de acuidade. Bosi lembra que “na vida prática, não temos sempre condições de transformar opinião em conhecimento: a verdade fica sendo a opinião comum” (1992, p.116).

Essa limitação jornalística, causada pela redução no tempo de apuração, é observada por Bittman quando analisa os pontos de infiltração da desinformação promovida pela então URSS contra o ocidente:

Diversas condições tornam os jornalistas atuais mais suscetíveis a jogos de enganação e desinformação do que seus colegas de um quarto de século atrás. Um correspondente estrangeiro no passado tinha tempo para estudar a política, a história e as idiosincrasias do país anfitrião, e para desenvolver contatos com políticos, acadêmicos, jornalistas, artistas e empresários de renome. ([1985], 2019, p.144)

Bittman ([1985], 2019) expõe esse raciocínio em sua obra originalmente publicada em 1985. Ao mencionar “colegas de um quarto de século atrás” ele se refere aos jornalistas dos anos 1960. Em face à aceleração do processo de disseminação de informações e o conseqüente acirramento da concorrência, duas situações que têm nas plataformas de internet, seu ambiente de florescimento, a observação feita por ele é adequa-se também aos tempos atuais.

O próprio Bittman sintetiza-a, ao afirmar que, no “caótico cotidiano da busca pela notícia, tanto o repórter quanto seu editor têm, em geral, pouquíssimo tempo para verificar detalhes importantes” ([1985], 2019, p.145). Ele ainda completa: “uma grande fraqueza da cobertura midiática de assuntos internacionais complicados é a falta de análises e verificações aprofundadas” ([1985], 2019, p.145).

Na cobertura da guerra essa situação amplifica-se e o caos do campo de

batalha instala-se nas redações, pois as informações são manipuladas pelos lados em conflito, como mostra o acompanhamento jornalístico da guerra entre Ucrânia e Rússia, objeto desse trabalho. O início da invasão russa, em 24 de fevereiro de 2022, fez a Rede Internacional de Checagem de Fatos⁴⁰, que conta com informações de mais de cem empresas checadoras de notícias em 28 países, iniciar seu trabalho de identificar as ações de desinformação realizadas por ambos os lados.

Seu parceiro brasileiro é a Agência Lupa, fundada em 2015, especializada em checagem de notícias e precursora da atividade no Brasil. No dia seguinte, ao início da invasão a Rede Internacional de Checagem de Fatos informou, por intermédio da Agência Lupa, que o serviço havia identificado e classificado como conteúdo desinformativo 244 postagens⁴¹.

A desinformação não surge isolada mas claramente ligada ao esforço de guerra dos dois países.

A rapidez como ambos os lados buscaram criar uma narrativa favorável à sua própria causa mostra que os governos estão atentos em construir consenso favorável às suas ações, estratégia que já vimos no capítulo anterior. A verdade deixa de ser prioritária, para trazer significado aos acontecimentos e cede lugar à pós-verdade. Assim, diante de nós temos uma guerra de narrativas desenvolvendo-se em paralelo ao conflito armado. Nesse contexto, Araújo (2020) explica que a “pós-verdade designa, pois, uma condição, um contexto no qual atitudes de desinteresse e mesmo desprezo pela verdade se naturalizam, se disseminam, se tornam cotidianos, normais e até mesmo estimulados” (2020, p.40).

Esse estímulo é orquestrado pelos governos, como vimos em Chomsky (2013) e, verdade seja dita, não se trata de uma atitude inovadora do século XXI. Como mostra a história, construir um discurso favorável aos interesses do Estado é estratégia antiga. Ao longo do tempo os governos, sempre que necessário, apresentaram versões sobre fatos a respeito de conflitos militares. A Guerra Fria, mencionada anteriormente, foi um deles. Não causou mortes diretas entre seus oponentes, os EUA e a URSS, mas teve a mais longa duração do século passado, com enfrentamentos mais narrativos do que físicos.

⁴⁰ O IFCN-International Fact-Checking Network foi criado em 2015 e faz parte do instituto Poynter, uma organização mundial sediada nos EUA, sem fins lucrativos, e cuja proposta é fortalecer a democracia com a prática do jornalismo ético. Disponível em: <https://www.poynter.org/>. Acesso em: 29 nov. 2024.

⁴¹ “Agências de checagem desmentiram 244 conteúdos falsos sobre conflito na Ucrânia”. Disponível em: <https://abrir.link/cODkW>. Acesso em: 10 ago. 2024

Para não cedermos à pós-memória, conceito apresentado no Capítulo 1, formulado por Hirsch (2008) como uma estrutura de transmissão e transferência de conhecimentos e experiências para pessoas que não testemunharam os acontecimentos e passam a aceitar versões como verdade, vamos explicar um pouco o que foi a Guerra Fria.

O termo foi usado pela primeira vez pelo escritor britânico George Orwell em um ensaio intitulado “Você e a bomba atômica”⁴² publicado no jornal *Tribune*, do Reino Unido, em 19 de outubro de 1945. Naquela data, havia pouco mais de um mês que o Japão assinara sua rendição incondicional aos aliados (2 de setembro de 1945). Orwell (1945) utiliza o termo para se referir à estabilidade mundial que poderia vir entre as nações porque entendia que “nós (a humanidade) podemos não estar caminhando para um colapso geral mas para uma época tão terrivelmente estável quanto os impérios escravistas da antiguidade” (1945, p.3).

A razão para isso seria o equilíbrio militar advindo da posse da bomba atômica. Em face da incapacidade “de conquistar um ao outro, é provável que continuem (os estados) a governar o mundo entre si” (ORWELL, 1945, p.2). É nesse contexto que ele aplica o termo ao descrever um futuro em que existiria um “Estado que fosse ao mesmo tempo invencível e num estado permanente de ‘guerra fria’ com os seus vizinhos” (ORWELL, 1945, p.3).

Orwell (1945) não faz qualquer ligação da expressão com as relações entre os países vencedores da Segunda Guerra Mundial a saber Reino Unido, EUA e URSS. Naquele ano o único país detentor da tecnologia para produção de armas atômicas era os Estados Unidos. A URSS conseguiu realizar seu primeiro teste em 1949 e o Reino Unido em 1952.

O jornalista só conecta o termo com a URSS e o Ocidente, inicialmente com o Reino Unido, após a realização da Quinta Conferência de Moscou, ocorrida de 16 a 26 de dezembro de 1945⁴³.

Orwell (1946) escreve a respeito do assunto no jornal britânico *The Observer*, em 10 de março de 1946⁴⁴, mais uma vez como um ensaio, no qual observa que “após a conferência de Moscou em dezembro passado, a Rússia (URSS) começou a fazer

⁴² No original em inglês: You and the Atomic Bomb

⁴³ Disponível em <https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1945v02/d268>. Acesso em: 10 jan. 2025

⁴⁴ Disponível em <https://studfile.net/preview/9314246/page:2/> Acesso em: 10 jan. 2025

uma "guerra fria" com a Grã-Bretanha e o Império Britânico" (1946)⁴⁵. Portanto, ao contrário dos conflitos convencionais não houve mobilização das forças armadas dos países mas sim o início de ações políticas e ideológicas que, como se sabe, foram concentradas pelos soviéticos contra os EUA e vice-versa.

No período (de 1945 a 1991) a tensão gerada pelos dois países criou um ambiente de instabilidade mundial descrito por Francisca Saraiva, assessora do Instituto de Defesa Nacional (Portugal), como "uma percepção de ameaça, no sentido em que as pulsões conflituais são mais vincadas do que a vontade de cooperação, porque há interesses vitais ou importantes em jogo" (2011, p.15).

Essa tensão desenhou a geopolítica no período do pós-guerra, com os EUA e a URSS jogando seu xadrez político ao redor do mundo. Ao invés do embate direto as duas superpotências recorriam a oligarquias locais para alinhar países menores aos seus interesses, não raro causando morte e destruição.

Essa estratégia, denominada guerra por procuração, é "o envolvimento indireto em um conflito por terceiros que desejam influenciar seu resultado estratégico" (Mumford *apud* Konrad, 2021, p.46).

Embora existam registros dessa prática ao longo da história da humanidade, ela ganhou mais força no século XX, por causa das manobras dos EUA e da URSS para estabelecer sua hegemonia mundial. Konrad (2021) explica:

Durante a Guerra Fria, a guerra de procuração foi a principal maneira no qual as superpotências conduziam a sua política bélica, intervenção direta passou a ser uma exceção (como nas guerras da Coreia, do Vietnã ou do Afeganistão) do que regra. (2021, p. 46-47)

Ao longo do século XX há exemplos dessa disputa por hegemonia nos mais diversos teatros de operações como África, América Latina e Ásia (Oriente Médio). O fim da URSS em 1991 deveria ter sido o fim da Guerra Fria.

Embora a máxima "Na guerra, a primeira vítima é a verdade" já tenha sido atribuída a este ou aquele líder mundial ou humanista, sua autoria segue desconhecida. Para o autor dessa dissertação, a possibilidade de que seja do dramaturgo Ésquilo (525 a.C – 456 a.C) faz sentido considerando que a

⁴⁵ No original em inglês: After the Moscow conference last December, Russia began to make a 'cold war' on Britain and the British Empire

desinformação é uma arma de guerra, descrita inclusive na Ilíada, escrita por Homero no século IX antes da era cristã, um texto que Ésquilo teria conhecido. Em resumo, o instrumento de desinformação que “mata” a verdade é o cavalo de Tróia, que induziu os troianos a acharem que os gregos haviam abandonado o cerco à cidade. Considerando que na crença religiosa de então o cavalo estava ligado à adoração do deus dos mares, Poseidon, os troianos interpretaram a figura como uma oferenda para assegurar retorno seguro à Grécia da frota grega. Assim, levar os navios para outro lugar e deixar o cavalo na praia foi a forma grega de ocultar suas intenções belicosas.

No poema de Homero, os troianos não fazem uma elaboração complexa do que encontram na praia e acreditam na explicação mais simples. A despeito de estarem em uma situação de perigo iminente e conhecerem o valor e a capacidade do seu adversário, acreditam na explicação mais simples pois sua percepção está afetada por suas crenças religiosas. Assim Bosi explica essa questão:

A psicologia social descreve essa tendência a formar noções simplificadas que recobrem os elementos contraditórios do real, ignoram exceções e permanecem rigidamente imunes à experiência. É a percepção social falsa (1992, p.114).

Para os troianos enxergar o mundo baseado em suas crenças pessoais e emoções, sem considerar os acontecimentos, custou-lhes sua cidade e suas vidas. Para nós, fazê-lo representa a diferença entre entender o mundo com suas contradições reais, apartando as emoções do julgamento, ou, ficar refém da pós-verdade.

4. CAPÍTULO 3 – O primeiro ano: guerra europeia no século XXI

A análise da cobertura relativa à guerra entre Ucrânia e Rússia foi realizada a partir das matérias publicadas no portal do jornal *Folha de S. Paulo*, corpus dessa dissertação, com o auxílio da ferramenta *Google Trends* que analisa uma amostra de pesquisas do *Google* na *Web* em um período de tempo para um determinado termo. Consideramos toda matéria a respeito do tema com índice de acessos igual a cem que é o pico de popularidade alcançada pelo termo naquele dia conforme explicado anteriormente.

Fig. 3. Google Trends



Fonte: <https://trends.google.com.br/trends/>

As matérias escritas pelos profissionais reúnem apuração própria, ou seja, demanda pesquisa feita pelos jornalistas com material recebido por agências de notícias do Ocidente como *Reuters* (Reino Unido), *AFP* (*Agencia France Press*, França), *BBC* (*British Broadcasting Corporation*, Reino Unido) e *Deutsche Welle* (Alemanha) assim como dos jornais *The New York Times* (EUA), *The Economist* e *Financial Times* (ambos britânicos). A *Folha de S. Paulo* não assina nenhum serviço

noticioso do Leste Europeu nem tampouco da Rússia. Porém é provável que os repórteres, no processo de apuração das matérias, busquem fontes fora dos serviços noticiosos assinados pelo jornal, como os portais veiculados pela internet.

O período analisado compreendeu dois anos da guerra entre a Ucrânia e a Rússia, ou seja, de 24 de fevereiro de 2022 a 24 de fevereiro de 2024. No total foram lidas e analisadas 75 matérias. Incluímos o número de parágrafos em cada uma delas para mostrar que os repórteres da *Folha de S. Paulo* buscaram passar para o leitor o máximo de informações que consideraram relevantes.

Este capítulo trará a análise das 51 matérias referentes ao primeiro ano da guerra – de 24 de fevereiro de 2022 a 24 de fevereiro de 2023. Os 24 textos produzidos no segundo ano serão analisados no próximo capítulo.

No processo de edição do noticiário a rotina da redação estabelece que o jornalista responsável pelo texto não decide seu título, como ocorre na *Folha de S. Paulo*. Essa tarefa cabe ao editor, que como vimos no Capítulo 2, segue o padrão jornalístico do veículo mas também sofre influência de suas crenças e experiências pessoais, isto é, de seu contexto e, por assim dizer, de sua formação discursiva. Por isso é comum, como veremos no material analisado, situações em que o título expressa uma ideia não integralmente corroborada no texto. Por vezes, o editor procura atrair a atenção do leitor, recorrendo a certas estratégias, como usar palavras fortes no título (“provoca” e “bomba-suja”); ou personificar as ações de um Estado (empregar “Putin” no lugar de “Rússia”).

Outro recurso é usar aspas para sinalizar ao leitor que o jornalista está sendo irônico ou pejorativo com relação à alguma declaração oficial. O Manual de Redação da *Folha de S. Paulo*⁴⁶ recomenda que o jornalista “evite usar aspas para enfatizar palavras, sobretudo para imprimir tom irônico” (1996, s.p.), pois “nem sempre a ironia que parece óbvia ao autor é compreendida como tal pelo leitor e, em excesso, tende a irritá-lo” (1996, s.p.). Se o leitor pode compreender a expressão em seu sentido oposto, significa que o autor da matéria expressou sua opinião em um espaço que deve ser informativo.

Essa maneira de redigir a notícia fere o próprio Projeto Editorial da *Folha de S. Paulo* nos itens 8 e 10: “Manter atitude apartidária, desatrelada de governos, oposições, doutrinas, conglomerados econômicos e grupos de pressão” e

⁴⁶ Disponível em: <https://abrir.link/LStXM>. Acesso em: 18 jan. 2025

“Estabelecer distinção visível entre material noticioso, mesmo que permeado de interpretação analítica, e opinativo”⁴⁷(2019, s.p.). A razão que leva os jornalistas a descumprirem tanto o Manual de Redação quanto o Projeto Editorial da empresa onde trabalham não é clara. Seria necessário pesquisar junto aos profissionais da redação. Como essa questão não está sendo analisada nesta dissertação, será deixada de lado.

Primeiro ano da guerra em 51 matérias

24 de fevereiro de 2022 – “Putin inicia guerra contra a Ucrânia”⁴⁸. A matéria tem 32 parágrafos, mas o link que dá acesso a ela tem um título diferente: “Putin autoriza operação militar na Ucrânia”. Isso pode dificultar o trabalho de pesquisa para quem busca essa notícia a partir do título. O material produzido pela imprensa é reconhecido pelos historiadores como fonte confiável segundo Marcia Janete Espig, mestre em História pela UFRGS: “A utilização de material jornalístico em trabalhos de cunho historiográfico vem sendo, cada vez mais, útil aos pesquisadores que se debruçam sobre períodos relativamente recentes de nossa história” (1998, p. 269). Portanto, não há razão clara para o jornal adotar essa dualidade de classificação que dificulta a indexação do material pelas plataformas de busca da Internet. Como ao jornal nada serve publicar matéria que não possa ser localizada, parece ter ocorrido um erro no momento da geração do link.

Outro aspecto das duas versões do título da matéria é o fato de ambas referirem-se à mesma ação com tratamentos discursivos distintos. A intenção do primeiro título (“Putin inicia guerra contra a Ucrânia”) é apontar o presidente da Rússia, Vladimir Vladimirovitch Putin, como único responsável pelo início do conflito. No entanto, tal premissa não corresponde à verdade, pois decisões desse nível são tomadas em conjunto, com conselhos, e a Rússia não foge a essa regra, como mostra a matéria da *BBC* “Conflito na Ucrânia: quem está no círculo íntimo de Putin e conduz a guerra”⁴⁹ que nomeia quem participa das decisões belicosas da Rússia contra a Ucrânia.

Já o segundo título (“Putin autoriza operação militar na Ucrânia”) lança mão de um eufemismo, dado que uma “operação militar” pode ter qualquer finalidade,

⁴⁷ Disponível em: <https://abrir.link/BJrAl>. Acesso em: 20 set. 2024

⁴⁸ Disponível em: <https://encurtador.com.br/jim73>. Acesso em: 15 mai. 2024

⁴⁹ No original em inglês: *Ukraine conflict: Who's in Putin's inner circle and running the war?* Disponível em <https://www.bbc.com/news/world-europe-60573261>. Acesso em: 28 jan. 2025

inclusive a de agredir outro país⁵⁰. De todo modo, nos dois títulos, usar o sobrenome do presidente da Rússia traz à tona um dos quatro valores-notícia apontados por Traquina (2005): a dramatização. Personificar a ação aproxima os leitores do acontecimento pois, como explica Traquina (2005), “mais possibilidades tem a notícia de ser notada, pois facilita a identificação do acontecimento em termos 'negativo' e 'positivo'(p.92).

De qualquer forma a intenção do redator do texto não fica clara, pois o eufemismo por um lado suaviza o relato, mas, por outro, dramatiza ao usar o sobrenome do presidente russo. Cria-se um cabo-de-guerra narrativo. O texto mostra ao leitor a imprecisão, presente em todos os conflitos, nas informações passadas pelos governos.

O quarto parágrafo ilustra bem essa questão: “Não há estimativa de mortos, mas estão na casa das dezenas ou centenas”. A formulação deixa claro que não se sabe quantas pessoas foram mortas e menos ainda qual a fonte dessa estimativa. Portanto, já no primeiro dia da invasão russa do território ucraniano, temos as ações de ambos os lados no desenvolvimento da guerra de versões. As demais partes do texto seguem mostrando seus esforços para fazer sua versão prevalecer.

25 de fevereiro de 2022 – “Rússia vota resolução contra si na ONU e vê Brasil subir tom contra invasão”⁵¹. A matéria, que descreve, em 19 parágrafos o ocorrido na Organização das Nações Unidas (ONU) no dia seguinte à invasão, está em sintonia com o que Souza (2004) indica ser “a definição peuceriana de ‘notícia’ (...), essencialmente descritiva” (2004, p.36). Embora seja hermético, para não revelar ao leitor de qual resolução se trata, o título parte do pressuposto de que, sendo a matéria sobre Rússia logo deverá ter relação com a guerra da Ucrânia. Se for assim, a resolução vetada deve ser, minimamente, alguma forma de censura da ONU à atitude da Rússia.

No entanto, a frase não indica isso. A presença do Brasil no título justifica-se pelo que se conhece em jornalismo como “gancho local”, ou seja, busca-se no acontecimento algo que o conecte ao interesse do leitor. Por ser uma ação de política

⁵⁰ “Operação Militar é o conjunto de ações realizadas com forças e meios militares, coordenadas em tempo, espaço e finalidade, de acordo com o estabelecido em uma diretriz, plano ou ordem para o cumprimento de uma atividade, tarefa, missão ou atribuição. É realizada no amplo espectro dos conflitos, desde a paz até o conflito armado/guerra, passando pelas situações de crise, sob a responsabilidade direta de autoridade militar competente”. Manual de Campanha, Exército Brasileiro, Ministério da Defesa. 5ª edição, p.13, Brasília, 2017. Disponível em: <https://encurtador.com.br/aView>. Acesso em: 28 jan. 2025

⁵¹ Disponível em: <https://shre.ink/bk3X>. Acesso em: 15 mai. 2024

internacional, a ligação ocorre pela inclusão do país na ação, a despeito do Brasil não tem participação nesse conflito.

26 de fevereiro de 2022 – “Russos atacam centro de Kiev e começam batalha para dominar a Ucrânia”⁵². O texto de 41 parágrafos traz um erro de indexação do arquivo, pois o título da matéria não corresponde ao do link: “Kiev sofre novos bombardeios e se prepara para invasão russa”. O autor lança mão da redação dramática, conforme descrita por Traquina (2005), já a partir do lead – “A batalha por Kiev começou”. No terceiro parágrafo, o texto volta a utilizar o mesmo expediente ao citar “Forças de Vladimir Putin”, para se referir ao exército e à força aérea russos que são instituições de Estado e não milícias privadas. Caracteriza-la dessa forma induz a entender que a ação agressiva acontece por capricho de uma pessoa e não por decisão de um governo, isentando da responsabilidade de iniciar e conduzir a agressão contra a Ucrânia toda a liderança político-militar da Rússia.

No décimo primeiro parágrafo a matéria coloca em dúvida a análise feita pelos EUA sobre a situação do conflito: “Numa avaliação vazada pelo Pentágono às TVs americanas, os russos teriam diminuído a velocidade de seu ataque no final da tarde, ficando a dúvida se isso seria uma sinalização para abrir a negociação ou se haveria alguma perda de ímpeto. No caso de a observação ser correta, claro”. A informação não deixa claro o que aconteceu, contrariando o primeiro item do Projeto Editorial da *Folha de S. Paulo* que diz “confirmar a veracidade de toda notícia antes de publicá-la”⁵³.

27 de fevereiro de 2022 – “Ucrânia aceita negociar com Rússia depois de aumento da pressão militar de Putin”⁵⁴. Mais um arquivo indexado com título diferente do link – “Putin invade segunda maior cidade da Ucrânia, Zelenski rejeita negociar rendição”. A opção de utilizar no título da matéria a expressão “aceitar negociar” induz à percepção de que a Ucrânia estaria aberta ao diálogo com os invasores de seu território. Todavia, no título do link a posição ucraniana muda, mostrando a determinação do seu governo para enfrentar os russos, mesmo ante a ofensiva inimiga.

Esse conflito narrativo entre os dois títulos confunde o leitor: afinal a Ucrânia está fragilizada ou enfrenta o inimigo com determinação? O link o jornal refere-se à

⁵² Disponível em: <https://shre.ink/bkUi>. Acesso em: 3 jun. 2024

⁵³ Disponível em: <https://abrir.link/BJrAl>. Acesso em: 14 dez. 2024

⁵⁴ Disponível em: <https://abrir.link/WitqQ>. Acesso em: 15 mai. 2024

invasão da segunda maior cidade da Ucrânia mas omite seu nome, opção inexplicável dado que o leitor brasileiro não é versado em geografia ucraniana. O uso dos sobrenomes dos presidentes da Ucrânia (Volodymyr Olexandrovytch Zelensky) e da Rússia indica que o jornal parte do pressuposto de que ambos já são personagens conhecidos dos leitores, o que faz sentido em face de ambos estarem no topo das lideranças de seus países. Também reforça o visto anteriormente em Traquina (2005), que se trata de uma maneira de aproximar o acontecimento do leitor por meio da personificação da notícia. Os 25 parágrafos restantes do texto pontuam as ações militares dos dois países, mostrando o esforço de ambos os lados em transmitir sua versão da situação.

28 de fevereiro de 2022 – “Rússia e Ucrânia terminam reunião sem avanços e anunciam 2ª rodada de conversas”⁵⁵. O texto de 14 parágrafos expressa a opinião do jornalista já no lead: “A rodada de negociações entre Rússia e Ucrânia, realizada nesta segunda-feira (28), em Gomel, na Belarus, acabou com o resultado esperado: sem avanços claros”. O leitor não é informado dos pontos discutidos entre as duas delegações, para que possa julgar, por si próprio, uma falha condenada por Peucer ([1690] 2000) como vimos anteriormente. O último parágrafo, traz a frase: “Putin coloca suas forças nucleares em alerta” como se fosse possível uma pessoa ter posse de forças nucleares.

A matéria troca o Estado, ator da ação, pelo seu líder, que não é proprietário dos bens e equipamentos públicos. Essa forma de relatar os acontecimentos é uma estratégia para jogar sobre uma única pessoa a responsabilidade total dos atos de guerra. Embora o líder, por força de sua posição seja, de fato, o maior responsável pelas ações do Estado, ele não conduz os eventos sozinho.

1º de março de 2022 – “Diplomatas boicotam chanceler russo na ONU; Brasil não participa de protesto”⁵⁶. O texto de 15 parágrafos traz informações imprecisas já no lead: “Dezenas de diplomatas do mundo todo boicotaram dois discursos do ministro das Relações Exteriores da Rússia, Serguei Viktorovich Lavrov, proferidos durante painéis da ONU em Genebra nesta terça-feira (1º)”. “Dezenas” compreende qualquer número entre 10 e 90 o que faz toda a diferença, considerando que a Organização das Nações Unidas tem 193 integrantes⁵⁷. Ao mesmo tempo, “Dezenas” pode

⁵⁵ Disponível em: <https://abrir.link/jbNsz>. Acesso em: 5 jun. 2024

⁵⁶ Disponível em: <https://abrir.link/vtWDP>. Acesso em: 5 jun. 2024

⁵⁷ Disponível em: <https://abrir.link/fBMFD>. Acesso em: 5 jun. 2024

representar uma parcela insignificante ou cerca de metade dos representantes diplomáticos da ONU.

Essa imprecisão não condiz com a prática do jornalismo como explica Gradim (2000): “Um lead bem construído dispensa o leitor apressado de se deter no resto da peça. porque a informação básica mais importante já foi dada (...)” (2000, p.58). Outra falha do texto é não trazer a lista dos países que se recusaram a ouvir as palavras do chanceler da Rússia, o que deixa o leitor efetivamente sem saber qual a força do boicote à fala dele na ONU.

3 de março de 2022 – “Ataque russo inicia incêndio na maior usina nuclear da Europa, diz Ucrânia; veja vídeos”⁵⁸. O título da matéria, de 22 parágrafos, repete o mesmo equívoco de diferir-se do link – “Incêndio atinge maior usina nuclear da Europa após ataque russo” – situação que tem se mostrado corriqueira nessa cobertura. Os dois títulos têm em comum o fato de não informarem o nome da maior usina nuclear da Europa (Zaporizhzhia) e tampouco sua localização.

O texto mostra uma disputa por versões feitas entre ucranianos. No segundo parágrafo a matéria diz: "Segundo a agência de notícias russa RIA-Novosti, o chanceler ucraniano, Dmitro Ivanovych Kuleba, pediu para o ataque ser interrompido sob risco de criar uma explosão com impacto potencialmente dez vezes maior do que o do acidente na usina nuclear de Tchernóbil, ocorrido na Ucrânia ainda soviética em 1986."

Porém a informação do parágrafo seguinte, reduz essa carga dramática: “A direção da usina disse à agência que não havia risco imediato de contaminação nuclear. O Serviço de Emergência da Ucrânia informou depois que as condições de radiação e do incêndio na instalação estavam ‘dentro dos limites normais’ e, por volta das 1h30 (hora de Brasília), que o incêndio foi controlado.” Temos, portanto, duas fontes oficiais ucranianas com conhecimento sobre o fato fazendo declarações tranquilizadoras, na direção contrária a do chanceler da Ucrânia.

O quinto parágrafo segue a mesma linha: "as informações iniciais são de que o incêndio teria começado em um prédio do lado de fora da usina", ou seja, sem perigo para as instalações nucleares, ao contrário do sugerido pelo título. O décimo sexto parágrafo informa que: "Segundo sua direção (da usina) disse à RIA-Novosti, o incêndio foi num prédio de treinamento, afastado da área de risco nuclear, e os

⁵⁸ Disponível em: <https://abrir.link/afZeq>. Acesso em: 5 jun. 2024

protocolos de segurança foram acionados."

Porém, antes, no sétimo parágrafo o autor da matéria retorna a linha adotada desde o início com a seguinte afirmação: "Uma coisa é certa, contudo: instalações nucleares não combinam com tiroteios, e as imagens claramente mostram rastros de disparos de armas de grande calibre contra a instalação." O autor dessa dissertação assistiu as imagens⁵⁹ e elas são escuras, com clarões de luz que indicam explosões, mas sem condições de confirmar onde estão ocorrendo, o que dificulta verificar se a afirmação da matéria procede.

Há uma alternância, nos parágrafos do texto, entre informações concretas de fontes oficiais da Ucrânia sobre a situação da instalação de geração de energia nuclear e opiniões do governo ucraniano e do autor da matéria. Portanto, há na formatação do texto a intenção de mostrar a situação pior do que ela é. Bosi explica, a partir dessa matéria, que "a opinião sem recurso aos fatos gera uma razão interna que incorpora a si só o que lhe é semelhante, vendo em tudo confirmação de si própria" (1992, p.116).

4 de março de 2022 – "Rússia instaura censura à cobertura da guerra na Ucrânia; Facebook e Twitter são bloqueados"⁶⁰. O destaque do jornal para as duas plataformas digitais induz a ideia de isolamento do povo russo do restante do mundo, quando na verdade essas duas redes, apesar de sua ampla presença mundial, não são as únicas. Não há, por exemplo, referência se a censura também foi ao Tik Tok, You Tube ou Instagram, por exemplo, outros três vetores de disseminação de informações.

Outro aspecto desconsiderado é o momento da instauração da censura às duas plataformas ocidentais. A guerra começou em 24 de fevereiro. O governo russo levou oito dias para bloquear, em seu território, as informações que chegam veiculadas pelo Facebook e Twitter, fato que passa sem o registro da *Folha de S. Paulo*. O jornal mostra surpresa, ao constatar que o governo da Rússia convive com a presença da oposição na imprensa. Isso fica claro no nono parágrafo: "a novidade em questão é que existe um resto de mídia crítica ao Kremlin na Rússia" ou seja, ao contrário do que ocorreu em outras guerras, segundo relato da matéria, a oposição tem voz na imprensa da Rússia, para surpresa da *Folha de S. Paulo*.

⁵⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hbfp4O3vYNQ>. Acesso em: 15 mai. 2024

⁶⁰ Disponível em: <https://abrir.link/IBumh>. Acesso em: 15 mai. 2024

Ao que parece o jornal esperava, por parte da liderança russa, mordida completa da imprensa para a livre circulação da propaganda política alinhada com o esforço de guerra. Em outras palavras, trata-se da formação de consenso, como criticada por Chomsky (2013), porque é necessário à elite “algo que domestique o rebanho desorientado” (2013, p.9). Sem mordida explícita, o aparato estatal russo, como visto no texto, apoia-se no arcabouço legal para orientar o noticiário conforme a legislação criada, com suas penalidades, para evitar informações contrárias sobre a guerra.

No total, o texto contém 17 parágrafos. A partir do sexto faz um apanhado da censura à imprensa durante as guerras ao longo da história: “Todos os conflitos desde que a imprensa passou a cobri-los, a partir da Guerra da Crimeia perdida pelos russos em 1856, foram objeto de censura de governos”. As informações pontuais, do sétimo parágrafo, lembram que, na Primeira Guerra Mundial, o Reino Unido punia com prisão perpétua quem publicasse material contrário ao esforço de guerra. O oitavo parágrafo trata do escritório de censura à imprensa, criado nos EUA durante a Segunda Guerra Mundial, igualando a dessa maneira a censura do governo russo a de outros países ocidentais, tornada como praxe em tempo de guerra.

6 de março de 2022 – “Ataques à Ucrânia interrompem retirada de civis pela 2ª vez em novo fracasso de cessar-fogo”⁶¹. O link que arquiva a matéria é diferente do texto – “Cidade da Ucrânia tenta nova evacuação após cessar-fogo ser desrespeitado”. Há uma disputa retórica entre os dois títulos. O primeiro indica que a Rússia seria a responsável pelo fracasso do cessar-fogo. O segundo é impreciso quanto à responsabilidade de quem violou a trégua, atacando a cidade durante a evacuação da população.

No total, o texto com 23 parágrafos reproduz os discursos em que ambos os lados acusam-se de quebrar a trégua humanitária, usando o relato direto dos oponentes em mais um episódio dessa guerra de narrativas. A matéria não rememora a primeira tentativa de cessar-fogo e subentende que seu leitor está acompanhando diariamente o noticiário da *Folha de S. Paulo* sobre o conflito. Essa forma de redigir o material, sem informações sobre a trégua anterior, também serve de chamariz, sem garantia de sucesso, para a leitura dos textos anteriores da cobertura.

7 de março de 2022 – “Putin apresenta lista de condições para encerrar guerra

⁶¹ Disponível em: <https://shre.ink/bSvk>. Acesso em: 17 mai. 2024

na Ucrânia”⁶². O título e o lead lançam mão do valor-notícia dramatização, descrito por Traquina (2005): "A Rússia de Vladimir Putin listou pela primeira vez as condições que apresentou à Ucrânia para acabar com a guerra que devasta o país vizinho há 12 dias." A expressão "Rússia de Vladimir Putin", que funde o país e o homem, cria a ilusão que ele toma as decisões sozinho, como se não houvesse uma estrutura de governo com ministros, conselho diretivo específico para tratar da guerra e todos os demais órgãos governamentais. A estratégia de fundir a imagem do país com seu presidente induz o leitor a toma-lo como único responsável pelas ações. A insistência do noticiário com essa fusão mostra como essa ideia está cristalizada na mente dos que escrevem para o jornal e, como aponta Orlandi (2021), influencia a construção do texto jornalístico.

O mesmo período apresenta Putin como negociador e cita a devastação da Ucrânia. Mesmo sem adjetivação ou qualquer outro recurso opinativo, falta o jornal mostrar, de forma crítica, que a negociação resultou da agressão que levou à referida devastação do território ucraniano. Portanto, o presidente russo exerceria o papel de negociador em uma guerra iniciada pelo seu governo. A matéria tem 15 parágrafos que se dedicam a listar as exigências do governo russo, a resposta negativa do governo ucraniano e a repercussão internacional da proposta russa.

8 de março de 2022 – “Zelenski admite negociar termos de Putin, mas depois imita Churchill e fala em lutar até o fim”⁶³. A despeito do uso do sobrenome do presidente da Ucrânia no título, o material de 16 parágrafos não é classificável como dramatização. Isso porque efetivamente foi Zelenski quem declarou sua disposição em negociar com a Rússia à rede de tv estadunidense ABC. Posteriormente, ele mudou de ideia e ajustou sua fala quando foi transmitida à Câmara dos Comuns, em Londres, citando sir Winston Leonard Spencer Churchill⁶⁴ quando declarou que seu governo não negociaria com a Alemanha nazista e seguiria em guerra. Essa alteração na disposição do líder ucraniano, de lutar até o fim, expressa na declaração do então primeiro-ministro britânico tem, por intenção, de comparar-se a Churchill e Putin aos nazistas, de forma a colar em na imagem do presidente russo a aversão que boa parte do mundo tem pelo ditador da Alemanha, insinuação que carece de sentido por duas

⁶² Disponível em: <https://abrir.link/hZfWh>. Acesso em: 17 mai. 2024

⁶³ Disponível em: <https://abrir.link/WSmzc>. Acesso em: 17 mai. 2024

⁶⁴ Winston Leonard Spencer Churchill (1874-1965) foi primeiro-ministro britânico (1940 a 1945) na maior parte do tempo de atuação do Reino Unido durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Winston_Churchill. Acesso em: 5 jan. 2025

razões.

A primeira, de ordem pessoal, pois um dos irmãos mais velhos do presidente russo morreu aos dois anos de idade, em 1942, vítima de difteria durante o cerco do exército alemão a Leningrado⁶⁵, atual São Petersburgo. A segunda, de ordem política, é o fato de que em seu governo, o culto aos feitos russos durante a Grande Guerra Patriótica, como é chamada a Segunda Guerra Mundial na Rússia, e da mesma maneira na URSS, voltaram à agenda oficial. A valorização das vitórias militares a cada efeméride - o dia da Vitória (9 de maio por uma questão de fuso horário⁶⁶), a vitória em Stalingrado (hoje Volgogrado), o fim do cerco a Leningrado e a tomada de Berlim, para citar algumas - passaram a ser celebradas oficialmente para enaltecer o papel do povo e do Estado contra a Alemanha nazista. Portanto, carimbar uma suástica em Putin comparando-o aos nazistas não tem substância, é mera retórica ou apenas uma ofensa. O governo russo usa a mesma suposição quando justifica a invasão da Ucrânia em nome da desnazificação do país⁶⁷.

Embora o movimento do governo russo para manter acesa no povo a memória de seus feitos não seja objeto de estudo dessa dissertação, essa estratégia insere-se na ideia de construção de pós-memória, como abordada por Hirsch (2008). Trata-se de um exemplo bem acabado de transmissão inter e transgeracional, conforme explicado pela pesquisadora, por retomar a mais traumática experiência sofrida pelo povo russo, assim como para todos os demais que compunham a URSS, no século passado.

A ação do governo russo concorre para formar, na população, memória de fatos que não foram vividos em primeira pessoa pelas gerações nascidas a partir da segunda metade do século XX. Dessa forma, constrói-se um painel de lembranças, organizadas pelo Estado, para criar um sentido de pertencimento entre as pessoas com esse momento traumático na vida de seus avós e bisavós.

16 de março de 2022 – “Rússia, Ucrânia e EUA avançam em acordo para parar a guerra; ataques continuam”⁶⁸. Mais um exemplo de indexação incorreta. O título do link – “Putin e Zelenski avançam para acordo na guerra da Ucrânia; ataques continuam”

⁶⁵ Disponível em: <https://abrir.link/JiZim>. Acesso: 30 jan. 2025

⁶⁶ A capitulação alemã geral e incondicional começou a valer às 23h01 de 8 de maio de 1945. Como a diferença de horário para Moscou é de duas horas, para a URSS a rendição começou a partir de 01h01 de 9 de maio. Disponível em: <https://encurtador.com.br/66Rfr>. Acesso em: 2 fev. 2025

⁶⁷ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60553846>. Acesso em: 19 fev. 2025

⁶⁸ Disponível em: <https://abrir.link/ZLjZA>. Acesso em: 18 mai. 2024

– difere novamente do título da matéria. Ambos têm em comum o emprego do verbo “avançar” no lugar de “progredir”, mais adequado para falar de tratados entre nações. A opção por “avançar”, verbo alinhado ao contexto militar, revela a adesão por termos mais associados a conflitos bélicos do que aos diplomáticos.

Mainguenu (2008) explica, com clareza, que o discurso é um "sistema de regras que define a especificidade de uma enunciação" (2008, p.19), o que sugere alinhamento daquele enunciado ao contexto militar, apesar dos esforços para a paz, uma vez que “os ataques continuam”. Como as três nações são mencionadas, sem distinção dos papéis que cumprem, o texto deixa oculto o autor dos ataques. Em outras palavras: trata-se de neutralizar o agente do mal, certamente a Rússia ou a Ucrânia, uma vez que os EUA não comparecem nos segundos enunciados.

Essa supressão indica que o redator da frase ignorou o texto da própria matéria, que mostra a presença dos estadunidenses nas conversações de paz. O material de 22 parágrafos confronta as exigências dos dois países, resumindo os movimentos geopolíticos na Europa e na Ásia ao redor da Rússia, com os Estados Unidos como interlocutor.

24 de março de 2022 – “Guerra na Ucrânia: Na Otan, Ocidente insiste em 'arma econômica' para conter Putin”⁶⁹. O lead dessa matéria de 20 parágrafos traz a frase "A guerra entre Rússia e Ucrânia completou um mês nesta quinta (24), dia em que líderes ocidentais —incluindo o presidente norte-americano Joe Biden - se reuniram para demonstrar coesão contra a invasão e anunciar um novo pacote de sanções econômicas ao governo de Vladimir Putin". É uma menção desnecessária visto que o presidente dos EUA é considerado o principal líder entre os mandatários do Hemisfério Ocidental.

De forma pouco usual o texto, no décimo terceiro parágrafo, anuncia que em seguida virá a opinião do jornal. Misturar os conteúdos pode interferir na percepção do leitor sobre o assunto, pois segundo Bosi “o repouso no estereótipo, nas explicações dadas pelo poder, conduz a uma capitulação da percepção e a um estreitamento do campo mental” (1992, p.114).

30 de março de 2022 – “Aliado de Putin critica negociador e diz que não haverá recuo na Ucrânia”⁷⁰. O texto de 16 parágrafos começa com o relato das críticas de

⁶⁹ Disponível em: <https://shre.ink/bSvd>. Acesso em: 7 jun. 2024.

⁷⁰ Disponível em: <https://shre.ink/bSvW>. Acesso em: 7 jun. 2024

Ramzan Akhmadovich Kadirov, mandatário da República da Tchetchênia e aliado de Putin, aos negociadores da Rússia com a Ucrânia. O título pressupõe que o leitor conhece personagens da guerra e abstém-se de nomear Kadirov no título. No sétimo parágrafo, o jornalista passa à adjetivação do país, classificando-o de “pequena e indócil república separatista muçulmana”. O uso de adjetivos é desaconselhável no texto jornalístico, como explica Gradim: “devem ser preferidos os adjetivos descritivos — que indicam estados — aos valorativos — que emitem juízos de valor” (2000, p.146). Apesar do que o texto insinua, a República da Tchetchênia ainda integra a Federação Russa.

6 de abril de 2022 – “Guerra na Ucrânia: Quem são os aliados da Rússia de Putin”⁷¹. O material incorre no mesmo erro já visto: o título do link – “Guerra na Ucrânia, vitória na Hungria e na Sérvia reforça laços da Rússia de Putin” – difere do título da matéria. Mais uma vez o redator funde o país e seu presidente, reforçando o estereótipo de sua imagem como o único responsável pelas ações da Rússia, neste caso, de sua relação com países europeus mais alinhados a Moscou na guerra contra a Ucrânia. Em seus 15 parágrafos o material descreve os aliados da Rússia e o resultado das eleições na Hungria e Sérvia, com a escolha de governantes mais alinhados a Moscou, beneficiando a Rússia e fortalecendo seu anel de alianças na Europa.

10 de abril de 2022 – “Guerra na Ucrânia: Conflito entra em 2ª fase com mais armas e ataques centrados”⁷². O título, desse texto de 22 parágrafos, usa termos imprecisos como “mais armas” e “ataques centrados”, que levam o leitor a preencher com qualquer explicação a lacuna de informação objetiva abrindo espaço para várias versões, conectadas ou não à realidade. Para Seixas (2019) é nesse ambiente que surge a verdade particular de cada um, independentemente de serem baseadas em fatos, resultando na formação de pós-verdade, como em Rivera (2017) e Santaella (2018). O papel do jornalismo de informar a sociedade exige precisão em seus textos.

16 de abril de 2022 – “Grupo Wagner, da Rússia, reflete privatização do uso da força em conflitos”⁷³. O lead desse material de 23 parágrafos incorre uma imprecisão: “mas a prática que parece ter chegado aos confrontos no Leste Europeu preocupa pelo potencial que tem para fazer escalam as violações humanitárias — já

⁷¹ Disponível em: <https://abrir.link/fFASl>. Acesso em: 18 mai. 2024

⁷² Disponível em: <https://abrir.link/uLZBT>. Acesso em: 18 mai. 2024

⁷³ Disponível em: <https://shre.ink/bSvB> Acesso em: 10 jun. 2024

registradas aos montes”. A expressão “aos montes” não se presta a informar mas sim a dramatizar o fato. A falta de dados estimula o leitor a imaginar o que bem quiser, para definir que alcance em número de violações humanitárias a expressão pode ter. Ao trocar a publicação do dado preciso pela expressão emocional, o texto deixa de ser uma ferramenta de linguagem e torna-se agente promotor da pós-verdade pois, como observa Seixas, “nem todo ato de linguagem garante (...) uma ligação imediata com a realidade” (2019, p.127).

22 de abril de 2022 – “Rússia indica nova meta de território e pressiona fronteiras da Guerra da Ucrânia”⁷⁴. Com 11 parágrafos, o material, mais uma vez, erra na indexação. O título do link difere do outro: “Rússia admite meta de conquistar todo sul e o leste da Ucrânia”. Em ambos a informação dos títulos é imprecisa. O da matéria menciona “pressiona fronteiras” sem indicar em qual parte da Ucrânia. O do link traz indicação de dois pontos cardeais mas continua impreciso. O texto cita que o exército russo pretende tomar toda a região do Donbass, no leste para conectá-la à península da Crimeia e avançar por todo o sul da Ucrânia, até a fronteira com a Moldova. Provavelmente a maneira mais fácil de mostrar a dimensão do objetivo ao leitor pouco afeito à geografia do leste da Europa, seria dizer que a Rússia quer tomar todo o litoral ucraniano, isolando as conexões do país por mar. É uma máxima das redações que a precisão na formulação do título atrai o leitor para o texto. Não foi o caso.

27 de maio de 2022 – Entre as matérias analisadas algumas ferem outras regras básicas do jornalismo. Nesse texto de 16 parágrafos, intitulado “Após 'inferno' e 'intensidade máxima', Zelenski fala em encarar a realidade e negociar com Putin”⁷⁵, o lead está no terceiro parágrafo: “Zelenski afirmou nesta sexta-feira (27) que seu país precisa encarar a realidade e debater com Vladimir Putin os cenários possíveis para o fim da guerra”. O correto seria posicionar essa informação em primeiro lugar.

Como lembra Gradim (2000) “a razão é que, antes de mais nada, os leads têm duas funções a cumprir: informar imediatamente o leitor das características mais importantes do facto que se noticia; e serem atraentes apelando à leitura do resto do texto” (p.57)”. Usar as palavras “inferno” e “intensidade máxima” é um recurso dramático, visto em Traquina (2005), e leva o leitor a entender que os ataques russos causaram tal destruição, que faria a Ucrânia, nas palavras de seu presidente, ter de

⁷⁴ Disponível em: <https://abrir.link/nQMTD>. Acesso em: 18 mai. 2024

⁷⁵ Disponível em: <https://abrir.link/wgpkz>. Acesso em: 19 mai. 2024

“encarar a realidade” e debater com o presidente russo as alternativas para o fim do conflito. Desse modo, a *Folha de S. Paulo* informa ao leitor que o governo ucraniano entende que não há mais o que fazer além de negociar com os russos, indicando que a invasão foi bem sucedida e que a guerra pode chegar ao fim em breve.

29 de abril de 2022 – “Rússia usa submarino em ataque à Ucrânia pela primeira vez; veja vídeo”⁷⁶. O texto é composto por 14 parágrafos. Logo no segundo deles o jornalista chama o submarino russo de classe Kilo, preferindo a denominação da Otan e não a usada pelos russos (*Varshavyanka*⁷⁷). Terminologia militar não é um assunto de grande interesse e conhecimento do público de um jornal de cobertura ampla como a *Folha de S. Paulo*. Usar o termo da Otan para designar a classe do submarino revela que o periódico prefere usar a classificação da aliança militar ocidental, a informar aos leitores o termo originário do país onde o submarino foi fabricado, a Rússia.

Portanto, há uma clara preferência do jornalista que redigiu o material e do jornal que o publicou de alinhar-se à visão ocidental, renomeando o que deseja classificar sem considerar a nomenclatura oficial do país de origem, em um movimento de apagamento da cultura estrangeira. A opção do jornal viola o item oito do seu próprio projeto editorial que orienta o jornalista a “manter atitude apartidária, desatrelada de governos, oposições, doutrinas, conglomerados econômicos e grupos de pressão”⁷⁸.

No quinto parágrafo, o jornalista exprime sua opinião ao mencionar a perda de um navio de guerra russo: “apesar do vexame de ter perdido o cruzador pesado Moskva”. O termo “vexame” tenta mostrar o afundamento da embarcação como um momento vergonhoso para a Rússia ao invés de entender ter sido uma ação bem sucedida das forças armadas ucranianas. É uma possibilidade real um navio de guerra em zona de conflito ser avariado ou afundado pelo inimigo. Faz parte do cotidiano das guerras provocar perdas humanas e materiais entre os adversários.

Por isso, o sucesso de um lado não implica necessariamente vexame para o oponente, considerando que as organizações militares da Ucrânia e da Rússia, ambas as organizações militares têm treinamento e material bélico oriundos do mesmo lugar, a URSS. Logo, são forças semelhantes em táticas, armamentos e emprego dos

⁷⁶ Disponível em: <https://shre.ink/bSvI> Acesso em: 10 jun. 2024

⁷⁷ *Varshavyanka* é uma canção polonesa do final do século XIX composta pelos socialistas daquele país e que foi incorporada ao cancionário dos revolucionários russos e desde então faz parte da cultura russa. Disponível em: <https://shre.ink/bSvR>. Acesso em: 13 nov. 2024

⁷⁸ Disponível em: <https://shre.ink/bSvD>. Acesso em: 14 dez. 2024

equipamentos, e diferentes apenas em um aspecto: o volume de homens e material que cada lado tem à sua disposição. Essa origem comum permite entender que a Ucrânia é capaz de fazer o mesmo que a Rússia, se tiver os mesmos recursos.

O público em geral não tem muita proximidade com a terminologia militar e muito menos com detalhes sobre armamentos. Ao referir-se ao cruzador afundado, o texto usa denominação incorreta: “cruzador pesado Moskva”. O navio atingido pelos ucranianos é um cruzador lança-mísseis da classe Slava⁷⁹ com propulsão a diesel. Os cruzadores pesados lança-mísseis da esquadra russa são os barcos da classe Kirov, com propulsão nuclear.

Se realmente um deles tivesse sido atingido, as consequências seriam catastróficas para a região porque equivaleria à explosão de uma usina nuclear. Informações de natureza militar, como a classificação correta dos navios de guerra, estão à disposição em sites seguros e gratuitos para consulta. Basta querer apurar para produzir matérias mais precisas e informativas.

6 de maio de 2022 – “Rússia provoca Ocidente com desfile de armas de possível Terceira Guerra Mundial”⁸⁰. Neste texto de 14 parágrafos e o autor interpreta que o governo russo estaria provocando o ocidente, ao programar, pela primeira vez a participação da aeronave Ilyushin IL 80, para voar sobre Moscou, no desfile do dia 9 de maio, quando a Rússia comemora a vitória de 1945 contra a Alemanha e o fim à guerra na Europa.

O avião é um posto de comando aéreo. Permite que o governo russo, em caso de guerra nuclear, siga no comando das ações, semelhante ao Air Force One, aeronave que serve à Presidência dos EUA com o mesmo propósito, e outros três aviões da mesma classe. Como essas informações constam do texto, não fica claro porque a presença do equipamento de comando em um desfile militar, com os mais modernos armamentos do arsenal russo, seria provocação em detrimento das demais armas. Falta informação que sustente a afirmação do título.

8 de junho de 2022 – O texto com o título “Rússia propõe corredores marítimos para escoar grãos, mas Ucrânia teme ataque”⁸¹ traz o lead com verbo no passado, outra situação que foge à prática do jornalismo: “Pressionada, a Rússia voltou a propor nesta quarta (8) o estabelecimento de corredores marítimos para escoar toneladas de

⁷⁹ Disponível em: <https://shre.ink/bSvb>. Acessos em: 13 nov. 2024.

⁸⁰ Disponível em: <https://abrir.link/GPrDy>. Acesso em: 10 jun. 2024.

⁸¹ Disponível em: <https://abrir.link/ercUG>. Acesso em: 19 mai. 2024

grãos bloqueadas na Ucrânia”. Gradim explica a razão disso: “É de extrema importância a escolha do verbo utilizado, que deverá ser directo, forte, de acção, e preferencialmente no presente do indicativo, pois é este que dá o “tom” (lead) da notícia” (2000, p.58).

O texto de 17 parágrafos é impreciso porque não esclarece quem exerce a pressão sobre a Rússia, dando a entender que seriam os governos da Europa ocidental, ao mencionar que a chancelaria da Itália fez um apelo pelo fim do bloqueio para evitar que os países importadores de trigo ucraniano localizados na África e no Oriente Médio tivessem suas populações prejudicadas.

14 de junho de 2022 – “Rússia pressiona Alemanha com corte de 40% no principal gasoduto”⁸². O lead dessa matéria de 14 parágrafos é adjetivado: “A guerra energética que acompanha o conflito na Ucrânia teve um desenvolvimento dramático nesta terça”. Como vimos, Gradim (2000) não recomenda esse recurso para o texto jornalístico. A descrição dos fatos e suas consequências, ao longo do texto, mostram claramente a dependência da mais forte economia da Europa do suprimento de gás russo, dispensando qualquer acréscimo de drama. Mesmo assim, o texto mistura informação com emoção e, como diz Bosi, “se a verdade se torna opinião, ou debate caótico entre opiniões, a sociedade dos que pensam perde o cimento gnosiológico que a mantém unida” (1992, p.117).

22 de junho de 2022 – A matéria “EUA desistem de aplacar Rússia e testam 4 mísseis nucleares de uma só vez”⁸³ quer, em seus 13 parágrafos, induzir o leitor a acreditar que os EUA mudaram de posição de mediador do conflito, para colocarem-se de forma ameaçadora ante a Rússia. A matéria tenta justificar a demonstração de força nuclear estadunidense assinalando que a Rússia realizou um treinamento com suas forças nucleares pouco antes do ataque à Ucrânia.

No entanto, o teste dos EUA aconteceu quatro meses após as ações russas, portanto, muito distante no tempo para ser considerado uma reação ao treinamento realizado antes da invasão. Além disso, conforme a própria matéria, todas as demonstrações nucleares realizadas pelos EUA e pela Rússia são comunicadas com antecedência, como forma de evitar desentendimentos que poderiam resultar em catástrofe.

⁸² Disponível em: <https://abrir.link/AcgES>. Acesso em: 14 jun. 2024

⁸³ Disponível em: <https://abrir.link/tzKDR>. Acesso em: 19 mai.2024

O texto não especifica quando o aviso foi feito, mas esse procedimento entre estadunidenses e russos está previsto no tratado Novo Start, de controle de armas nucleares, assinado, em 2010, pelos EUA e Rússia, porém os russos suspenderam sua participação nele em 2023. Essa informação, localizada no nono parágrafo, retira do teste realizado pelos EUA a intenção de ser uma ameaça à Rússia em sua guerra contra a Ucrânia, dado que o governo em Moscou foi avisado pelo governo em Washington, seguindo as regras de obediência ao tratado. Portanto, o teste realizado quatro meses após demonstrações semelhantes realizadas na Rússia, não é uma atitude de confronto. Nesse caso, o verbo “apaciar” perde o sentido dado na matéria e, ao final, temos um texto construído com a intenção de mostrar uma postura de confronto direto dos EUA com a Rússia, fato que não se verifica.

4 de julho de 2022 - O título da matéria “Brasileira morta na Guerra da Ucrânia era modelo e atiradora de elite”⁸⁴ emprega “modelo” como artifício para chamar a atenção do leitor para a história de Thalita do Valle. Isso fica claro quando a *Folha de S. Paulo* reserva somente uma frase para contar esse fato: “aos 18, também passou a trabalhar como modelo fotográfica”. O texto enfatiza mais outros aspectos de sua vida civil como ser ativista de causas em favor de animais e socorrista. O uso da palavra “modelo”, no título, mostra que o jornal optou por enfatizar o aspecto estético da brasileira com a intenção de despertar a curiosidade do leitor e, conseqüentemente, trazê-lo para ler a matéria.

Segundo o Ministério das Relações Exteriores do Brasil, em matéria publicada pelo jornal *O Globo*⁸⁵, em 1º de dezembro do ano passado, doze brasileiros morreram servindo às forças ucranianas. No material pesquisado no corpus dessa dissertação a única morte de brasileiro registrada na guerra entre Ucrânia e Rússia, entre 24 de fevereiro de 2022 e 24 de fevereiro de 2024, e que recebeu índice cem medido pelo *Google Trends*, foi a da brasileira.

Isso leva a crer que a estratégia do jornal, de citar no título que ela foi modelo, foi bem sucedida. Os 18 parágrafos de texto trazem imprecisões, como ocorre neste trecho do terceiro - “Socorrista e com cursos de tiro no Brasil, participou de uma missão contra o Estado Islâmico no Iraque, no Curdistão iraquiano e no Curdistão sírio há três anos”. Não se especifica em qual força armada de qual país ela esteve

⁸⁴ Disponível em: <https://abrir.link/BbRNR>. Acesso em: 21 mai. 2024

⁸⁵ Disponível em: <https://encurtador.com.br/b9WMT>. Acesso em: 2 de fev. 2025

integrada, informação importante para conhecer melhor o grau de inserção da brasileira nesse teatro de operações militares. Além disso não informa que o Curdistão não é um país soberano mas uma região onde vivem os curdos, distribuída entre quatro estados: Iraque, Irã, Turquia e Síria⁸⁶, dado pouco conhecido entre os leitores brasileiros.

A imprecisão é uma prática condenada por Peucer dentro do ofício de registrar os fatos que se tornarão notícia: “seguir uma opinião incerta e enganar os leitores em coisas de relativa importância é muito temerário” ([1690] 2000, p.20). No parágrafo seguinte são acrescentados mais dados a respeito do passado da brasileira: “Lá, recebeu treinamento para se tornar atiradora de elite e integrar um grupo conhecido como ‘peshmerga’, expressão usada pelos curdos para se referir aos combatentes de seu Exército”. Aqui há a sugestão de que ela teria atuado junto às tropas curdas mas não esclarece onde ela estava servindo quando fez o curso de atiradora de elite.

18 de julho de 2022 – O texto traz o título “Zelenski fala com Bolsonaro sobre exportação de grãos e pede apoio a sanções”⁸⁷. O apoio que supostamente teria sido pedido pelo presidente ucraniano ao presidente brasileiro não está nítido. O texto mostra que Zelenski, após a conversa com Jair Messias Bolsonaro, publicou no *Twitter* a seguinte mensagem: “convoco todos os nossos parceiros para que se juntem às sanções contra o agressor”. Fica no ar se ele considera o Brasil parceiro já que a postagem não foi endereçada diretamente a Bolsonaro. Quanto às exportações de grãos a matéria narra a preocupação ucraniana com a crise de alimentos que pode ocorrer no mundo. O texto rememora a viagem do presidente do Brasil a Moscou dias antes do início da guerra e as negociações avançadas e positivas com a Rússia para a compra de fertilizantes e diesel a preço menor, indicando quem de fato é o parceiro do Brasil.

24 de julho de 2022 – A matéria tem 13 parágrafos e título “Otan deveria ter nos tratado como fez com Suécia e Finlândia, diz Zelenski”⁸⁸, mostra o presidente da Ucrânia reclamando que seu país não foi aceito na aliança militar ocidental como os dois nórdicos que ainda não estavam no grupo. O texto não entra no mérito das razões para essa atitude da Otan. Portanto falta informação para o leitor entender o porquê da aliança militar ocidental ter tratado a Ucrânia diferente da Suécia e da Finlândia.

⁸⁶Disponível em: <https://shre.ink/bk3o> . Acesso em: 20 nov. 2024

⁸⁷Disponível em: <https://abrir.link/eayJi>. Acesso em: 21 mai. 2024

⁸⁸ Disponível em: <https://abrir.link/GQRUv>. Acesso em: 21 mai. 2024

8 de agosto de 2022 - O título “Ucrânia quer zona desmilitarizada em usina após troca de acusações sobre ataques”⁸⁹ não informa o principal, a que usina ele se refere (Zaporizhzhia). A matéria de 14 parágrafos traz a batalha de versões travada entre russos e ucranianos que se acusam mutuamente de serem em risco a segurança do maior complexo de geração de energia nuclear da Europa, atacando suas instalações.

O texto comete um exagero ao lembrar o acidente nuclear ocorrido em Tchernobyl, em 1986 também na Ucrânia, citando a ocorrência dentro de um suposto “histórico regional com acidentes nucleares”. Isso evidencia a existência de um discurso desenvolvido a partir da pós-verdade, no caso o suposto histórico de ocorrências nucleares, onde encontramos aquilo que Seixas (2019) explica como o “autoritarismo da interpretação, que impele os sujeitos a já predisporem de determinada leitura cativa dos fatos” (p.131). As duas situações mencionadas na matéria são distintas por definição: Tchernobyl sofreu um acidente e explodiu. Zaporizhzhia permanece em funcionamento mas na mira dos combatentes dos dois exércitos e, se vier a explodir, não será de forma acidental. Colocar as duas instalações nucleares no mesmo patamar só faz sentido, se a intenção for desinformar e gerar pânico.

18 de agosto de 2022 - O título “ONU convida Santos Cruz para chefiar investigação sobre explosão na Ucrânia”⁹⁰ é hermético, sem a informação principal – a qual explosão se refere? - contrariando o que indica o jornalismo que preza pela acuidade das informações. Afinal, em um país em guerra explosões não faltam. É preciso determinar qual delas chamou a atenção da ONU a ponto de enviar o general brasileiro veterano de missões de paz.

Em 14 parágrafos descreve mais um episódio da guerra de narrativas entre os governos de Moscou e Kiev, que se acusam mutuamente pela responsabilidade da explosão que teria ocorrido na prisão de Olenivka. A instalação está localizada em território ucraniano ocupado pelas forças russas e abriga prisioneiros de guerra que serviam ao exército da Ucrânia. A matéria mostra que os dois governos pediram a presença de representantes da ONU no local.

24 de agosto de 2022 - A matéria “Ajuda dos EUA equivale a 3 vezes o

⁸⁹ Disponível em: <https://abrir.link/muabl>. Acesso em: 23 mai. 2024

⁹⁰ Disponível em: <https://abrir.link/wOrji>. Acesso em: 23 mai. 2024

orçamento militar da Ucrânia”⁹¹ reforça a acusação do governo russo de que o governo de Washington estaria travando uma guerra por procuração contra a Rússia, como explicado com Konrad (2021). O texto de 17 parágrafos dá pouca ênfase ao fato do novo programa de ajuda dos EUA, mencionado na matéria, não ser uma doação assistencial para salvar a Ucrânia mas um negócio rentável para seus fornecedores de armamentos.

O tema é citado apenas na frase “o mecanismo (o programa de ajuda) prevê encomendas da indústria, que já vem se dando bem na guerra, e não diretamente dos arsenais excedentes americanos, como vinha ocorrendo até aqui”, ou seja, venda de armamentos e suprimentos militares da indústria bélica dos EUA para a Ucrânia alimentar a guerra e os negócios da indústria.

13 de setembro de 2022 - A matéria, com nove parágrafos, traz o título “Bolsonaro compara Guerra da Ucrânia a Crise dos mísseis em Cuba em 1962”⁹². Em seu terceiro parágrafo o texto usa a palavra “Rússia” como sinônimo de “União Soviética”, um erro flagrante dado que a Rússia era uma das 15 repúblicas socialistas soviéticas da URSS, não sendo, portanto, juridicamente capaz de ter relações internacionais ou desenvolver crises com países estrangeiros.

O material publicado, assim como o ex-presidente Bolsonaro, repete um equívoco comum, já descrito nessa dissertação, de chamar a situação mais tensa nas relações diplomáticas entre a então URSS e os EUA de Crise dos Mísseis em Cuba. O episódio que quase levou o mundo a uma provável Terceira Guerra Mundial foi uma reação soviética ao ato beligerante dos EUA de instalar mísseis com ogivas nucleares em território da Turquia e da Itália, apontados para a URSS.

Em um ato de reciprocidade e para atender aos apelos do governo cubano, que pedia garantias de segurança aos soviéticos contra os estadunidenses, que no ano anterior haviam tentando invadir Cuba, Moscou ordenou a transferência para a ilha de mísseis, aviões-bombardeiros e tropas. Depois de treze dias de tensão, com as forças navais dos dois países quase se esbarrando no mar ao redor de Cuba, os dois governos resolveram a questão da melhor forma: diplomaticamente. Ambos retiraram as instalações militares que haviam sido posicionadas e representavam ameaça ao adversário. Portanto, o episódio de 1962 não guarda qualquer semelhança com a

⁹¹ Disponível em: <https://abrir.link/NOExT>. Acesso em: 23 mai. 2024

⁹² Disponível em: <https://abrir.link/iTqBC>. Acesso em: 23 mai. 2024

guerra de 2022. Todavia, a menção ao incidente mostra um movimento de manutenção da versão que favorece a narrativa ocidental. Essa maneira de agir permite entender que há a intenção de conservar a lembrança do episódio alinhado com a versão propagada pela mídia hegemônica ocidental e o governo dos EUA. Le Goff (1990) explica:

Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva. (1990, p.368)

22 de setembro de 2022 - O jornal publicou uma matéria de 12 parágrafos com o título “Diante de Rússia e EUA, chanceler do Brasil condena abusos 'de todas as partes' na Ucrânia”⁹³. O lead traz a seguinte frase: “Um dia após o presidente russo, Vladimir Putin, ameaçar usar armas nucleares contra o Ocidente, o chanceler do Brasil, Carlos França, voltou a defender a posição brasileira de neutralidade na Guerra da Ucrânia ao pedir respeito ao direito internacional ‘por todas as partes’ do conflito.”. Citar que a declaração da chancelaria brasileira foi feita no dia seguinte àquele em que o presidente da Rússia ameaçou usar armas nucleares, sem especificar em quais circunstâncias isso seria feito, revela a intenção de mostrar o governo brasileiro como fraco ante um governo russo belicoso e ameaçador.

Há nisto uma cobrança implícita do jornal por uma postura mais firme do Brasil frente à ameaça proferida pela Rússia no dia anterior. A intenção velada de mostrar a chancelaria brasileira como fraca é, de certa maneira, retaliação ao tratamento dispensado pelo então governo Bolsonaro (1º de janeiro de 2019 a 31 de dezembro de 2022) à imprensa. Nos quatro anos de seu mandato as relações com jornalistas e empresas de mídia foi tensa. Em 2022, quando foi publicada a matéria, foram registrados 376 casos de agressão a jornalistas e veículos de comunicação no Brasil, de acordo com relatório apurado e divulgado pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj)⁹⁴. Portanto, não à toa o tratamento dispensado pelos jornais ao governo de então era pautado por animosidade reativa, ou seja, não emanava espontaneamente

⁹³ Disponível em: <https://abrir.link/pPpQZ>. Acesso em: 28 mai. 2024

⁹⁴ Disponível em: <https://encurtador.com.br/rVBAG>. Acesso em: 3 fev. 2025

da imprensa mas surgia a partir das ações agressivas à imprensa por parte da administração federal daqueles anos.

16 de outubro de 2022 – O texto, cujo título é “Ucrânia usa memes para provocar a Rússia e fazer propaganda em redes sociais”⁹⁵, mostra a cultura de memes aplicada em um conflito. Em 23 parágrafos, a matéria traz exemplos de criações de postagens virtuais nas quais a Ucrânia faz piada com situações do conflito desfavoráveis à Rússia, como ataques bem sucedidos de suas forças armadas. O material era distribuído por plataformas digitais como Facebook, Instagram, Youtube e Twitter aos usuários do ocidente. A justificativa para a ação, mostrada na matéria, seria mandar uma mensagem aos países ocidentais de que a Ucrânia resiste e merece seguir recebendo o seu apoio.

A eficiência dessa estratégia é discutível e o texto da *Folha de S. Paulo* carece de senso crítico a respeito da validade da campanha dos memes. Se analisada como ferramenta para manter elevado o moral da população local, pode alcançar esse objetivo, nem que temporariamente, mas carece de pesquisa de campo que o confirme, o que não é objeto desse trabalho. Se vista como mensagem aos países ocidentais para manter seu apoio, como está na matéria, é igualmente discutível porque guerra é uma atividade cara e o contribuinte nesses países é quem está pagando a conta desse apoio. Isso sempre abre espaço para os partidos de oposição locais utilizarem a retórica que o dinheiro da saúde, por exemplo, está comprando tanques que serão destruídos pelos russos, portanto os recursos estão indo literalmente para o lixo. De qualquer forma, até o momento da conclusão dessa dissertação partes do leste e do sul da Ucrânia seguem ocupadas pela Rússia independentemente da disseminação de memes fofos e provocações humorísticas.

24 de outubro de 2022 - O jornal publicou a matéria “Acusação de 'bomba suja' é novo capítulo de guerra de versões entre Rússia e Ucrânia”⁹⁶. O texto tem 18 parágrafos e só no terceiro explica o que é bomba suja: “míssil convencional aditivado com materiais radioativos. Também chamado de dispositivo de dispersão radiológica (RDD na sigla em inglês), quando detonado ele espalha produtos química ou biologicamente tóxicos.” A informação deveria estar no lead, por ser a suposta presença desse artefato mais um motivo para troca de acusações entre os dois países.

⁹⁵Disponível em: <https://abrir.link/qspCj>. Acesso em: 28 mai. 2024

⁹⁶ Disponível em: <https://abrir.link/osTGZ>. Acesso em: 28 mai. 2024

Porém a frase não é precisa e dá a entender que os produtos químicos e biologicamente tóxicos são também radioativos.

No quarto parágrafo a matéria diz que esses artefatos não seriam armas nucleares porque a “Comissão Reguladora Nuclear dos EUA classifica as ‘bombas sujas’ como arma de perturbação — não destruição — em massa, que tem como objetivo amedrontar e contaminar”. A afirmação do organismo estadunidense é aceita, sem contestação pela *Folha de S. Paulo*, apesar de dispersão radiológica ser letal como ficou provado após o ataque à Hiroshima, bombardeada pelos EUA, em 1945, registrada em matéria da *CNN* para lembrar aquele ataque, “aproximadamente 70.000 morreram devido à exposição à radiação”. O texto segue e informa que “o total de mortes em cinco anos pode ter atingido ou mesmo ultrapassado 200.000, à medida que o câncer e outros efeitos de longo prazo se instalaram”⁹⁷ e indica que são dados do Projeto Manhattan, programa responsável pelo desenvolvimento das duas bombas atômicas que devastaram as cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki. A aceitação do jornal da informação, sem avaliação crítica, nos remete ao explicado por Seixas (2019) quando diz que “não há (...) preocupação em checar os fundamentos e fontes de uma verdade, já que há sempre uma leitura pré-programada dos sujeitos” (p.125), levando a um posicionamento compreendido pelo conceito de pós-verdade.

31 de outubro de 2022 - A matéria “Rússia retoma ataques contra sistema energético da Ucrânia”⁹⁸, com 15 parágrafos, é imprecisa e deixa o leitor distante da real dimensão dos acontecimentos. Ao mencionar que o ataque foi realizado com mísseis balísticos e de cruzeiro, o lead não explica ao leitor, em sua grande maioria pouco conhecedor sobre armamentos, o que foi utilizado contra a Ucrânia. De acordo com matéria publicada em 9 de março de 2023 no portal *G1*, “mísseis balísticos são aqueles que têm uma trajetória semelhante a uma bala – na prática, significa que seguem uma rota pré-determinada após a queima de seu combustível. Eles são, portanto, diferentes dos mísseis de cruzeiro, que podem ser controlados até um momento próximo à chegada aos respectivos alvos”⁹⁹.

Publicar dados precisos a respeito dos armamentos não é preciosismo do autor dessa dissertação. No momento em que o jornal se dispõe a cobrir um fato é de se esperar que as informações publicadas sejam críveis e precisas. Em se tratando de

⁹⁷ Disponível em: <https://abrir.link/zZTzs>. Acesso em: 4 fev. 2025

⁹⁸ Disponível em: <https://abrir.link/anwLx>. Acesso em: 28 mai. 2024

⁹⁹ Disponível em: <https://encurtador.com.br/2faPS>. Acesso em: 5 fev 2025

cobertura de guerra, conhecer a natureza dos armamentos, por exemplo, deve fazer parte da rotina de quem acompanha o conflito. O equívoco nesse campo de conhecimento pode levar a conclusões erradas a respeito dos eventos.

11 de novembro de 2022 - “Rússia deixa cidade-chave para Ucrânia, e EUA pedem negociação”¹⁰⁰ é uma matéria de 18 parágrafos, em que o redator do texto cita “as redes sociais” como fonte de informação para relatar a retirada russa. O termo é impreciso e se quer especifica em quais plataformas o jornalista teria captado essas informações. Confiar nas redes sociais pressupõe que o ucraniano comum sabe apurar matéria como um jornalista profissional, com os mesmos parâmetros éticos e profissionais. Essa opção fere o artigo primeiro do Projeto Editorial da *Folha de S. Paulo* que indica como procedimento dos profissionais do jornal “confirmar a veracidade de toda notícia antes de publicá-la”¹⁰¹.

A falta de rigor na apuração de material captado, transformando-o em texto jornalístico equipara o repórter que o escreveu aos “usuários ingênuos e inertes que atuam de forma acrítica e/ou orientadas majoritariamente por convicções pessoais”¹⁰². E, não menos importante, prejudica a ideia de se considerar o material jornalístico peça importante nos estudos históricos, como visto com Barros (2023) porque “tem a intenção de se mostrar aos leitores (...) como diretamente referentes à realidade” (2023, p.44).

16 de novembro de 2022 - Na matéria “Explosão na Polônia provavelmente foi causada por míssil da Ucrânia, diz líder da Otan”¹⁰³ a incerteza está presente nos três primeiros parágrafos dos 19 que compõem a matéria, impedindo que o leitor entenda efetivamente quem disparou contra a Polônia. No quarto parágrafo o redator indica haver uma confusão retórica entre as fontes da Otan. Se havia incerteza quanto ao que realmente aconteceu, teria sido melhor seguir apurando ao invés de publicar um material com incertezas. Uma matéria que não traz informações precisas não se presta como fonte para leitores. No link para indexação o título é diferente. Nele a Rússia domina a ação, como se constata na frase “Russia acusa Ucrânia por explosão na Polônia e elogia EUA por reação comedida”. A troca do fato – explosão na Polônia

¹⁰⁰ Disponível em: <https://abrir.link/jDiNm>. Acesso em: 28 mai. 2024

¹⁰¹ Disponível em: <https://abrir.link/BJrAl>. Acesso em: 3 fev. 2025

¹⁰² Disponível em: LIMA, Paulo Ricardo Silva; FERREIRA, João Rodrigo Santos; SOUZA, Edivanio Duarte de. Ingenuidade e Inércia Cognitiva como Atributos para a Viralização de fake news nas Redes Sociais Online. *Brazilian Journal of Information Science*, vol.18, 2024. Acesso em: 3 fev 2025

¹⁰³ Disponível em: <https://encurtador.com.br/Wm1zH>. Acesso em: 3 jun. 2024

– pela declaração acusatória russa somada ao elogio aos EUA destoa da cobertura que pende para o ocidente.

5 de janeiro de 2023 - No texto “Rússia ordena 1º cessar-fogo da guerra; Ucrânia rejeita e vê hipocrisia”¹⁰⁴ o título não revela a razão da atitude russa, deixando no segundo parágrafo a explicação: a celebração do Natal dos cristãos ortodoxos, no dia 7 de janeiro. Eles são maioria na Rússia, com 71% de fiéis¹⁰⁵; e na Ucrânia, com 60,3% de seguidores¹⁰⁶, o que justifica a proposta do governo russo.

Em 18 parágrafos falta visão crítica ao texto, pois aceita como natural que, em meio à matança da guerra, o governo crie uma trégua para os soldados participarem de festejos religiosos para, em seguida, voltarem a praticar ações completamente contrárias ao ensinamento deixado pelo fundador do cristianismo, Jesus Cristo, que teria dito, segundo seus apóstolos, “amai-vos uns aos outros como eu vos amei”¹⁰⁷. O link apresenta uma única diferença: onde está escrito “Rússia” a URL traz “Putin”, em mais um episódio de fusão do país com seu presidente.

6 de dezembro de 2022 - A matéria “Ucrânia faz novo ataque contra base aérea na Rússia”¹⁰⁸, dá a entender, pela redação dessa frase - “Um dia após um inédito ataque de Kiev a bases de bombardeiros usados pela Rússia na campanha contra a Ucrânia” - que os russos utilizam somente uma instalação militar para suas aeronaves no conflito. Isso não corresponde a verdade. Mesmo não sendo de domínio público a informação a respeito de quantas bases aéreas a Rússia utiliza contra a Ucrânia, pois parece razoável entender que os russos não divulgam essa informação por razões estratégicas, há notícias que deixam claro que as aeronaves russas decolam de diversos aeródromos.

Um exemplo que corrobora essa ilação encontra-se na matéria do portal noticioso independente da cidade de Kiev, capital da Ucrânia, *Kyiv Independent*¹⁰⁹, que indica existirem na Criméia ao menos cinco campos de pouso, todos em uso, na guerra, pelas forças armadas da Rússia¹¹⁰. O texto, de 14 parágrafos, é confuso pois

¹⁰⁴ Disponível em: <https://encurtador.com.br/a7gBO>. Acesso em: 3 jun. 2024

¹⁰⁵ Disponível em: <https://encurtador.com.br/3twlR>. Acesso em: 4 fev 2025

¹⁰⁶ Disponível em: <https://encurtador.com.br/fNsmE>. Acesso em: 4 fev 2025

¹⁰⁷ Disponível em: https://www.bibliaon.com/versiculo/joao_13_34/. Acesso em: 4 fev. 2025

¹⁰⁸ Disponível em: <https://encurtador.com.br/vm4Xxl>. Acesso em: 3 jun. 2024

¹⁰⁹ "A diferença entre Kiev e Kyiv surge da transliteração (quando vertemos uma palavra de um alfabeto a outro) das línguas russa e ucraniana, respectivamente. Em russo, escreve-se assim o nome da capital: Киев (pronunciado ki-iev). E, em ucraniano, Київ (pronunciado ki-iv)". Disponível em: <https://encurtador.com.br/rR6xM>. Acesso em: 8 fev 2025

¹¹⁰ Disponível em: <https://encurtador.com.br/iDr0s>. Acesso em: 8 fev. 2025

tenta informar que tipo de aeronave é utilizada a partir da base de Khalino, instalação atacada localizada próxima à fronteira nordeste da Ucrânia e cujo nome só é revelado no terceiro parágrafo. No lead o autor refere-se a “bombardeiros” como os equipamentos baseados em Khalino. Porém no terceiro parágrafo, menciona que é “de onde partem caças multifuncionais Su-30 SM”. “Caças multifuncionais” não são bombardeiros. As informações sobre as diferenças entre os dois modelos de aeronaves constam em diversos sites especializados no assunto, como o *Air Force Technology*¹¹¹, de acesso livre.

A matéria, ao que parece, parte do pressuposto que o leitor acompanha cotidianamente o conflito pelo noticiário da *Folha de S. Paulo* e por essa razão não apresenta quem é o governador Roman Vladimirovich Starovoit. Ele tem uma declaração citada, via seu *Telegram*, na qual minimiza a ação ucraniana dizendo que “não houve vítimas, e o fogo é localizado”. Starovoit na ocasião do ataque era o governador do Oblast¹¹² de Kursk, onde Khalino está localizada. Por isso cita-lo é relevante.

26 de janeiro de 2023 - A matéria “Rússia ataca Ucrânia com míssil hipersônico após anúncio dos tanques”¹¹³ tenta mais uma vez transformar a guerra entre dois países em uma ação de caráter pessoal, como mostra a seguinte frase do lead: “invasão empreendida por Vladimir Putin”. O míssil hipersônico, citado no título, aparece no segundo parágrafo. E em momento algum do texto é explicado ao leitor do que se trata e qual sua importância para receber destaque¹¹⁴.

A outra notícia ao final da frase do título mereceu mais atenção do jornalista na matéria. Dos 20 parágrafos do texto ele dedica 15 para falar do envio de tanques alemães e estadunidenses para os ucranianos. Dá detalhes sobre os equipamentos, suas especificações técnicas utilizando, inclusive, gráficos ilustrativos para facilitar a compreensão dos leitores. Já sobre o míssil hipersônico, que divide o título com os carros de combate, não há nenhum detalhe além de seu nome, Kinjal¹¹⁵, e de onde foram lançados, dos caças MIG 31 K.

¹¹¹ Disponível em: https://www.airforce-technology.com/projects/su_30mk/. Acesso em 8 fev. 2025

¹¹² O termo oblast pode ser traduzido para o português como “provincia” ou “região”. Disponível em: <https://encurtador.com.br/9Babk>. Acesso em: 8 fev. 2025

¹¹³ Disponível em: <https://encurtador.com.br/dlBV3>. Acesso em: 3 jun. 2024

¹¹⁴ O que são: “recebem esse nome por conseguirem atingir velocidades até mais de cinco vezes superiores a velocidade do som”. Qual sua importância: “Os modelos desenvolvidos pelos russos atingem altas altitudes e, por serem mais manobráveis que mísseis convencionais, são de interceptação mais difícil”. Disponível em: <https://encurtador.com.br/r35p9>. Acesso em: 8 fev. 2025

¹¹⁵ É a palavra russa para punhal. Disponível em: <https://abrir.link/AhVpr>. Acesso em 8 fev. 2025

8 de fevereiro de 2023 – *A Folha de S. Paulo* publicou matéria com o título “Lula vai apresentar a Biden ideia de 'clube da paz' para Ucrânia com participação da China”¹¹⁶. O texto, de 14 parágrafos, mostra que não só a China mas também a Índia e a Turquia seriam os países que o governo brasileiro teria indicado naquela época como sugestões para integrar uma comissão a fim de promover a paz entre Ucrânia e Rússia. O foco da matéria é a presença da China que, como citado no texto, é adversária dos EUA e vive “há anos uma escalada crescente de tensões, agravadas mais recentemente pelas disputas comerciais, pela posição americana em relação a Taiwan”.

O governo chinês, como mostra o material publicado, bem como em outras notícias a respeito do confronto, não condenou a invasão russa e posicionou-se como aliado comercial da Rússia. Portanto, citar a China no título, leva a crer que o jornal quer implicitamente criticar a iniciativa brasileira subentendendo sua reprovação à escolha dos países para o clube da paz. Como vimos em Lebler (2016) “pelo fato de não se situar no nível explícito do enunciado, mas constituir-se do resultado do raciocínio (...), o subentendido é descrito como à margem do sentido literal” (2016, p.310).

16 de fevereiro de 2023 - A matéria “Ninguém vencerá Guerra da Ucrânia agora, diz chefe militar dos EUA”¹¹⁷ comete uma inversão na qualificação do personagem principal, a saber, o general do Exército dos EUA Mark Milley. No lead do texto de 18 parágrafos ele é tratado como “principal chefe militar dos Estados Unidos”, termo impreciso que deixa o leitor sem saber qual o cargo do general dentro da organização militar estadunidense. Usualmente em textos jornalísticos usa-se uma expressão adjetivada dessa natureza após a apresentação formal do cargo da pessoa. A denominação “chefe do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas americanas”, seu cargo na ocasião, só aparece no décimo segundo parágrafo.

No quinto parágrafo o texto traz a expressão “forças de Vladimir Putin voltaram a atacar alvos em toda a Ucrânia” reduzindo o papel do exército russo de força militar de um país a milícia controlada por um homem. Para entender o que há por trás do uso dessa expressão recorreremos a Orlandi (2021): “a argumentação se sustenta no mecanismo discursivo de ‘antecipação’, funcionando por relações imaginárias: a

¹¹⁶ Disponível em: <https://encurtador.com.br/il6L9>. Acesso em: 3 jun.2024

¹¹⁷ Disponível em: <https://encurtador.com.br/7E6zs>. Acesso em: 3 jun. 2024

imagem que eu faço da imagem que fazem de alguém” (2021, p.11). Nesse caso a imagem do presidente Putin é diluída do seu sentido real, a de líder do estado russo, transformando-o em alguém capaz de possuir pessoalmente forças militares capazes de levar a guerra ao território ucraniano.

24 de fevereiro de 2023 - No dia em que a guerra completou um ano, foi publicada a matéria “Ucrânia quer negociar paz em seus termos com China e Sul Global na mesa”¹¹⁸. Em 15 parágrafos o texto apresenta as iniciativas de paz daquele momento, dando especial atenção à presença chinesa nos acontecimentos. O sétimo parágrafo informa que a China é contra a "mentalidade de Guerra Fria", mas não explica do que se trata. Isso permite que o leitor chegue a todo tipo de explicação, o que não cabe em um texto jornalístico. Bem diferente de oferecer aos leitores informações necessárias para que cheguem às suas próprias conclusões.

No nono parágrafo falta observação crítica do jornal em um trecho das aspas do secretário-geral da Otan, Jens Stoltenberg, quando ele diz que “eles assinaram, dias antes da invasão, um acordo de amizade ilimitada entre o presidente Xi e o presidente Putin”. A amizade ilimitada não se dá entre Xi Jinping e Vladimir Putin mas entre a China e a Rússia, porque ambos um dia estarão fora de seus cargos mas seus países, salvo situação inesperada em contrário, continuarão a existir. Por fim, no mesmo parágrafo, o tratamento dado pela *Folha de S. Paulo* à Otan sugere desrespeito. Independentemente do jornalista concordar ou não com a existência da aliança militar ocidental, ela não é um “clube”, pois os propósitos de qualquer clube e da Otan são bastante distintos.

Assim, no primeiro ano de cobertura da guerra as 51 matérias, conforme o critério da ferramenta *Google Trends*, que percebe os picos de popularidade dos assuntos, cumpriram seu papel de repositório dos acontecimentos ao longo do qual, segundo Espig (1998), “podemos acompanhar a memória do dia a dia e estabelecer a cronologia dos fatos históricos” (1998, p.274). No entanto, o material analisado apresentou imprecisões e distorções, identificadas e localizadas, em sua maioria, no espaço compreendido entre o lead e o terceiro parágrafo. A batalha de narrativas destaca-se em meio ao noticiário que cobre bombardeios e avanços militares, mostrando os recursos retóricos usados pelos dois lados e seus aliados.

A Folha de S. Paulo é contrária à invasão russa e ao governo russo. Ela mostra

¹¹⁸ Disponível em: <https://encurtador.com.br/FYmVWw>. Acesso em: 3 jun. 2024

isso em seu noticiário de diversas maneiras: empregando o termo “Putin” no lugar de “Rússia”, personificando a guerra entre os dois países; dando crédito a informações sem checagem, como os vídeos postados em redes sociais, desde que mostrem o sucesso das iniciativas militares ucranianas.

A guerra na Europa atraiu a atenção do leitor por se tratar de um evento do qual participa uma superpotência, a Rússia. A curiosidade de como um grande país vai se portar em uma guerra foi somada ao fato dele ser o agressor de uma nação muitas vezes menor. Há a evocação natural à passagem da Bíblia da contenda de David contra Golias e, como é da natureza humana, as pessoas tendem a ficar do lado do mais fraco.

A guerra em países distantes geográfica e culturalmente motiva o leitor a buscar informações sobre os acontecimentos. O jornal estimula esse interesse escolhendo um vocabulário mais assertivo em seus títulos. *A Folha de S. Paulo* utilizou o recurso da dramatização valor-notícia estudado por Traquina (2005), com o objetivo de aumentar as possibilidades de a notícia ser notada. Nesse contexto vemos, de acordo com Barros (2023), o jornal posicionado como uma instituição capaz de:

Inspirar e manter em seus leitores a viva convicção de que ali (...) fala-se efetivamente da realidade, da vida efetivamente vivida, da história que se refaz a cada novo dia, de algo que realmente ocorreu e do qual se dá um retrato fiel (2023, p. 43)

No próximo capítulo veremos que a popularidade da guerra Rússia contra Ucrânia caiu entre os leitores, principalmente em razão do conflito armado entre Hamas e Israel, mais próximo culturalmente dos leitores do jornal. A guerra da Ucrânia contra a Rússia prosseguiu mas os olhos dos leitores voltaram-se para outra direção.

5. CAPÍTULO 4 – Segundo ano: cai o interesse do leitor

O segundo ano de conflito entre Rússia e Ucrânia apresenta 24 matérias selecionadas com o auxílio da ferramenta *Google Trends* que identifica todas as matérias a respeito do tema com índice de acessos de cem, o pico de popularidade que a notícia teve naquele dia conforme explicado anteriormente. A redução no volume de textos jornalísticos do primeiro para o segundo ano de cobertura, foi de 51 para 24, considerando o critério de acesso escolhido para essa dissertação, explica-se pela entrada em pauta de outro assunto relativo ao tema conflito internacional, a guerra Hamas contra Israel, que tem mais aderência com a proposta da *Folha de S. Paulo* como jornal e que consta do artigo 2 de seu Projeto Editorial¹¹⁹, a saber, “praticar um jornalismo que ofereça resumo criterioso e atualizado do que acontece de mais relevante em São Paulo, no Brasil e no mundo”.

A forma como a frase foi elaborada indica que o noticiário dará destaque em primeiro lugar aos temas que tenham proximidade com São Paulo por concentrar a maior parte de seus leitores. De acordo com levantamento do instituto *Kantar-Ibope*, na pesquisa *The Target Group Index*, a maioria dos leitores da *Folha de S. Paulo* está localizada na região metropolitana da capital paulista: dos 1,9 milhão de leitores, 1,7 milhão estão nessa área geográfica¹²⁰. Desse total, 702 mil acompanham o noticiário da editoria internacional denominada pelo jornal como Mundo.

O destaque da cobertura da guerra Hamas contra Israel foi dado seguindo o critério de seu Projeto Editorial. Para entendermos a razão é preciso ter informações a respeito da presença de imigrantes dos países do Oriente Médio e seus descendentes. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) não dispõe de dados específicos sobre a população com origem nos países do Oriente Médio, residente no País e em São Paulo. A entidade compila dados de imigração mas não registra os descendentes como ligados àquela origem. Portanto, para o entendimento desse trabalho o dado é impreciso. O Instituto de Cultura Árabe¹²¹ tem um levantamento aproximado, que cruza os dados de imigração com os de descendentes dos imigrantes nos mais variados graus (filhos, netos, bisnetos, etc) e chega ao número de aproximadamente 12 milhões de pessoas com raízes oriundas de algum país do Oriente Médio, independente de sua religião, que residem em São Paulo.

¹¹⁹ Disponível em: <https://abrir.link/BJrAl>. Acesso em: 19 fev. 2025

¹²⁰ Disponível em: <https://shre.ink/bry7>. Acesso em: 15 dez. 2024.

¹²¹ Disponível em: <https://shre.ink/b2Vn>. Acesso em: 22 fev. 2025

Já o volume de imigrantes ucranianos no Brasil, segundo o IBGE¹²² é de aproximadamente 500 mil pessoas, sendo que 400 mil residem no Paraná. Assim, com uma maior concentração de pessoas ligadas às comunidades do Oriente Médio em São Paulo – mais de 12 milhões de pessoas - é natural que a entrada do tema Hamas contra Israel fizesse o jornal apontar sua atenção nessa direção. É bom deixar claro que o interesse do leitor com raízes no Oriente Médio em acompanhar esse conflito não tem motivação religiosa porque as pautas apresentadas por ambos os lados em guerra são de natureza política.

Portanto, observa-se esse novo direcionamento na pauta de Mundo logo no início do segundo ano da guerra entre Rússia e Ucrânia, com o conflito entre Hamas e Israel ganhando relevância no noticiário. A partir de 1º de janeiro de 2023, até 30 de setembro de 2023, o portal do jornal veiculou 29 matérias que chegaram a índice de acessos 100 mostrando a escalada de tensão entre palestinos e o governo israelense empreendida ao longo daquele ano, que culminou no ataque realizado pelo Hamas contra Israel em 7 de outubro.

Em face do que foi anteriormente apresentado, foi um processo natural para a *Folha de S. Paulo* orientar seu noticiário para atender o interesse majoritário de seus leitores. Como visto em Traquina (2005) “a relevância é outro valor-notícia da comunidade jornalística. Este valor-notícia responde a preocupação de informar o público dos acontecimentos que são importantes porque têm um impacto sobre a vida das pessoas” (2005, p. 80).

Segundo ano da guerra em 24 matérias

27 de fevereiro de 2023 – O texto com o título “Ucranianos no Brasil sofrem com adaptação e querem voltar à Europa após 1 ano de guerra”¹²³ chama a atenção por não trazer informações da guerra, nem dos países envolvidos. O texto trata do drama humano dos refugiados que vieram para o Brasil. Menciona suas dificuldades, os problemas de como sobreviver, o acolhimento em território brasileiro, mas não explica porque eles não recebem o Auxílio Brasil¹²⁴, programa social de transferência de renda direta e indireta, coordenado pelo Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome – MDS, que beneficia também os

¹²² Disponível em: <https://shre.ink/b2wr>. Acesso em: 19 fev. 2025

¹²³ Disponível em: <https://encurtador.com.br/u7JRq>. Acesso em: 16 jun. 2024

¹²⁴ Disponível em: <https://abrir.link/msfHf>. Acesso em: 10 fev. 2025

refugiados. O texto também mostra a barreira linguística como um dos grandes obstáculos para integração dos refugiados porque, mesmo não sendo mencionado na matéria, o próprio alfabeto distancia os dois povos: na Ucrânia usa-se o cirílico, no Brasil escreve-se com o latino.

Essa matéria de 18 parágrafos abre espaço para imaginarmos a formação da memória coletiva que resultará do encontro das pessoas que buscaram refúgio em Prudentópolis (PR) com os habitantes do local, onde, como descrito na matéria, “75% da população de 52 mil habitantes têm ascendência no país do Leste Europeu”. Dois grupos de indivíduos, unidos pela ancestralidade ucraniana mas separados por seus locais de vivência cotidiana, compartilhando histórias e impressões.

Os relatos individuais dos que vieram da Ucrânia serão complementados pelas vivências comuns que experimentaram em seu trajeto de fuga da terra Natal, a bat'kivshchyna¹²⁵, para o Brasil, ganhando acréscimos do que foi experimentado em solo brasileiro na interação com outros ucranianos e seus descendentes. As lembranças individuais serão fortalecidas pela troca de histórias entre os próprios refugiados e em seus relatos à comunidade ucraniana, que reside na cidade paranaense. Isso iniciará duas situações em torno da memória. A primeira é sua preservação, incorporada à história e cultura de um povo e fortalecida pelas lembranças desses refugiados. Temos em Halbwachs (1990) a explicação de como isso se dá:

Certamente, se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçar, não somente pela mesma pessoa, mas por várias (1990, p.25).

A outra situação que acontecerá, a partir dos estudos desenvolvidos por Hirsch (2008), é que veremos nascer um conjunto de novas lembranças em pessoas que não testemunharam a fuga da Ucrânia, mas receberam-nas dessa leva de refugiados. Serão os integrantes da geração seguinte que vivenciarão o que Hirsch (2008) conceituou como pós-memória porque será a “consequência da recordação traumática (fuga da Ucrânia) (...)em uma distância geracional” (2008, p.106), passada

¹²⁵ Mãe pátria em ucraniano. Disponível em: <https://translate.google.com.br/>. Acesso em: 10 fev. 2025

para eles “dentro de uma estrutura de transmissão inter e transgeracional” (2008, p.106).

15 de março de 2023 - O jornal veiculou uma matéria de 19 parágrafos intitulada “Rússia e EUA trocam acusações sobre drone, mas tentam abafar crise”¹²⁶. O título do link é outro. Coloca a Rússia em posição de superioridade: “Rússia adverte EUA após queda de drone americano no mar Negro”. O título da matéria não é preciso porque as acusações são a respeito da queda do drone e não sobre o drone, correção feita na redação do título do link.

A sequência lógica do texto, como vimos anteriormente em Gradim (2000), seria termos informações a respeito do evento que motivou o embate retórico entre Rússia e EUA, ou seja, a queda de um drone militar estadunidense no mar Negro. Todavia, essas informações aparecem somente nos parágrafos quatro e cinco, com as versões de ambos os países de como o drone caiu no mar Negro, o que justifica a referida troca de acusações entre eles.

No lead e nos segundo e terceiro parágrafos o texto mostra que Rússia e EUA não aumentaram a temperatura do incidente, sinalizando que os dois governos não têm interesse em confronto direto, preferindo os embates desenvolvidos no âmbito da guerra de procuração, como explicado no capítulo dois desse trabalho, apoiado em Konrad (2021).

Nessa matéria o jornal muda sua visão a respeito da Rússia ao deixar claro, no décimo terceiro parágrafo, que pelas regras do engajamento militar os russos tinham direito de derrubar o drone. Logo, a *Folha de S. Paulo* validou a suposta derrubada do equipamento estadunidense pela aviação russa.

Como foi dito na matéria, o drone “não estava tirando fotos das belezas naturais do mar Negro” e, nas palavras de Anatoli Ivanovich Antonov, então embaixador russo nos EUA, o equipamento estava recolhendo “inteligência, que subseqüentemente é usada pelo regime de Kiev para atacar nossas Forças Armadas e território”. A matéria não explica o que são as regras de engajamento militar nem que elas não são gerais, mas sim definidas conforme a circunstância e o país¹²⁷.

4 de abril de 2023 – “Adesão da Finlândia dobra fronteira da OTAN com a Rússia”¹²⁸. A matéria, como ocorre em outros textos vistos anteriormente, tem título

¹²⁶ Disponível em: <https://encurtador.com.br/ed4Iz>. Acesso em: 16 jun. 2024

¹²⁷ Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Rules_of_engagement. Acesso em: 11 fev. 2025

¹²⁸ Disponível em: <https://abrir.link/saxON>. Acesso em: 3 jul. 2024

diferente do link: “Finlândia se torna o 31º membro da OTAN em derrota para Putin”. O texto traz três erros de apuração histórica.

No lead da matéria, ao justificar a existência da Otan, dada a necessidade de fazer frente a ameaça representada pelo presidente russo, ocorre o primeiro equívoco: “Setenta e quatro anos depois, segue sua expansão devido à ameaça do Estado sucessor do império comunista, a Rússia de Vladimir Putin.”. O estado chamado de “império comunista” é a URSS e ela não foi sucedida por nenhum outro organismo porque fragmentou-se em 15 novos países, que correspondiam as 15 repúblicas socialistas soviéticas que, juntas, formaram a União Soviética, que existiu de 30 de dezembro de 1922 a 26 de dezembro de 1991.

O segundo erro está no fato da, também chamada, “Rússia de Vladimir Putin” não ter se iniciado logo após a dissolução da URSS. O período do país sob a liderança de Putin teve início em 9 de agosto de 1999 com sua nomeação para o cargo de primeiro-ministro pelo então presidente russo Boris Nicolaievitch Yeltsin, fato noticiado pela *Folha de S. Paulo* na edição do dia seguinte¹²⁹. Logo, entre o fim da URSS e a ascensão de Putin ao poder, passaram-se sete anos que correspondem ao governo liderado por Yeltsin, um dos artífices da dissolução da União Soviética.

O terceiro está na cronologia dos fatos. Putin foi nomeado primeiro-ministro em 9 de agosto de 1999, sendo confirmado no cargo pela Duma Estatal, a câmara baixa do parlamento da Rússia, no dia 16 de agosto de 1999¹³⁰. A adesão à Otan dos primeiros três países que estavam na esfera de influência soviética no Leste Europeu aconteceu em 12 de março de 1999, com o ingresso da Polônia, República Tcheca e Hungria. Pela comparação das datas dos dois eventos, a chamada era Putin não é o gatilho expansionista da Otan. Por não fazer parte dessa dissertação, não vamos nos aprofundar nas razões da aliança militar atlântica avançar na direção do Leste da Europa, limitando-nos somente a apontar essa incorreção presente no noticiário.

De qualquer forma, o erro cometido pelo jornal perpetua informação histórica distorcida, plantando dados incorretos na memória de seus leitores e, como dito por Le Goff (1990) “a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder” (1990, p. 410). A preservação da versão incorreta prejudica os historiadores que pesquisam esse período. Como visto em Barros (2023):

¹²⁹ Disponível em: <https://abrir.link/cOplg>. Acesso em: 3 jul. 2024

¹³⁰ Disponível em: <https://abrir.link/MxRFQ/>. Acesso em: 28 dez. 2024

A relativamente recente valorização dos jornais como fontes históricas importantes completa um conjunto de fontes que poderíamos classificar como “fontes realistas” – não porque expressam a verdade ou a realidade pura, mas porque tem a intenção de se mostrar aos leitores ou destinatários do discurso como diretamente referentes à realidade (2023, p. 44)

Assim a forma como o texto foi escrito dificulta a compreensão histórica dos acontecimentos do período.

7 de abril de 2023 - A matéria “Documentos sigilosos dos EUA sobre a Guerra da Ucrânia vazam em redes sociais”¹³¹ traz equívocos, imprecisões e falta de informação que fazem pensar se seria melhor não veicular o material, para evitar desinformar os leitores. Apesar de o título indicar ser um assunto relevante, pois a disseminação de informações sigilosas em tempo de guerra pode ser prejudicial ao lado que foi exposto, o texto não o confirma.

Logo no lead, menciona que os documentos vazados detalham segredos de segurança nacional dos EUA na Ucrânia. Mais adiante, fica claro que os documentos trazem informações militares sobre a Ucrânia, ou seja, não afeta a segurança nacional dos EUA, como mencionado no lead. No décimo terceiro parágrafo, o jornal corrobora o discurso russo de que os estadunidenses fazem guerra de procuração ao afirmar que “durante o conflito, os EUA forneceram à Ucrânia informações sobre postos de comando, depósitos de munição e outros pontos importantes nas linhas militares russas. Essa inteligência em tempo real permitiu que os ucranianos atingissem as forças russas, matando generais e forçando o afastamento dos suprimentos de munição das frentes russas”. Porém não informa o leitor que essa modalidade de conflito foi bastante utilizada no período da Guerra Fria.

A única fonte citada nominalmente, nos 14 parágrafos de texto é Mick Mulroy, classificado na matéria como ex-funcionário do Pentágono, sede do departamento de Defesa dos EUA, onde trabalham 23 mil pessoas¹³². A matéria traz uma declaração na qual Mulroy disse que “foi um vazamento deliberado feito por alguém que desejava prejudicar esforços da Ucrânia, dos EUA e da OTAN”. No entanto, fica uma pergunta não respondida: quem é Mick Mulroy e qual sua função no departamento de Defesa

¹³² Disponível em: <https://encurtador.com.br/M2yzN>. Acesso em 12 fev. 2025

dos EUA?

Sem essas informações é impossível o leitor dar crédito ao que ele afirma. Por fim, a matéria fala de documentos vazados que tratam também de Oriente Médio, China e terrorismo sem especificar qual o conteúdo dessas informações. Assim, a matéria é contrária ao mostrado por Traquina (2000) quando explica que “compete ao jornalista tornar o acontecimento relevante para as pessoas, demonstrar que tem significado para elas” (2000, p. 91 e 92).

18 de abril de 2023 - A matéria “Brasil é soberano para receber Lavrov, mas precisa ouvir todos os lados, diz diplomata da Ucrânia”¹³³ é o exemplo daquilo que em redação convencionou-se chamar de “lead no pé”. A informação principal das declarações do chefe da embaixada da Ucrânia no Brasil, Anatoliy Tkach, é que ela não deve abrir mão de sua integridade territorial, ideia que teria sido sugerida pelo presidente do Brasil, Luís Inácio Lula da Silva. Ela está nos oitavo e nono parágrafos. Temos um texto que vai na direção oposta ao exposto por Gradim, quando explica a pirâmide invertida:

Significa, muito simplesmente, que numa notícia, a seguir ao lead, todas as restantes informações são dadas por ordem decrescente de importância, de forma que, à medida que se vai descendo no corpo da notícia, os factos relatados se vão tornando cada vez menos essenciais. (2000, p. 61)

Afirmar que o Brasil é um país soberano e por isso pode receber o ministro das Relações Exteriores da Rússia, Sergei Viktorovich Lavrov, é uma obviedade comparável a dizer que “a chuva cai do céu e molha o chão”, ouse já, sem valor algum como notícia. O texto foi redigido de cabeça para baixo e com isso o leitor tem que percorrer oito parágrafos para chegar à notícia.

3 de maio de 2023 – A matéria “Rússia acusa sem evidências Ucrânia de tentar matar Putin em ataque com drone”¹³⁴ traz 23 parágrafos no qual os russos e os ucranianos trocam acusações em mais um episódio da guerra de versões. Os dois lados desenvolvem discursos para provar suas teses sobre o adversário. No caso russo que foram atacados pela Ucrânia. No caso ucraniano que o governo da Rússia

¹³³ Disponível em: <https://abrir.link/csDDr>. Acesso em: 16 jun. 2024

¹³⁴ Disponível em: <https://abrir.link/wovEP>. Acesso em: 19 jun. 2024

vai implodir ante a resistência interna.

A retórica utilizada por ambos os países, como deixa claro o jornal, não é acompanhada de evidências do que afirmam, o que tira sua credibilidade transformando-as em opinião que, como vimos em Bosi “caminha mais depressa que o real” (1992, p.115). A postura da *Folha de S. Paulo* ante a troca de tiros retóricos dos dois governos é correta porque, na falta de provas apresentadas que corroborem as respectivas visões do acontecimento cabe ao jornal noticiar o fato – drones atacaram o Kremlin – mas tratando as explicações como suposições.

10 de maior de 2023 - No texto de 13 parágrafos “Líder mercenário acusa Exército da Rússia de enganar Putin sobre Guerra da Ucrânia”¹³⁵, o noticiário do jornal revela o clima de insatisfação entre levguêni Víktorovitch Prigojin e os comandantes do exército russo. O fato noticiado pela *Folha de S. Paulo* foi a fala em vídeo de Prigojin no dia seguinte ao dia da Vitória, que como vimos anteriormente é comemorado na Rússia em 9 de maio por uma questão de fuso horário. O jornal adota a denominação ocidental Segunda Guerra Mundial para o conflito vencido pelos aliados e não teria porque utilizar em seu noticiário Grande Guerra Patriótica, como na Rússia. Mas o período de participação das então tropas soviéticas não é de 1939 a 1945 mas, sim, de 1941 a 1945.

Mesmo sem apresentar evidências que sustentem a acusação de Prigojin o jornal assume que a declaração do líder mercenário a respeito da falta de munição para suas tropas na linha de frente é verdadeira, na medida que a publica sem ressalvas, indo além. A *Folha de S. Paulo* busca dar suporte ao seu ponto de vista, mesclando informações da *Reuters* e da *AFP*, citando uma declaração do então ministro da Defesa general Sergei Kuzhuguetovitch Shoigu que teria pedido à empresa estatal de armamentos, Tactical Missiles Corporation, que dobrasse sua produção de mísseis.

O pedido pode significar falta de munição ou aumento na demanda por armamentos com vistas a ampliar o volume de mísseis atirados contra o exército ucraniano, duas situações plausíveis de acontecer com uma guerra em curso. Ainda, a *Folha de S. Paulo* traz uma informação gerada pelo ministério da Defesa do Reino Unido que dá conta que “Moscou não tem munição suficiente”. Cumpre lembrar que, em dois anos de guerra, não houve um momento em que um ataque russo fosse

¹³⁵ Disponível em <https://shre.ink/brZw>. Acesso em: 19 jun. 2024

cancelado ou interrompido por falta de munição, se não teria sido noticiado pela imprensa ocidental. Portanto, dar crédito a Prigojin e ao Ministério da Defesa britânico é uma opção do jornal que mostra seu posicionamento em favor dos governos ocidentais e da Ucrânia.

2 de junho de 2023 - A matéria de 15 parágrafos traz o título “Zelenski tentou constranger governo Lula em entrevista, dizem especialistas”¹³⁶. O texto joga aos especialistas procurados pela *Folha de S. Paulo*, a responsabilidade da interpretação do gesto de Zelenski. Porém, no terceiro parágrafo a convicção da estratégia do presidente da Ucrânia perde força pois o jornal usa as palavras “parte dos especialistas”. Isso leva a conclusão que há uma outra parte de especialistas que discorda dessa interpretação das ações do presidente da Ucrânia em tentar um encontro com Lula.

No parágrafo seguinte um dos especialistas é entrevistado e sustenta o conteúdo do título da matéria. No entanto, os que supostamente discordam não são ouvidos pela redação, em flagrante conflito com o Projeto Editorial da *Folha de S. Paulo*¹³⁷ que em seu artigo sétimo afirma que o jornal deve “obrigar-se a ponderar os argumentos da parte acusada e, publicando uma acusação, garantir espaço ao contraditório”.

13 de junho de 2023 - A matéria “EUA correm para repor blindados perdidos pela Ucrânia”¹³⁸ logo no segundo parágrafo, incorre no erro de apresentar percentuais de destruição de veículos militares fornecidos pela Alemanha e pelos EUA sem os números de referência, o que torna para o leitor impossível avaliar a real situação das perdas ucranianas, ou seja, é impreciso o que é prática condenada na produção de texto jornalístico como vimos anteriormente.

No parágrafo seguinte a matéria traz alguns números de veículos destruídos, o que permitiria ao leitor interessado fazer as contas e descobrir quantos blindados dos modelos Leopard e Bradley foram fornecidos aos ucranianos. No entanto, o próprio jornal sugere que seja um esforço inútil do leitor ao desconsiderar essa informação, noticiada por ele, porque foi gerada pelo “site de monitoramento Oryx”¹³⁹ que só trabalha com imagens públicas e georreferenciadas”. Para o jornal, “o número deve

¹³⁶ Disponível em: <https://shre.ink/brZE>. Acesso em: 19 jun. 2024

¹³⁷ Disponível em: <https://encurtador.com.br/0kJxD>. Acesso em: 12 fev. 2025

¹³⁸ Disponível em: <https://shre.ink/brZy>. Acesso em: 3 jul. 2024.

¹³⁹ Disponível em: <https://www.oryxspioenkop.com/>. Acesso em 13 fev. 2025

ser bem maior", mas não oferece informações que sustentem sua afirmação. Assim, para a *Folha de S. Paulo*, a informação de um portal que prefere publicar informação checada e jornalisticamente segura, estaria aquém da realidade.

O texto, de 26 parágrafos, traz no quinto a frase "Putin foi inusualmente franco" que expressa a opinião do jornalista a respeito da credibilidade das declarações do presidente da Rússia, na medida em que não considera usual Putin ser sincero no que diz. Não há nenhuma informação adicional que corrobore essa visão do redator da matéria e por isso a intenção parece ser a de mostrar o presidente russo como alguém que usualmente não diz a verdade sem, no entanto, mostrar provas que corroborem sua afirmação, mais uma prática que contraria o Projeto Editorial do jornal.

20 de junho de 2023 - A *Folha de S. Paulo* publica a matéria "Putin pode usar armas nucleares, diz Biden; Rússia ameaça os EUA"¹⁴⁰. O texto contém 20 parágrafos e dá destaque à declaração do presidente dos Estados Unidos, Joseph Robinette "Joe" Biden Jr., sobre o possível uso de armas nucleares por parte da Rússia. Não contém informações que a corroborem e o contraponto, a saber, a informação da Otan sobre o mesmo tema está com menos destaque, posicionado no sétimo parágrafo com a frase "A própria Otan disse não ter visto nenhuma mudança na postura nuclear russa, no sentido de risco de uso das armas". Esse modo de organizar o texto, distanciando duas informações que conversam entre si, revela a intenção do jornal de dar mais peso à declaração política, mesmo que no condicional, em detrimento da informação segura da aliança militar atlântica, que monitora diariamente os movimentos de seus adversários.

24 de junho de 2023 – A matéria tem 30 parágrafos e o título do texto difere do usado no link. O primeiro é "Mercenários tomam cidade e rumam a Moscou; Putin promete esmagar rebelião"¹⁴¹. O do link é "Putin promete esmagar revolta de mercenários que controlam parte de cidade". Ambos apresentam dois aspectos em comum. O primeiro é que o nome da cidade tomada pelos mercenários não é citado em nenhum dos dois títulos, o que induz a concluir que ela talvez não tenha importância, quando o texto mostra ser o contrário.

O segundo é que nos dois casos personifica-se a reação ao motim dos mercenários na figura do presidente da Rússia que, de fato, fez um discurso

¹⁴⁰ Disponível em: <https://shre.ink/brZC>. Acesso em: 3 jul. 2024

¹⁴¹ Disponível em: <https://shre.ink/brZ7>. Acesso em: 19 jun. 2024

prometendo justamente detê-los. Porém, em termos práticos a repressão do grupo que se amotinou durante a guerra foi realizada pelas forças armadas russas, aparato oficial do Estado.

No terceiro parágrafo menciona “vídeos e relatos apontam que forças do Wagner já operam ativamente em Voronej” mas não explica quem captou as imagens nem de quem são as informações a respeito da movimentação do grupo Wagner. A falta de identificação das fontes afeta sua credibilidade e a *Folha de S. Paulo*, ao decidir publicar o material sem a devida checagem, valida as notícias, emprestando sua credibilidade a um conteúdo de origem indeterminado. A atitude conflita com o artigo primeiro do seu próprio Projeto Editorial¹⁴², onde está escrito que os seus jornalistas devem “confirmar a veracidade de toda notícia antes de publicá-la”, abrindo espaço para concluir que o jornal mostra, dessa maneira, uma posição favorável à rebelião, por ser um sinal de enfraquecimento do Estado russo, na medida em que dá credibilidade a essas notícias sem a devida checagem das fontes.

O quarto parágrafo traz informações sobre o comboio rebelde, com número de veículos e de soldados, cruzando informações do “blogueiro militar Rybar”, que segundo o jornal possui conexões com o Ministério da Defesa russo, e a agência *Reuters*. A apuração do texto está errada porque “*Rybar*” não é um blogueiro mas um canal do *Telegram*¹⁴³ mantido por Mikhail Sergeevich Zvinchuk¹⁴⁴ que até 2019 era funcionário do serviço de imprensa do Ministério da Defesa da Rússia. Se a matéria tivesse sido publicada com essas informações ficaria bem claro para o leitor como “*Rybar*” dispõe de informações militares russas.

12 de julho de 2023 - O texto com o título “Zelenski irrita aliados com pedidos para entrar na Otan”¹⁴⁵ apresenta a intenção de aproximar o leitor dos bastidores das discussões das lideranças políticas europeias em torno do pedido ucraniano de admissão à aliança militar atlântica. O texto de 25 parágrafos traz elementos do que foi oficialmente dito, mesclados com o que acontece sem registro oficial, ou como dito no jargão jornalístico, em off (de “off the records”, fora dos registros).

Assim a matéria mostra que Zelenski fez declarações públicas, como “não vemos nenhum dos membros da Otan aqui em guerra, nenhum que esteja morrendo,

¹⁴² Disponível em: <https://encurtador.com.br/cWdRy>. Acesso em: 16 fev. 2025

¹⁴³ Disponível em: <https://t.me/s/rybar?before=68084>. Acesso em: 16 fev. 2025

¹⁴⁴ Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Mikhail_Zvinchuk. Acesso em: 16 fev. 2025

¹⁴⁵ Disponível em: <https://shre.ink/brZq>. Acesso em 19 jun. 2024

sofrendo, defendendo seu próprio país” no primeiro dia de sua visita à reunião da Otan, realizada em Vilnius (Lituânia). Ao mesmo tempo a reportagem revela que Zelenski percebeu que não daria certo sua estratégia porque “ao longo do dia, quando ficou claro que a pressão não ia resultar em nada além de mais promessas de ajuda militar (...), Zelenski foi assumindo uma postura menos aguerrida”. A informação que levou o líder ucraniano a mudar de estratégia seria o bastidor para compor o material mas como o texto não explica o que levou Zelenski a essa decisão, a intenção inicial de quem redigiu a matéria perde-se.

Por que o presidente da Ucrânia mudou de ideia? Seria o silêncio dos líderes? Teria recebido algum telefonema de algum presidente ou primeiro-ministro europeu? Ou recebeu informações de seu corpo diplomático que teria detectado que sua declaração não causaria o efeito desejado? Ou algum outro motivo? Essa informação falta ao texto que assim não cumpre o papel de apresentar ao leitor uma matéria que mescle declarações oficiais com o que foi dito nos bastidores.

24 de julho de 2023 – O título da matéria “Rússia diz ter frustrado ataque de drone da Ucrânia próximo à sede da Defesa”¹⁴⁶ difere da frase de indexação do link: “Rússia diz que dois drones ucranianos foram neutralizados e caíram em Moscou”. O material mostra o posicionamento refratário do editor encarregado em fazer os títulos às informações atribuídas ao governo russo. As expressões “diz ter” e “diz que”, utilizadas em ambos os títulos, são usualmente empregadas quando o autor do texto não quer comprometer-se com as informações prestadas pela fonte, motivado por falta de confiança nela.

No entanto, ao contrário dos títulos o texto não segue o mesmo posicionamento. Seu quinto parágrafo fornece elementos para acreditar que a acusação russa pode proceder porque “Kiev raramente reivindica ataques dentro da Rússia ou em regiões controladas por Moscou, mas, nos últimos meses, tem dito que destruir a infraestrutura militar do adversário ajudaria na contraofensiva em curso.” No sétimo parágrafo surge a fonte russa que forneceu as informações a respeito dos supostos ataques, a agência estatal *Tass* revelando que os jornalistas da *Folha de S. Paulo* apuram as matérias internacionais fora do leque de agências assinadas por sua empresa, como visto anteriormente nesse trabalho.

17 de agosto de 2023 - A matéria sob o título “General que supervisionou projeto

¹⁴⁶ Disponível em: <https://shre.ink/brZt>. Acesso em: 19 jun. 2024

de palácio atribuído a Putin morre na prisão”¹⁴⁷ só se tornou relevante por conta do artifício empregado pela *Folha de S. Paulo* de ligar o falecido militar, que foi o responsável pela construção de luxo, com a suposição do presidente da Rússia ser o proprietário do imóvel. O texto tem oito parágrafos e segue o posicionamento do título. Assim, o jornal aumentou a relevância da notícia da morte do militar, ao empregar o valor-notícia da dramatização, teorizado por Traquina (2005) e explicado anteriormente nessa dissertação, criando condições do texto ser mais notado pelos leitores. A estratégia foi bem sucedida, já que o material foi selecionado para essa dissertação por estar entre os de maior popularidade na amostragem do *Google Trends*.

29 de agosto de 2023 – O texto com o título “Rússia acusa Ocidente pelo maior ataque com drones da Ucrânia”¹⁴⁸ traz o relato de uma ação militar bem sucedida empreendida pelos ucranianos. No lead o jornal personifica o conflito ao dizer “guerra promovida por Vladimir Putin” que, como vimos em análises de matérias anteriores, não dispõe de meios próprios para atacar um estado soberano mas o fez com aquiescência dos demais integrantes do Estado russo e empregando seus meios militares.

Em 15 parágrafos o texto descreve o ataque ucraniano a seis localidades na Rússia tomando por base para sua apuração material fornecido por agências de notícias, vídeos de redes sociais, sem confirmar se foram checados; e informes gerados pelos próprios russos. Em um deles, o texto refere-se ao ataque à cidade de Pskov e cita mensagem do governador Mikhail Vedernikov que escreveu no Telegram "o Ministério da Defesa está repelindo um ataque de drones contra o aeroporto".

Por não ser uma informação familiar ao leitor brasileiro faltou ao jornal explicar um pouco a respeito da organização administrativa russa¹⁴⁹. O jornal cita também a agência *Tass* sem pôr em dúvida a credibilidade de sua informação porque ela relata o sucesso dos ucranianos em destruir aviões cargueiros russos informando que "ao menos dois dos Il-76¹⁵⁰ foram engolfados por chamas". Uma demonstração clara do posicionamento da *Folha de S. Paulo* ao dar crédito à agência estatal russa quando

¹⁴⁷ Disponível em: <https://shre.ink/brZe>. Acesso em: 3 jul. 2024

¹⁴⁸ Disponível em: <https://shre.ink/brZ8>. Acesso em: 19 jun. 2024

¹⁴⁹ Existem duas Pskov: a cidade e o Oblast, termo russo para uma das subdivisões administrativas da Rússia. O ataque foi na capital do Oblast e quem deu a declaração da reação das forças russas foi o governador daquela subdivisão administrativa, Mikhail Yuryevich Vedernikov. Disponíveis em: <https://encurtador.com.br/luTtY> e <https://encurtador.com.br/P58lh>. Acessos em: 17 fev. 2025

¹⁵⁰ Disponível em: <https://www.britannica.com/technology/Ilyushin-Il-76>. Acesso em 17 fev. 2025

ela noticia algo favorável à Ucrânia.

4 de setembro de 2023 – A matéria trata das discussões em torno de criar uma trégua para Rússia e Ucrânia poderem exportar produtos agrícolas e insumos, uma ação que beneficia os dois países, listados respectivamente como quarto e nono maiores produtores mundiais de trigo¹⁵¹. O título do material de 22 parágrafos é “Erdogan apoia Putin sobre acordo de grãos; Rússia ataca porto”¹⁵², que inicia o texto com a frase “Os líderes se reuniram em Sochi, balneário russo predileto de Putin”.

A frase empregada a respeito da preferência do presidente russo pela cidade personifica e desvia a importância do encontro. Também reduz a escolha do local da reunião a uma preferência pessoal de Putin desconsiderando que a cidade possui a mais moderna infraestrutura hoteleira¹⁵³ no sul da Rússia e, por estar situada no mar Negro, é próxima da Turquia, facilitando o deslocamento do presidente turco Recep Tayyip Erdogan, dois motivos lógicos para a cidade sediar o encontro de Putin com Erdogan. Porém, como visto em Bosi, simplificar é uma tendência humana para formar visões padronizadas e “rigidamente imunes à experiência” (1992, p.114) embotando os sentidos e criando a “percepção social falsa” (1992, p.114).

20 de setembro de 2023 – O texto com o título “Lula e Zelenski 'quebram o gelo' em reunião sobre paz e reforma do Conselho de Segurança”¹⁵⁴ mostra que o encontro entre os dois aconteceu. No entanto, a pauta pode não ter sido a descrita no título. A iniciativa brasileira, o Clube da Paz que reuniria Brasil, China, Índia e Turquia para debater como encerrar a guerra, foi esquecida como citado no décimo nono parágrafo dos 21 que compõem o material quando, ao referir-se ao clube, o texto diz que “na prática, contudo, o fórum não se concretizou até aqui”. A reforma do Conselho de Segurança, citada no título, é um assunto que depende de mobilização geral como previsto no artigo 108 da Carta da ONU¹⁵⁵. Portanto, a razão aparente para o presidente da Ucrânia encontrar-se com o presidente brasileiro pode estar relacionada à proximidade de Lula com Putin. Os dois países têm estreitos laços comerciais¹⁵⁶ e

¹⁵¹ Disponível em: <https://encurtador.com.br/eEhNg>. Acesso em: 17 fev. 2025

¹⁵² Disponível em: <https://shre.ink/brZB>. Acesso em: 24 jun. 2024

¹⁵³ Sochi recebeu investimentos oficiais para sediar os Jogos Olímpicos de Inverno e o Grande Prêmio de Fórmula 1, ambos em 2014. Disponível em: <https://encurtador.com.br/Tpl3r>. Acesso em: 17 fev. 2024

¹⁵⁴ Disponível em: <https://shre.ink/brZs>. Acesso em: 19 jun. 2024

¹⁵⁵ Qualquer alteração na Carta das Nações Unidas, que inclui o Conselho de Segurança, está prevista no artigo 108: - As emendas à presente Carta entrarão em vigor para todos os Membros das Nações Unidas, quando forem adotadas pelos votos de dois terços dos membros da Assembleia Geral e ratificada de acordo com os seus respectivos métodos constitucionais por dois terços dos Membros das Nações Unidas, inclusive todos os membros do Conselho de Segurança. Disponível em: <https://encurtador.com.br/B3mlD>. Acesso em: 17 fev. 2025

¹⁵⁶ Em 2023, o Brasil importou da Rússia 50,5% do diesel consumido no transporte e 28% dos fertilizantes

talvez a intenção de Zelenski fosse contrapor, com uma aproximação pessoal, a proximidade política e econômica que o Brasil desenvolveu com a Rússia por causa dos BRICs. Faltou visão crítica à *Folha de S. Paulo* para mostrar ao leitor o que esteve por trás da reunião dos dois líderes.

23 de setembro de 2023 - A *Folha de S. Paulo* veiculou matéria sob o título “Ocidente é 'império de mentiras', diz chanceler da Rússia na ONU”¹⁵⁷ por meio da qual indica seu posicionamento contrário à Rússia na medida em que o lead do texto começa com a frase “Diante de uma plateia esvaziada na Assembleia-Geral da ONU” mas não revela quantos diplomatas assistiram ao discurso do ministro das Relações Exteriores russo, Sergei Lavrov.

O dado é relevante, assim como a lista de quais países eles representam, como medida do apoio à fala do chanceler Lavrov. Dado o atual estado das relações diplomáticas entre a Rússia e a Europa, causada pela guerra com a Ucrânia e o fortalecimento gradual dos BRICs, é natural imaginar que os países ocidentais não prestigiaram seu discurso, ao contrário das nações que integram o chamado Sul Global¹⁵⁸, cujas pautas alinham-se aos aspectos apresentados por Lavrov em seu discurso, mostradas na matéria de 18 parágrafos, como crise climática, mais representatividade de América Latina, África e Ásia entre os membros permanentes e não permanentes do Conselho de Segurança da ONU, reforma do sistema de cotas e votos no Banco Mundial e no Fundo Monetário Internacional “que dão um peso maior a nações desenvolvidas em sua estrutura de comando” entre outros itens. Citar esses pontos na ONU foi uma oportunidade estratégica para a diplomacia russa de deslocar o foco da guerra, para as questões estruturais relativas à reforma de instituições multilaterais, assunto de interesse do Sul Global.

5 de outubro de 2023 - O texto com o título “Explosão de granada derrubou avião de mercenário, diz Putin”¹⁵⁹ traz a concordância dos EUA com a avaliação da Rússia a respeito desse episódio. A explicação para a queda do avião foi dada pelo próprio presidente Vladimir Putin que, logo no lead do texto de 11 parágrafos, diz que a aeronave não foi atacada porque “o comitê de investigação encontrou fragmentos

utilizados pelo agronegócio. O Brasil exportou para a Rússia soja, carne bovina, café entre outros produtos do agronegócio respondendo por 27% das importações russas. Disponíveis em: <https://abrir.link/NrrIA>, <https://shre.ink/bdsa> e <https://shre.ink/bdsH>. Acessos em: 18 fev. 2025

¹⁵⁷ Disponível em: <https://shre.ink/brZa>. Acesso em: 24 jun. 2024

¹⁵⁸ Disponível em: <https://shre.ink/bdgc>. Acesso em: 18 fev. 2025

¹⁵⁹ Disponível em: <https://shre.ink/briY>. Acesso em: 24 jun. 2024

de granada nos corpos de ocupantes. Não houve um impacto externo”. No parágrafo seguinte, temos que a explicação “corroborar a opinião do Pentágono de que não houve emprego de um míssil antiaéreo no episódio”. A crítica ao resultado da investigação é da própria *Folha de S. Paulo* que adjetiva o trabalho do comitê de investigação como “opaco” por não envolver a ação da agência de aeronáutica civil russa no processo; e nem a Embraer, fabricante do avião, indicando ser praxe internacional em casos de acidentes aeronáuticos.

O jornal informa que toda a apuração foi conduzida pelas autoridades policiais mas não explica porque a polícia da Rússia não teria competência para investigar e muito menos se ela recebeu a cooperação da agência de aeronáutica civil que, mesmo sem coordenar o processo, poderia ser envolvida e dar suporte à investigação policial. Assim, estamos diante daquilo que Hallin (1986), contido em Traquina (2005), aponta ser a terceira esfera do mundo visto pelos jornalistas, no qual os “media noticiosos tornam-se mecanismo de manutenção de fronteiras: desempenham o papel de expor, condenar ou excluir da agenda pública os que violam ou desafiam os valores de consenso” (2005, p.87 e 88) aqui entendidos como a visão da *Folha de S. Paulo* sobre o governo russo, como visto anteriormente, de um Estado que falta com a verdade.

2 de novembro de 2023 - A matéria intitulada “Comandante militar da Ucrânia admite fracasso da contraofensiva”¹⁶⁰ foi produzida a partir de uma entrevista concedida e um artigo assinado pelo então chefe das forças armadas ucranianas, general Valerii Fedorovych Zaluzhnyi, ambos publicados na revista britânica *The Economist*, um dos veículos que fornece material noticioso à *Folha de S. Paulo*.

O texto brasileiro, de 22 parágrafos, logo em seu início cita a fonte estrangeira como origem do seu conteúdo, indicando a intenção de formar na mente de quem o lê, a certeza de que todo o material tem credibilidade por ser oriundo de uma revista britânica. Assim, vemos, em ação, como mostrado em Lebler (2016), um mecanismo de manipulação da percepção do leitor a partir do subentendido acionado pela “eficácia da sua enunciação (do redator da matéria) para comunicar determinado sentido que não poderia (...) dizer abertamente (...)” (2016, p.310). O sentido em questão é que a matéria foi escrita baseada em textos publicados por uma revista estrangeira, sem apuração ou checagens adicionais da *Folha de S. Paulo*.

14 de dezembro de 2023 - A declaração expressa no título “Guerra da Ucrânia

¹⁶⁰ Disponível em: <https://shre.ink/briV>. Acesso em: 24 jun. 2024

só acaba quando Rússia vencer, diz Putin”¹⁶¹ integra a cobertura, à distância, da *Folha de S. Paulo* à entrevista coletiva anual promovida pelo governo russo em Moscou. O jornal não participou porque o texto é assinado por um repórter que estava em São Paulo, o que indica que ele coletou informações nas agências de notícia estrangeiras que fornecem material ao seu jornal. O texto tem 19 parágrafos e deixa claro que, ao contrário dos eventos semelhantes que acontecem no Brasil, lá todas as perguntas dos jornalistas são submetidas ao governo.

Assim, não há perguntas inesperadas para o presidente Vladimir Putin que, em termos práticos, censura a imprensa. Dessa maneira, não há controvérsias nem críticas e as respostas são todas um contínuo de boas novas do governo que utiliza a imprensa como sua plataforma de divulgação de seu posicionamento político. Segundo explica Chomsky (2013), a teoria que orienta essas ações do Estado “defende que somente uma pequena elite, a comunidade intelectual (...) é capaz de entender os interesses gerais” (2013, p.8), daí a necessidade de controle. Trata-se de uma estratégia sem coloração partidária já que:

Ela se assemelha muito à noção leninista de que uma vanguarda de intelectuais revolucionários conquista o poder do Estado usando as revoluções populares como a força que os conduz até ele e depois guia as massas ignorantes para um futuro que elas são estúpidas e incompetentes demais para vislumbrar sozinhas (CHOMSKY, 2013, p.8)

15 de janeiro de 2024 - A incerteza contida no título “Ucrânia diz ter derrubado principal avião-radar da Rússia”¹⁶² está expressa no uso do termo “diz ter”. A dúvida se as forças armadas ucranianas foram bem sucedidas segue no texto de 15 parágrafos, com o emprego das palavras “Se confirmada” no início do segundo parágrafo. Para o leitor, ficam duas dúvidas. Se de fato o avião foi derrubado e se, até o momento da publicação do texto não há confirmação se o ataque deu certo, porque a *Folha de S. Paulo* publica como notícia um fato que não foi checado, correndo o risco de ter de se desculpar informando que errou? Foi uma violação do primeiro artigo do Projeto Editorial¹⁶³ do jornal, mostrado anteriormente, que exige verificar todo material antes de publica-lo.

¹⁶¹ Disponível em: <https://shre.ink/briy>. Acesso em: 24 jun. 2024

¹⁶² Disponível em: <https://shre.ink/briC>. Acesso em: 29 jun. 2024

¹⁶³ Disponível em: <https://shre.ink/bdhZ>. Acesso em: 18 fev. 2025

1º de fevereiro de 2024 - A matéria sob o título “União Europeia aprova pacote de ajuda com R\$ 267 bi para a Ucrânia”¹⁶⁴ parece mostrar que a *Folha de S. Paulo* é favorável ao governo ucraniano na guerra contra a Rússia ao tratar como boa notícia a liberação de recursos para a manutenção dos esforços militares daquele país. Essa postura conflita com dois artigos do Projeto Editorial¹⁶⁵ do jornal. No oitavo o documento defende que a *Folha de S. Paulo* deve “manter atitude apartidária, desatrelada de governos, oposições, doutrinas, conglomerados econômicos e grupos de pressão”. No quarto, deve “promover (...) solução pacífica dos conflitos”. O texto mostra em seus 20 parágrafos o jogo político de pressão entre os países europeus pela liberação dos fundos, liderados pelo presidente da União Europeia, Charles Michel, que usa a expressão “nós sabemos o que está em jogo” para citar a visão que, sem ajuda, a Ucrânia será derrotada pela Rússia.

O autor da matéria conecta essa percepção do presidente da UE com a sugestão de que, na sequência, poderia vir um ataque russo aos demais países europeus ao empregar a frase “na visão mais alarmista, isso (a derrota da Ucrânia) seria o prenúncio de uma ação contra países do bloco, a maioria dos quais também integrante da Otan”. Uma sugestão de curso futuro dos acontecimentos sem aderência com a situação presente porque não há intenção da Rússia em atacar os países membros da Otan pois isso acarretaria na reação conjunta de todos, incluindo os EUA.

24 de fevereiro de 2024 – A matéria publicada no segundo ano da invasão russa recebeu o título de “Ucranianos que vivem no front temem ser esquecidos em dois anos de guerra”¹⁶⁶, revela o medo das pessoas que moram na linha de frente de tornarem-se irrelevantes para as demais, até caírem no esquecimento. A seleção do que se torna notícia pode, sem exagero, ser o momento entre um assunto manter-se vivo no cotidiano das pessoas ou ser degradado para o esquecimento. Silva (2021) explica que notícias “são suscetíveis a influência do tempo (momento), da informação (conhecimento) e opções (ideologias)” (2021, p.55). Como diz Rechdan (2003), o “jornal precisa disfarçar o fato de que é na realidade um discurso institucional” (2003 p.5), portanto o interesse pela notícia está atrelado ao que a empresa jornalística julga relevante.

¹⁶⁴ Disponível em: <https://shre.ink/bri7> Acesso em: 29 jun. 2024

¹⁶⁵ Disponível em: <https://shre.ink/bdut> Acesso em: 18 fev. 2025

¹⁶⁶ Disponível em: <https://shre.ink/bryK> Acesso em: 29 jun. 2024

Um exemplo é a queda de interesse dos leitores da *Folha de S. Paulo* pela guerra da Ucrânia contra a Rússia, em seu segundo ano, medida pelo *Google Trends*. A situação pode ter surgido, como vimos no início desse capítulo, pela entrada em pauta de outro assunto, a guerra entre Hamas e Israel, que fez o noticiário deslocar-se para essa nova direção.

O lamento dos ucranianos, publicado nos 12 parágrafos do texto, revela a situação cotidiana de tantas pautas que vão da relevância ao esquecimento. No processo de seleção, editores expressam sua opinião sobre o assunto escolhendo o material que vai para o noticiário e o tema perde importância quando quem pauta os repórteres entende que a pauta é irrelevante.

Rechdan (2003) cita Roger Fowler (1991), autor de *Language in the News*, para explicar que "os jornais não publicam simplesmente o que acontece, mas o que pode ser considerado e apresentado como merecedor de publicação." Escolher o que merece ser lido é fundamental em todo processo jornalístico, conforme estudamos a questão da noticiabilidade, no Capítulo 2 dessa dissertação. Sousa aponta seu entendimento como a chave para responder a pergunta "por que é que temos determinadas notícias e outras não?" (2004, p.40).

A seleção do material, como lembra Traquina, passa pela "avaliação direta dos acontecimentos em termos da sua importância ou interesse como notícia" (2005, p.78). Essa avaliação não é isenta, "devido ao envolvimento do jornalista" (GENRO, 2005, p. 175), como mostra Genro que celebra essa situação ao constatar que esse profissional "também é um ser humano" (2005, p. 175). O processo de decisão sempre traz a opinião de quem o executa o que Genro considera perfeitamente natural, pois a mera "possibilidade do jornalista evitar a opinião na captação e transmissão da realidade (...) é falsificá-la antes de qualquer tentativa de solução" (2005, p.175).

A decisão do que tem relevância cabe às pessoas. E o certo é que assunto irrelevante não vira notícia.

6. Considerações finais

Analizamos os enunciados dos leads e das reportagens nos textos noticiosos publicados pela *Folha de S. Paulo* em sua cobertura da guerra Rússia contra a Ucrânia (2022 – 2024) para investigar duas questões-problema: a primeira era se o jornal noticia essa guerra apresentando os contraditórios e permitindo aos leitores compreenderem as diferentes interpretações de um mesmo evento; a segunda foi se identificamos os conceitos de pós-memória e pós-verdade no noticiário.

Foram lidas 75 matérias, selecionadas em dois anos de conflito, sendo que, no primeiro, 51 textos atingiram o pico de popularidade índice 100, medido pela ferramenta *Google Trends*. Já no segundo o número caiu para 24 e essa queda de interesse foi explicada no Capítulo 4.

O Projeto Editorial do jornal afirma em seu artigo número 6 o seu compromisso para “cultivar a pluralidade, seja ao divulgar um amplo espectro de opiniões, seja ao focalizar mais de um ângulo da notícia, sobretudo quando houver antagonismo entre as partes nela envolvidas”. Como visto no Capítulo 3, o jornal recebe material noticioso internacional, para consulta de seus profissionais na redação, de veículos ocidentais localizados em países cujos governos são adversários da Rússia (Alemanha, EUA, França e Reino Unido).

A *Folha de S. Paulo* não assina serviços informativos baseados em território russo o que significa que a base de informação que chega do exterior tem a visão ocidental da guerra. Mesmo que eventualmente os jornalistas façam consultas por conta própria a portais de notícias da Rússia, como *Tass*, *Sputnik* e *RIA Novosti*, por exemplo, o acesso às informações dependerá do esforço e capacidade de pesquisa deles, ao contrário do material publicado pelas agências ocidentais que, por força de contrato, chega eletronicamente a todo instante à redação da *Folha e S. Paulo*, independentemente de qualquer pesquisa realizada.

No arco temporal que delimitou o campo de estudo, que foi de 24 de fevereiro de 2022 a 24 de fevereiro de 2024, e atendendo aos parâmetros de seleção da ferramenta *Google Trends*, nenhuma matéria foi produzida no local onde se dá a guerra porque nenhum jornalista brasileiro foi enviado para lá. Portanto, apesar de postulado em seu Projeto Editorial, a escolha da *Folha de S. Paulo* de receber notícias somente de agências ocidentais impede a pluralidade de seu noticiário.

A empresa faz questão de declarar em seu Projeto Editorial que seus

profissionais, à luz de “procedimentos consagrados de apuração”, trabalham para produzir notícias com distanciamento crítico para tornar a descrição dos eventos “tão exatas quanto possível”. O jornal admite que a “objetividade descritiva seja inalcançável como valor absoluto”.

Isso nos traz a reflexão de Genro a respeito da objetividade quando mostra que a opinião não pode ser dissociada do raciocínio jornalístico porque “está sempre implícita na formulação abstrata que o homem faz de um fenômeno no seu cérebro, para entendê-lo e transmiti-lo, porque a opinião é componente indispensável dessa formulação” (2005, p. 176).

A opção pelo emprego de determinados termos nos títulos, como vimos anteriormente, revela a intenção do veículo de estimular a leitura de seu noticiário por intermédio da carga dramática que os eventos podem conter. Esse movimento de captura de atenção foi entendido por Rivera como:

O problema do jornalismo, em sua luta por rentabilidade e cliques, é que também incorreu no favorecimento da emotividade da audiência em detrimento do pensamento crítico. Os conteúdos passaram a ser menos importantes que seus efeitos virais. (2017, p.53)¹⁶⁷

Por isso, entendemos que se não é possível produzir noticiário totalmente objetivo e neutro, conforme vimos anteriormente, a notícia deve ser apresentada com mais de um ângulo de visão. A isso chamamos de contraditório, dados que permitam ao leitor enxergar outros aspectos do mesmo evento, suscitando sua dúvida mas fornecendo suporte para que ele chegue a sua conclusão, sem manipulação do jornal.

A partir da análise dos textos publicados, tendo como referência a bibliografia que acompanha esse trabalho, chegamos à conclusão de que o jornal *Folha de S. Paulo*, corpus dessa dissertação, veiculou, nos primeiros dois anos do conflito entre a Rússia e a Ucrânia, matérias sem apresentar os contraditórios. Isso implica em dizer que o veículo orientou a leitura do seu público para a visão ideológica da empresa e é importante considerar que um jornal que dispõe de 54% de credibilidade, conforme mostrado na Introdução, tem grande potencial para influenciar a percepção dos leitores a respeito dos acontecimentos.

¹⁶⁷ No original em espanhol: *El problema es el periodismo, en la pelea por la rentabilidad y los clics, que también ha incurrido en el favorecimiento de la emotividad de la audiencia en detrimento del pensamiento crítico. Los contenidos pasaron a ser menos importantes que sus efectos virales* (2017, p.53).

Discursos em circulação revelam diferentes posições dos sujeitos que os enunciam levando a situação explicada por Orlandi (2021) como a diluição do real, onde “fatos e eventos se exaurem em versões” (2021, p5). Dessa forma, as lembranças perdem exatidão e podem conter memórias que não foram vividas pelos indivíduos mas, sim, recebidas de outras gerações, no efeito chamado pós-memória, conceito teorizado por Hirsch (2008).

Essa recordação não é real mas sim fruto de investimento imaginativo, projeção e criação a partir de narrativas passadas de uma geração para outra. A partir desse posicionamento observamos a possibilidade real de manutenção de uma memória que não é exata, como exemplificado no uso no noticiário atual da expressão “Crise dos Mísseis de Cuba”, explicado anteriormente como uma formulação equivocada. Essa seria uma maneira de perpetuar o equívoco criado pelo discurso da Guerra Fria, a partir do parâmetro de pós-verdade, que pode ser resumido na citação de Hirsch (2008): “os eventos aconteceram no passado, mas seus efeitos continuam no presente” (p.107).

Nesse campo a crença pessoal assume o lugar dos fatos para formular explicações a respeito dos eventos e, como vimos em Seixas, “sem maiores reflexões acerca do que ali é informado como verdade” (2019, p.131). Ante o corpus dessa dissertação, percebemos a Rússia, independente dos erros e acertos de seu governo antes e durante a guerra contra a Ucrânia, como fonte sem credibilidade para os jornalistas. Como visto em Orlandi (2021) essa é uma construção que insere no texto essa ideia pré-concebida a partir da rejeição do Ocidente pela URSS, mesmo a Rússia não sendo sua herdeira.

Por isso, em alguns textos pesquisados, encontramos aquilo que é conhecido no jargão jornalístico como “matéria com lead pronto”, ou seja, independentemente da apuração busca-se confirmar a versão já estabelecida. Isso mostra, conforme Espig, que o noticiário “passará a compor o imaginário social de determinado grupo caso possua a virtude de fazer sentido para este grupo” (1998, p. 276). Isso significa apresentar uma visão com aderência às crenças desse grupo, não importando se está embasada em lógica, o que resulta em uma conclusão que se torna a pós-verdade do grupo.

A análise não cai na tentação maniqueísta de afirmar que o jornal publica mentira. A situação vai mais além como Seixas (2019) definiu: “a questão da mentira

e da verdade no discurso político, sobretudo na sua face mediatizada, é profundamente controversa, porquanto se confundem, no mais das vezes, uma com a outra” (2019, p.128). Portanto, a perpetuação de uma versão não implica em consolidar uma mentira, mas sim no surgimento de um ponto de vista com pouca aderência com os acontecimentos, como explicado por Orlandi “temos convivido, contemporaneamente, com ‘sentidos descartáveis’. As pessoas se desembaraçam deles logo que lhes for necessário, ou se recolhem neles assim que isso lhes der um ponto de sustentação” (2021, p.5).

Dessa forma as versões se embaralham e as interpretações são voláteis contribuindo para a diluição do real. Em face disso, o público leitor busca compreender os acontecimentos a partir do impacto que o noticiário tem sobre si, sem qualquer raciocínio lógico que o suporte e, como visto nessa dissertação, com Rivera, onde a “verdade parece ter deixado de ser relevante” (2017, p.51), as pessoas passam a formular seus entendimentos no campo da pós-verdade.

Para se manter conectado com seu público, o jornal modula seu noticiário fornecendo informações e dados que conectam o veículo com seus leitores. Isso acontece segundo Espig (1998) porque “caso o jornal enunciasse um discurso completamente avesso ao modo de pensar e a visão de mundo global existentes na sociedade a qual se dirigia, não teria qualquer aceitação e estaria fadado ao fracasso editorial” (1998, p. 276). É paradoxal perceber que o jornal, chamado de formador de opinião, precisa ser validado por quem o lê, que dessa forma será o suporte na opinião apresentada pelo próprio veículo de imprensa.

O papel do jornal na manutenção da pós-memória, conceito proposto por Hirsch (2008), é central. Como explicado por Espig “as mensagens enunciadas por um jornal inserem-se (...) no imaginário social presente em determinada época” (1998, p. 276). O que significa dizer que ao se distanciar de seu papel de informar a sociedade fornecendo diversas visões dos acontecimentos, ou seja, os contraditórios, a imprensa passa a atuar como agente de construção de consenso. O resultado compromete o estudo futuro da guerra, a percepção dos acontecimentos como eles se deram e as razões pelas quais eles ocorreram. Esse conjunto de fatores vai influenciar a formação da memória das gerações futuras.

Dessa maneira, entendemos que essa dissertação alcançou os objetivos propostos e abre espaço para a análise futura do noticiário a partir do conceito de

enquadramento. Mauro Porto, doutor em Comunicação, propõe que os enquadramentos simbólicos mudam atitudes políticas, mesmo quando a informação permanece constante. Ou seja, a forma como a notícia é apresentada, nesse caso a escolha do vocabulário ou o contexto em que é apresentada, orientaria a percepção das pessoas levando-as a padrões interpretativos específicos, sendo por isso manipuladas. A resposta para essa questão virá na pesquisa futura.

REFERÊNCIAS

- AGNEZ, Luciane Fassarerlla. **O jornalismo internacional entre mudanças e permanências**. Estudos em Jornalismo e Mídia. Florianópolis. Vol. 12, n. 2. p. 314 a 329. UFSC. 2015. Acesso em: 17 fev. 2025.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **O fenômeno da pós-verdade: uma revisão de literatura sobre suas causas, características e consequências**. Rio de Janeiro Revista Alceu, v.20, n. 41, p. 35 a 48. 2020. Acesso em: 20 ago. 2024.
- ARENDT, Hanna. **Truth and Politics**. The New Yorker. Tradução Manuel Alberto. Lisboa. Editora Relógio D'Água. [1967] 1995.
- BITTMAN, Ladislav. **A KGB e a desinformação soviética**. Campinas. Vide Editorial. 2019.
- BARROS, José D'Assunção. **O jornal como fonte histórica**. Petrópolis. Editora Vozes. 2023.
- BOSI, Eclea. **Entre a opinião e o estereótipo, Novos Estudos**. São Paulo. CEBRAP-Centro Brasileiro de Análise e Planejamento. N° 32, p. 111 a 118. 1992. Acesso em: 25 ago. 2024
- BRAGA, Renê Moraes da Costa. **A indústria das fake news e o discurso de ódio**. In: PEREIRA, Rodolfo Viana. **Direitos Políticos, Liberdade de Expressão e Discurso de Ódio**. Belo Horizonte. p. 203 a 220. 2018. Acesso em 17 set. 2024
- CHOMSKY, Noah. **Mídia - propaganda política e manipulação**. São Paulo. P. 2 a 6. Martins Fontes. 2013. Acesso em 17 set. 2024
- COTTA, Luiza Cristina Villamea. **Adhemar de Barros (1901-1969): A origem do rouba mas faz**. Orientador: Osvaldo Luis Angel Coggiola. 2008. Dissertação de Mestrado de História Econômica apresentada na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. São Paulo. 2008.
- ESPIG, Marcia Janete. **O uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico**. Porto Alegre, Estudos Ibero-Americanos, PUC-RS, v. XXIV, n.2, p. 269 a 289. 1998.
- FERNANDES, Mario Luiz; SILVA, Gislene da; SILVA, Marcos Paulo da (organizadores). **Critérios de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicações**. Florianópolis. Editora Insular. Capítulo 3. p. 47 a 57. 2021
- FOLHA DE S. PAULO. Projeto Editorial. São Paulo. 2019. Acesso em 8 nov. 2024.
- GENRO, Adelmo Filho. **O Jornalismo e a crise da objetividade burguesa**. Floiranópolis. Estudos em Jornalismo e Mídia. Vol. II, n. 1. UFSC. p. 175 a 177. 2005.

GRADIM, Anabela. **Manual de jornalismo**. Covilhã. Universidade da Beira Interior. 2000.

HALBAWCS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo Edições Vértice. 1990

HIRSCH, Marianne. **The Generation of Postmemory**. Nova York. Columbia University. p. 104 a 128. 2008.

KONRAD, Augusto Otto Kuck. **Guerra Fria Irã-Arábia Saudita: estudo de guerras de procuração na Síria**. Orientador: Gustavo Henrique Feddersen. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso de Relações Internacionais na Universidade La Salle. Canoas. 2021.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas. Editora da UNICAMP. 1990.

LEBLER, Cristiane Dall Cortivo. **Pressupostos e subentendidos segundo a Teoria da Argumentação na Língua**. Niterói. Revista Gragoatá, Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, N. 40, p. 295 a 316, 1. 2016.

MAINGUENAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. São Paulo. Parábola Editorial. 2008

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Volatilidade da interpretação: política, imaginário e fantasia**. São Cristóvão. Cadernos de Linguística, v. 2, n. 1, p. 1 a 15. 2021.

ORWELL, George. **You and the atomic bomb**. Londres. Tribune. 1945. Acesso em: 20 jan. 2025.

PEUCER, Tobias. **Os relatos jornalísticos**. DIAS, Paulo da Rocha (trad.). São Bernardo do Campo. Revista Comunicação & Sociedade. Universidade Metodista de São Paulo. n. 33. p. 199 a 216. 2000.

POLLAK, Michel. **Memória e identidade, Estudos Históricos**. Rio de Janeiro. vol. 5, n. 10, p. 200 a 212. 1992.

RECHDAN, Maria Letícia de Almeida. **Dialogismo ou polifonia?**. Taubaté. Revista das Ciências Humanas. Unitau. n. 1. p. 10 a 19. 2003)

RIBEIRO, Antonio Sousa. **Contingências de um conceito**. Vila Real. Revista de Letras, série III, n.º4., p. 13 a 21. 2022.

RIVERA, Juliana Gonzalez. **La información en la era de la posverdad: retos, mea culpas y antídotos**. Medellín. El Eafitense, edição 112. p. 48 a 55. 2017.

SARAIVA, Francisca. **A definição de crise das Nações Unidas, União Europeia e NATO**. Lisboa. Revista Nação e Defesa. n. 129. p. 11 a 30 2011.

SARLO, Beatriz. **Relato, história e memória**. Goiânia. Revista de Teoria da História.

Universidade Federal de Goiás. v. 24. n.2. p. 17 a 32. 2012.

SEIXAS, Rodrigo. **A retórica da pós-verdade: o problema das convicções**. Ilhéus EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação. n. 18, p. 122 a 138. 2019.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **O local do testemunho**. Florianópolis. Revista do Programa de Pós Graduação em História, v.2, n1, p.3 a 20. 2010.

SOARES, Murilo César. **Representações, jornalismo e a esfera pública democrática**. São Paulo. Unesp. 2009.

SOUSA, Jorge Pedro. **Tobias Peucer: progenitor da Teoria do Jornalismo**. Florianópolis. Estudos em Jornalismo e Midia, vol.1. n. 2. p. 31 a 46. 2004.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história breve do jornalismo no Ocidente**. Porto. Universidade Fernando Pessoa e Centro de Investigação Media & Jornalismo. 2008.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo. Editora Unisinos. 2001.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo - uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis. Insular. v. 2. 2005.

TODOROV, Tzvetan. **Los abusos de la memoria**. Barcelona. Ediciones Paidós Ibérica. 2000.

VENANCIO, Rafael Duarte Oliveira. **Jornalismo e linha editorial: construção das notícias na imprensa partidária e comercial**. Rio de Janeiro. E-Papers Serviços Editoriais. 2009.